

ÍNDICE

FUGA — A HISTÓRIA DE KHALED	5
Viviani Hellwald Barini	
A AUDÁCIA	13
Daisy Yumi Takeuchi	
A FESTA	20
Ewerton Cardoso Gonçalves	
MADALAINÉ ESTÁ MORTA	26
Maria das Graças Brasil de Lima	
CASAL	30
Desyrée H. Terovydes	
A TORRE E O TÚNEL	33
Vinícius Fernandes da Rocha	
ASSASSINATO DOS SANCHES	45
Débora de Souza Bizerra	
BRIGITTE E BRÂMANE	49
Caio Januário	
FAZ VINTE ANOS	51
Jaqueline Pinto de Carvalho	
UM DESEJO REALIZADO	54
Camila Noeme Salles Silva	
O CONTO DO VIGÁRIO	56
Aysla Fock	

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O CONTO DA ABELHINHA TRABALHADEIRA	64
Núbia Carolina De Oliveira Pinto	
VOO LIVRE	70
Claudio W. Rondeico	
MEMÓRIAS, DOCES MEMÓRIAS	73
Ranara Coutinho	
AULAS	81
Mônica Ap. Souza Egydio	
TARDE DEMAIS	85
Renata Feltrim	
INTERIOR DA MALA	89
Nádia Lise Córdova Lima	
O PRÍNCIPE E A PEBLEIA	96
Juliana Almeida de Sousa	
A DOR DO AMOR	101
Priscila P. Natale	
A ÚLTIMA CHANCE	103
Allyson Deraldo dos Santos	
SEPARAÇÃO	110
Edilene Carrilho	
OS OBSERVADORES	113
Karen Moura Gonçalves	
DIA PERFEITO	116
Daniela Del Rio	
ETERNA LEMBRANÇA	121
Ana Paula Mayumi Okamura	
UMA CHANCE	126
Laila O. de Souza	

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

PORTA-RETRATO	132
Francine Felício Di Benedetto	
ESCOLHA	139
Camila Ferrarini Soares	
IRONIA DO DESTINO	143
Jessica Milograna	
PARA SEMPRE DE MÃOS DADAS	147
João Vinicius Nabarro Pavan	
UM AMOR...	154
Raquel Fernandes Rodrigues	
O DIA	157
Elza Milena Maia de Matos	
O REMÉDIO	161
Danielle Cardoso	
DEVANEIOS	164
André Astroiani	
QUEM PARIU MATHEUS QUE O BALANCE	170
Yago Marcos Santos da Silva	
O ÚLTIMO SUSPIRO	172
Gabrielli Lima Pereira	
O FRUTO SECRETO	177
Bia Macedo Cavassa	
O OUTRO HOMEM	185
Greicy Machado Pedrão	
ETERNO	191
Patrícia de Lacerda Barros	
MARINA, O BOLO E A VIZINHA	204
Loise Alves Silva	

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

OS DIÁRIOS DE ANNE	209
Tatiane Talita Silva	
DISCUSSÃO NO TRÂNSITO	214
Elziane de Cássia Neves de Almeida	
SEXTO SENTIDO	217
Roberta Gomez	
INCUBUS	221
Laís Simões	
AMOR, MEU GRANDE AMOR	229
Tatiane Nunes de Araújo	
SURPRESAS DA VIDA	232
Camila Barberis Zampar	
SONHOS	234
Aline Alves de Souza	
AMIGOS À PARTE	238
Kelly Cristina Silva	
UM AMOR TUMULTUOSO	244
Natália Santos Marques	
VIAGEM DIVERTIDA	249
Tiago Mendes	
A HORA DO CRIME	253
Thaís H. C. Stéfano	
SUPERAR É PRECISO	256
Vanessa Couto	
INDEPENDÊNCIA	258
Eia Rodriguês	
EULÁLIA	263
Silmara Rocha	

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

IMAGINE	265
Felipe Souza Araújo	
O PROFESSOR DE ARTES E A APRENDIZ DE FEITICEIRA	268
Agata de Andrade	
DIÁLOGO DIFERENTE ENTRE UM CASAL NO TEMPO ANTIGO	275
Bruna de Assis	
A TÍLIA	277
Cadu Garcia	

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
FUGA — A HISTÓRIA DE KHALED

Viviani Hellwald Barini

Ele saiu para pescar em companhia do rei do Inverno quando um plano para escapar finalmente tomou forma em sua cabeça.

Khaled, um meio-elfo com a idade aparente de vinte e poucos anos, era prisioneiro de Auberon, o rei das fadas e elfos do Inverno. E havia apenas uma razão para o rapaz estar naquela situação: ele era filho da rainha da Primavera, Tytania, com um mortal, e Tytania era a amada de Auberon, ou seja, a utilidade de Khaled era a de impedir que a rainha da Primavera fizesse algo contra o rei do Inverno. O que era um motivo bem plausível.

O meio-elfo, no entanto, esperou que retornassem ao palácio, lugar bem guardado e o único onde ele podia ficar livre dos grilhões que quase sempre o prendiam a alguma das Fadas das Neves, antes de conversar com Puck.

— Bom amigo Puck, conte-me como minha mãe está, pois se estiver bem preciso que lhe diga que necessito da ajuda dela logo mais. — O jovem e o elfo solitário, este último não pertencente a nenhuma das outras cortes e servo de ninguém além de si mesmo, eram amigos de longa data, desde que Puck resolvesse pagar uma dívida para com Tytania protegendo-o enquanto estivesse sob o poder de Auberon.

— Sua mãe está bem, garoto, mesmo com todos os planos da rainha do Outono, Meab, para matá-la e assim tentar ter o poder da Primavera também para si. Porém, ainda que não estivesse

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

bem, sabe que sua mãe não hesitaria em te ajudar.

Nervoso, Khaled passou a mão pelos longos cabelos negros que ocultavam suas orelhas ligeiramente pontudas, único traço que o diferenciava de um humano normal, já que puxara toda sua aparência do pai, ainda que sua natureza interior fosse uma dádiva da mãe.

— Não seria melhor que soubessem que só poderá ascender ao trono da Primavera uma herdeira de sangue?

Puck, um elfo com cerca de um metro e meio, aparentando quarenta anos, com cabelos encaracolados verde-azulados, coçou a região atrás de uma das orelhas antes de responder:

— Se disso soubessem, matariam qualquer herdeira que sua mãe desse à luz para depois a matarem. Pois bem sabe que se não houver herdeiras e a rainha morrer, o trono irá para a herdeira de sangue mais próxima: a rainha Meab.

Sim, posto que, ainda que fossem totais opostos uma da outra, a rainha da Primavera e a do Outono eram irmãs.

— Não falemos mais disso por enquanto. — Realmente, o assunto de sua mãe ser morta pela própria irmã não era um sobre o qual Khaled gostasse de discutir. — Puck, diga à minha mãe, por favor, que precisarei de seu auxílio para me libertar na noite em que o Inverno dá lugar à Primavera. É a melhor chance que tenho para fugir daqui.

Com não mais do que um breve aceno de cabeça, Puck saiu do quarto do meio-elfo mais silenciosamente que a menor brisa.

Sim, era na noite do festival das fadas, na noite do Equinócio da Primavera, também conhecido como Ostara, que Khaled iria finalmente fugir, nem que seu destino fosse o mundo dos

humanos.

Khaled saiu de trás de um arbusto que ficava entre duas árvores próximas, ajeitando as roupas e cabelos, logo seguido da Fada das Neves que estava presa a ele naquele dia: Nina.

Não era uma prática incomum o rapaz deitar-se com as fadas a ele acorrentadas. Na verdade, parecia haver certa disputa entre elas para ver de quem era a vez de acompanhá-lo quando saísse do palácio.

— Khaled, querido, sabe que o rei Auberon deu permissão para que você perca quaisquer festivais de que não queira participar para ficar no palácio, então por que não voltamos para lá e passamos o resto da noite no seu quarto? — Sempre insinuante, Nina abraçou o meio-elfo e depositou-lhe um beijo na junção do pescoço com o ombro, quase o fazendo desejar que pudesse mesmo fazer isso.

Quase.

Khaled soltou, relutante, os dedos finos que se agarravam à frente de sua roupa, assim afastando-se do frio reconfortante do corpo da fada. Tinha de resistir às tentações se quisesse se livrar do controle de Auberon.

— Há tempos não vejo um festival desta magnitude, Nina. Gostaria pelo menos de presenciar a dança das fadas antes de irmos. Tudo bem? — Ele apertou-lhe levemente as mãos, com um sorriso assegurador nos lábios.

Nina, que tinha ficado amuada diante da recusa do rapaz, animou-se um pouco mais com aquela proposta.

— Agora olhe ao nosso redor. Veja como a floresta está linda

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
com as decorações de Ostara. — E virou a Fada das Neves de
forma que ela ficasse de costas para o seu torso, assim permitindo
que ela visse todo o cenário.

O meio-elfo estava realmente certo. As copas de todas as
árvores da floresta estavam cobertas de flores que brilhavam
suavemente com as mais diversas cores. A grama era do mais
resplandecente verde e ressaltava as trepadeiras de flores que
pendiam dos galhos das árvores, formando lindas cortinas
perfumadas. Fadas e elfos de todas as quatro Cortes estavam
presentes, quer conversando, quer terminando os preparativos
para o festival. Somente seus soberanos estavam ausentes por
enquanto.

Pelo canto do olho, Khaled avistou Puck, que acabara de
chegar, e este lhe assentiu brevemente para confirmar que tudo
estava indo de acordo com o planejado até agora.

Então, finalmente, os trompetes começaram a tocar,
sinalizando a chegada dos monarcas das fadas e elfos.

Pelo lado oeste da clareira de dança entraram a rainha do
Outono, Meab, acompanhada pelo rei do Verão, Lucius. Este
com os cabelos castanhos meio compridos coroados com raios de
sol e asas douradas, aquela com os cabelos cor de cobre intenso,
compridos e encaracolados, adornados de folhas alaranjadas
e uma coroa de feixes de trigo, suas asas vermelhas. Ambos
se dirigiram aos respectivos tronos para de lá apreciarem a
celebração.

Pelo sul entrou Auberón, com os longos cabelos brancos
soltos, escorrendo por suas costas, uma coroa de gelo em forma
de flocos de neve adornando-os, e asas azuladas cobertas de

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

pequenos sincelos. Ao contrário dos outros soberanos, ele postou-se no centro da clareira, fitando com os olhos cinzas o lado oposto ao que viera.

De lá saiu Tytania, seus longos cabelos dourados e ondulados esvoaçando levemente pelo vento criado pelo bater de suas asas rosas cintilantes, e o perfume de sua coroa de flores intensificando o aroma da floresta. Ela dirigiu-se até o rei do Inverno, tomando-lhe a mão estendida.

— Tytania, é bom vê-la novamente. — Auberon depositou um cortês beijo no dorso da mão dela.

— Gostaria de dizer o mesmo, Auberon. — Ela olhava-o com frieza, os olhos cor de esmeralda acusadores.

— Não guardemos rancores neste dia de festa, minha querida. Agora vamos, a música já vai começar.

E levou somente o tempo de ele tomar a rainha da Primavera nos braços para a melodia soar. Esta, que por sua vez, não vinha de nenhum lugar em particular, sendo produzida pela própria floresta, ergueu os dois monarcas em uma espiral de magia enquanto eles dançavam, impedindo que saíssem dali até a cerimônia ter terminado.

Era agora ou nunca.

— Pensando melhor, Nina, você estava certa. Vamos voltar para o palácio, sim? Sempre haverá outros solstícios, enquanto que não sei quanto tempo ficaremos juntos. — Não havendo protesto por parte da fada, Khaled colocou um braço ao redor de sua cintura e a conduziu para longe dali.

Quando já estavam a uma distância razoável das celebrações, Puck saltou de uma árvore e aterrissou bem em frente a eles,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

assoprando um pó dourado no rosto de Nina antes que ela pudesse processar direito o que estava acontecendo.

O meio-elfo amparou a Fada das Neves posta para dormir e a depositou gentilmente na grama aos seus pés, enquanto Puck tirava uma esfera de energia rosada de uma caixa de madeira e com ela abria os grilhões que prendiam o rapaz.

— Sua mãe sente muito que este seja o único presente que ela já lhe deu, porém foi de coração, já que somente a magia de um dos quatro monarcas pode soltar essas correntes.

— Quando a encontrar de novo, Puck, por favor, diga-lhe que este foi o melhor presente que já ganhei em minha vida: a liberdade

— Não se preocupe, direi-lhe. Agora, você sabe para onde ir, certo? Cruze a floresta até a parte proibida, lá você encontrará um espelho que se abre para as outras diversas dimensões em noites como esta e aceita apenas uma passagem por noite. É só atravessá-lo e você estará longe daqui. Minha dívida está paga, também ganhei a minha liberdade. — E com isso ele desapareceu, livre para fazer o que bem entendesse.

— Adeus, meu bom amigo. Sentirei sua falta. — Khaled disse quando o elfo já desaparecera.

Com um baque, a caixa de madeira com a magia da mãe caiu aos seus pés. Sem perder mais tempo, ele a pegou e começou a correr.

O meio-elfo já cobrira uma grande distância quando ouviu o barulho dos mastins se aproximando. Conhecia bem aquele som tão temido quanto a morte, já o vira em ação: os cães da rainha

Meab.

Ele aumentou sua velocidade, que já não era pouca, porém as bestas eram mais rápidas e ganhavam distância.

A luz da lua se refletia em um ponto logo à sua frente, e Khaled sabia que o espelho estava perto, só precisava alcançá-lo. No entanto, os mastins estavam ainda mais próximos, e um deles acabara de avançar sobre seu tornozelo, derrubando o rapaz, antes de a besta ser explodida por um raio de luz junto com o outro cão.

— Vá, você está quase lá. Aproveite que Auberon ainda está preso pela dança de troca de poder. — O rei Lucius dizia enquanto puxava Khaled pelo braço e o colocava em pé.

— Obrigado, — o meio-elfo murmurou, retomando sua corrida mais devagar do que antes, o tornozelo sangrando.

De repente, a terra começou a secar, como se há anos não visse uma gota de água, e a ceder sob seus pés. Rapidamente, o rapaz abriu a caixinha que ainda carregava e jogou um pouco do poder de sua mãe sobre a terra, a qual se transformou em um rio caudaloso e o carregou para mais perto do espelho.

Khaled conseguiu sair do rio a meros dois metros do objeto que tinha de atravessar e, contra o seu bom senso, olhou para trás. De alguma forma, Meab conseguira aprisionar Lucius em um casulo de espinhos tempo o bastante para armar uma flecha negra em seu arco de caça, flecha esta que estava apontada para o coração do meio-elfo.

Paralisado por aquele brilho assassino nos olhos da rainha do Outono, o rapaz não conseguia pensar em nada, só ouvia o zumbido daquele objeto mortal vindo em sua direção. Até

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

demorou um pouco para assimilar o que era a massa azulada que se colocou bem na sua frente quando o projétil estava prestes a atingi-lo.

Nina.

A Fada das Neves, alvejada pela flecha destinada a matá-lo, com suas últimas forças, empurrou Khaled na direção do espelho, fazendo com que o meio-elfo o atravessasse e fosse sugado por um túnel multicolorido até aterrissar em uma superfície dura e perder a consciência.

O sol ia alto no céu quando Khaled finalmente acordou.

Estava caído sobre a grama que ficava sob algumas árvores estranhas bem afastadas umas das outras. Ficou ali deitado só pensando em como Nina havia se sacrificado para que ele pudesse escapar em segurança, e que não pudera fazer nada por ela. O que mais teria acontecido depois que ele fugira?

Depois de quase uma hora pensando nos acontecimentos, o rapaz se pôs de pé e pôde ver ao longe três tetraedros gigantes, grandes construções, um ao lado do outro. Ali era sua casa, o seu mundo agora.

E saiu andando em busca de sua nova vida, sem nunca mais olhar para trás.

A AUDÁCIA

Daisy Yumi Takeuchi

— Você vai? — perguntou Mari.

— Mas não quero ir! Precisamos estudar para aquele trabalho, não se lembra, Mari? — respondeu Luciana.

— Ah! Mas para aquilo ainda tem tempo! Relaxa! Vamos nos divertir no sítio!!! Vai ser só uma semana! Na semana do saco cheio!

— Relaxa que é só o nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) também! Nós só temos até o final do ano para entregar e só estamos em junho. Temos só seis meses para finalizar o trabalho de apenas quatro anos!

— Ai! Você encana muito! Eu vou e depois a gente vê esse negócio aí, tá?

“Isso não vai dar certo!” — pensou Andrei que ouviu a conversa a poucos passos de distância. Ele sentia como se duas pessoas de seu grupo, composto por cinco membros, não estivessem muito interessadas em nada que dissesse respeito aos trabalhos em geral, não apenas ao TCC. Mariana não se importava muito, pois seu grupo sempre dava um jeito e nunca precisava mover um dedo para que isso acontecesse. Bruno pensava que a faculdade de nada lhe serviria, pois aquilo tudo era só para pegar um papel, afinal, seu pai já tinha dito que não faltariam lugares para trabalhar. O quê adiantaria tanto esforço se no final bastava uma boa indicação? Pensando desta forma,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Mariana e Bruno dificilmente colaboravam com Andrei, Thaís e Luciana, e quando faziam alguma coisa, precisava ser feito pelos três, logo, Mariana e Bruno mais atrapalhavam do que ajudavam.

Os trabalhos que faziam sempre eram divididos para não sobrecarregar nenhum integrante e caso um não conseguisse terminar dentro do prazo os demais ajudariam, no entanto, Mariana e Bruno faziam de qualquer jeito. Thaís e Luciana já estavam saturadas com tanta falta de consideração, mas Andrei, líder do grupo, sempre colocava um pano quente para apaziguar e para não acabar com a amizade formada. Os cinco eram bons amigos, só havia atritos quando se falava em estudos. Andrei prezava a amizade de todos, mas sabia que a situação estava cada vez mais delicada.

Quando Mariana e Bruno voltaram da viagem ao sítio e encontraram-se com os demais na faculdade, chegaram animados e começaram a conversar:

— E aí, galera! Como foi a semana de vocês? — perguntou Bruno.

— Estudamos bastante, adiantamos boa parte do trabalho. Foi bem produtivo, né, Há? — respondeu Lu.

— Verdade! Só de pensar em que fazemos bastante e ainda falta muito mais... Ai, ai! Mas e vocês? Como foi no sítio? — disse Thaís.

— Foi o MÁXIMO!!! — respondeu Mariana e Bruno assentiu com a cabeça.

— Nossa! Me conta! Por quê? O que aconteceu? — disse Thaís e Luciana e Andrei ouviam interessados.

E colocaram a conversa em dia e, ao final, decidiram marcar

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

para tarde seguinte uma reunião na faculdade para que Mariana e Bruno ficassem por dentro das tarefas.

Andrei e Thaís eram os únicos que trabalhavam, tiveram de sair correndo para chegarem a tempo no horário combinado. E quando chegaram, encontraram Luciana sozinha no local.

— Cadê eles? — questionou Andrei.

— E você ainda pergunta? — Luciana respondeu irritada.

— Eles devem estar a caminho. Vamos esperar.

— Andrei, só você não percebe! — disse Thaís. — Ops! Acho que pensei em voz alta...

— Percebe o quê? — Andrei perguntou curioso.

— Que eles não estão nem aí! — respondeu Luciana. — Adoro eles, mas está muito difícil de fazermos trabalho desta forma. A gente faz tudo e eles ganham nota as nossas custas?

— O que você sugere, Lu? — perguntou Andrei.

— Vamos jogar limpo! Falar para eles que do jeito que está não dá para continuar. Você e a Thaí que trabalham se matam para fazer as coisas e fazem tudo certo, por que eles que não fazem nada, estão de cabeça fria, pois ficaram uma semana no sitio, no bem bom, não podem ao menos chegarem no horário para ficar a par do que NÓS fizemos nesta semana? É muita falta de consideração.

— O que você acha, Thaís? — perguntou Andrei.

— Eu gosto muito deles, acho que se conversarmos a coisa vai mudar. Poxa! Somos amigos, não é?

— Ok! Então, quando eles chegarem a gente fala para eles, damos esta chance.

— Se vierem, né... — retrucou Luciana.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Enquanto esperavam discutiram mais um pouco e uma hora depois, no horário da aula Mariana chegou e disse que Bruno não iria para aula.

— E por que vocês não vieram ao nosso encontro no horário marcado? — perguntou Luciana.

— Ai! Desculpa! Esqueci! — respondeu Mariana.

— E o Bruno? Você sabe? — perguntou Andrei.

— Ele disse que não estava a fim de vir para aula e não veio.
— respondeu Mariana.

Naquele instante Andrei olhou para Luciana e Thaís rapidamente, percebeu a expressão de indignação de ambas e se deu conta de que precisava fazer alguma coisa, mas não sabia o que fazer sem prejudicar a amizade de todos. O trabalho precisava continuar, porém, como fazer prosseguir sendo que um não ajudava o outro e isso era a base de tudo?

— Mari... — disse Andrei calma e pausadamente — Tudo bem. Desta vez passa. É a última vez, você e o Bruno precisam nos ajudar. Precisamos de vocês no grupo. Somos cinco e não três.

— Ok, Andrei, Thá e Lu... Já entendi tudo. Vamos para aula agora? — e todos foram para aula.

Thaís percebeu o quanto tudo aquilo estava mexendo com a cabeça de Andrei e esperou por um momento oportuno para conversar com ele.

— Ei! Não fica assim, se preocupando à toa, viu! — Thaís disse a Andrei carinhosamente.

— Oi, Thá! Relaxa! Estou bem. E você? Como está se sentindo após o que disse para Mari?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Esperar para ver, né?

— Pois é. A esperança é a última que morre...

— E a primeira que mata.

— Mas vai dar tudo certo! Você verá!

— Até amanhã! — e cada um foi para sua casa.

No dia seguinte, Andrei chegou um pouco mais tarde do que o comum à faculdade e ouviu uma discussão entre Mariana, Bruno e Thaís e Luciana.

— Vocês precisam nos ajudar! — reclamava Luciana.

— A gente ajuda! Vocês que gostam de refazer tudo que fazemos. — retrucava Bruno.

— Belos amigos vocês, que não estão nem aí para os nossos esforços. — desabafou Thaís.

— Vocês sabem que só fazem trabalho conosco, porque o Andrei gosta muito de vocês, pois se dependesse de mim... — ameaçou Luciana.

— Se dependesse de você, continuaria assim, porque vocês dependem do Andrei e ele não teria coragem, jamais, de nos tirar do grupo. — retrucou Mariana e um silêncio tomou conta deles. Neste momento, Andrei entrou na sala, como se não tivesse escutado nada e agiu da mesma forma.

— Oi, pessoal! Amanhã tem prova, né? Como vocês estão? Vamos vir mais cedo para estudarmos? Estou meio fraco na matéria... — Andrei falou assim que chegou.

— Vamos sim! — respondeu Thaís — Estou precisando mesmo dar uma revisada na matéria.

— Andrei... — chamou Luciana.

— Fala, Lu!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Do jeito que está não dá mais. Não quero mais fazer trabalhos com a Mari e o Bruno.

— Mas eles estão tentando mudar.

— O que você quer, Lu? Expulsar-nos do grupo? Os incomodados que se mudem! Saia você! — desafiou Bruno.

— Cala a boca, Bruno! Isso são modos de falar com a Lu? A Luciana e a Thaís estão certas! Não dá mais para aguentar a folga de vocês dois!

— Mas você vai nos deixar na mão agora? Como que faremos o trabalho em seis meses? — chantageou Mariana.

— Tivessem pensado nisso antes! Demos a chance para vocês e vocês nada fizeram achando que eu não teria coragem de fazer isso, nunca, por prezar nossa amizade. Mas me dei conta de que eu prezo por ela e vocês não. Vocês estão fora do grupo. Só nós três éramos quem fazíamos os trabalhos, nada mais justo do que nós três ganharmos as notas. Daqui para frente, vocês dois são um grupo e nós três outro. Não gostaram? Só lamento! Aguentamos, carregamos vocês até onde deu, não dá mais! Entendam que amigos, amigos, trabalhos à parte.

— Mas, Andrei... — Mariana tentou dizer alguma coisa e Andrei a impediu.

— Já foi a vez de pedir, de escutarmos. Agora é isso e pronto! Se virem da mesma forma que nos viramos todas as vezes que vocês esqueciam os trabalhos.

E Andrei saiu da sala, andando rápido. Thaís e Luciana se entreolharam, surpreendidas com a atitude de Andrei e saíram correndo atrás de Andrei. Mariana e Bruno ficaram na sala. Perplexos, surpreendidos e sem saberem o que fazer...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

A FESTA

Ewerton Cardoso Gonçalves

Não peço para que acreditem nos fatos que narrarei a seguir. Na verdade, poucos acreditarão no que direi, pois tais fatos podem assustar até mesmo aqueles que dizem não temer nada, aqueles seguros de si mesmos. Contarei minha história, tentando não negar nada do que aconteceu, não omitirei nem mesmo os pensamentos que me assolavam na época.

Há 10 anos, estava ainda em meus estudos, trabalhando e vivendo normalmente, em uma época em que um “eu” interior ainda não tinha se mostrado nem mesmo a mim.

Estava no meio do meu curso na faculdade, tinha amigos e família, tudo corria muito bem... Corria muito bem até encontrar alguém que faria meu coração diferente: Lilian.

Ela estava um ano à frente no mesmo curso que o meu, era bonita, tinha olhos conquistadores e chamativos, e seu sorriso era apaixonante. Estava sempre rodeada de amigas e amigos, e parecia viver muito bem.

Eu, que sempre fui muito tímido, não fazia idéia de como poderia falar com ela, e com certeza, era algo que eu queria acima de tudo naquele momento: conhecê-la. Apesar de ter muitos amigos, nenhum a conhecia, e minhas chances de falar com ela diminuía a cada dia que passava, afinal, nossas provas estavam chegando, e com isso, muitos não saiam de casa e ficavam o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
tempo todo estudando, onde quer que estivessem.

Porém, o destino me presenteou com a melhor coisa que eu poderia ter desejado naqueles dias: uma festa. Eu nunca gostei de festas, sou tímido, e bebidas, som alto e bagunça, para mim, não fazem uma boa combinação, nem mesmo uma boa noite. Porém, eram circunstâncias diferentes, eu queria conhecê-la, e certamente haveria a oportunidade de conversar com ela em uma festa, afinal, é um momento de conhecer gente nova e divertir-se.

Então, decidi-me, iria àquela festa e falaria com ela custasse o que custasse. Os dias demoraram a passar, os minutos se arrastavam, e o nervosismo aumentava a cada dia que passava.

A festa era o assunto de todos, todos os alunos estariam lá.

Finalmente, com o passar de tempo mais demorado que já possa ter existido para mim, o dia da festa chegou, e com ele, o ápice do meu nervosismo em conhecer Lilian.

A noite chegou, e como eu sabia que essas festas viravam a noite, resolvi que seria melhor chegar um pouco mais tarde ao local, afinal, ninguém chegava no horário mesmo.

Quando cheguei, a festa já havia começado, muitos estavam lá, e muitos ainda chegariam até o fim da festa. Quando entrei, procurei por Lilian em toda parte, ficaria por perto, até realmente criar coragem e ir conversar com ela de uma vez por todas.

Encontrei-a: estava sentada em um sofá, no fundo do salão, com suas amigas, bebendo, conversando e rindo.

Depois de um longo tempo, algumas bebidas, organizado os pensamentos, finalmente me levantei e fui até onde Lilian estava.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Parei em frente a ela e suas amigas, eu sabia que tinha de ser mais extrovertido do que era, e então, me sentei ao seu lado, sorrindo, como se algo muito engraçado estivesse acontecendo.

E, na mais humilde das minhas intenções, abri um sorriso direto a Lilian e disse:

— Oi.

— Oi — Ela disse — O que você pensa que está fazendo?

— E... Eu vim me juntar a vocês... — Meu nervosismo começara a aflorar novamente — Estava sozinho, e achei que vocês não ligariam de ter mais alguém no grupo.

— Ah, você achou isso foi? — Disse uma amiga de Lilian, que estava ao seu lado.

Nesse momento, eu já havia me arrependido de tudo, mas ainda havia a chance de Lilian começar a conversar e esquecer o fato de eu ter entrado no meio de sua conversa e atrapalhado todo o assunto.

Porém, nesse momento, chegaram alguns garotos, os piores que poderiam haver, do tipo que você sabe o que são somente de olhar para eles; eles chegaram, pegaram cada uma das amigas de Lilian pela mão. Um deles pegou Lilian, e saíram dali.

Naquela hora, tudo se arruinou para mim. Lilian estava com outro garoto e não comigo. E apesar de saber que eu nem mesmo a conhecia, a dor que se apossou de meu coração foi mais forte do que os pensamentos de lucidez que havia na minha cabeça.

Corri daquele lugar para o meu carro, inconformado com tudo aquilo que havia acabado de passar comigo. Não fazia sentido, o que teria feito de errado? Uma voz em minha cabeça

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

continuava a me dizer: - Você não deveria ter chegado lá sem mais nem menos, deveria ter pensando em alguma outra solução, ou, pelo menos, algum outro modo de conseguir chegar perto dela e começar uma conversa normalmente. Não só chegar lá e começar a conversar, achando que todas aceitariam ser suas amigas de repente.

Mas, havia outra voz, que começava a berrar dentro de mim, uma voz má, eu sabia que era a minha voz, havia de ser. Era uma voz que tinha ódio no tom, e que gritava incessantemente:

— Vá, corra atrás dela, vingue-se por não ter conseguido o que quis! Vingue-se porque você teve a melhor das intenções com alguém que não merecia! Vamos, deixe de choramingar por aqui e vá resolver isso de uma vez por todas!

Eu dei ouvido a essa voz.

Saí apressado do carro, abri o porta-malas e peguei uma chave de fenda.

Fechei-o com força e corri para onde sabia que estavam todos aqueles casais que saíram na minha frente: o jardim nos fundos.

Quando cheguei, notei que só havia um casal, não pude ver o rosto, mas aqueles longos cabelos jamais iriam me confundir: era Lilian e seu namorado.

Eu não consegui pensar em mais nada, a não ser no sentimento de que devia me vingar por terem me feito passar tal vergonha.

Apesar da enorme euforia que estava sentindo, caminhei calmamente e cheguei o mais próximo que pude sem ser notado, e, em um ato de total insanidade, ataquei Lilian com o cabo

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

da chave de fenda; atingi-a na nuca e ela caiu inconsciente no chão. Seu namorado, que eu não sabia o nome, depois de alguns segundos parado, perplexo, resolveu reagir, e veio para cima de mim. Chutei-o na altura do estômago, e, logo em seguida, acertei um soco no nariz dele, ele caiu.

A cada movimento que fazia me sentia mais feliz e insano.

Com os dois no chão, arrastei-os mais adentro do jardim que, mais ao fundo, se perdia em muitas árvores. Quando os arrastei para longe o suficiente, coloquei-os lado a lado, e de pé, contemplei os dois, caídos, inconscientes. Pensei que gostariam de morrer assim, juntos.

Agachei-me perto deles, um sorriso demente saltava em meu rosto. E com rápidos movimentos, assassinei os dois, ali, com a chave de fenda.

Ataquei-os vezes suficientes para ter certeza de que não se levantariam mais. Quando terminei, levantei-me, olhei para os dois, ensanguentados e sem vida.

Larguei a chave de fenda ao lado deles. Reparei que estava completamente sujo de sangue por todo o corpo.

A felicidade me dominava, mas agora que tudo havia passado, o meu eu verdadeiro estava voltando, e estava se dando conta do que havia acontecido. Achei que devia correr, e assim o fiz. Corri para dentro do salão, e passei por todos, que olhavam perplexos para mim, sujo de sangue, correndo. Muitos gritaram, mas quando cheguei à porta, fui barrado por alguns homens, e vi luzes coloridas: alguém havia visto o que fiz, e já se adiantara em chamar a polícia.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Quando fui jogado no chão, sabia que tudo havia acabado, reconheci que no momento em que deixei a loucura que existe dentro de todos os homens me dominar, eu havia perdido toda minha vida.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

MADALAINE ESTÁ MORTA

Maria das Graças Brasil de Lima

Madalaine estava morta... mas ele sabia que o mundo não pararia por conta de seu sofrimento.

Arrastou seus pés pela cama e desgrudou a cara do travesseiro como velcro.

Levou sua carência até o outro lado do quarto e pressionou o interruptor, a luz acendeu cortando sua vista e revelando o que ele havia se tornado ao longo daquele tempo.

Mexeu os dedos dos pés, suas unhas estavam enormes, seus pés pareciam portar várias lâminas que o incomodavam quando ele deitava, raspavam pelo lençol e davam agonia em seus dedos. O tênis já lhe doía, as meias já rasgavam. Era assim desde que Madalaine se foi, parte dele se foi junto, o cuidado e a vaidade lhe escaparam. Não fazia outra coisa se não fumar, beber e deixar a barriga crescer. Estava gordo e pegajoso. Não era assim quando ela estava viva, e ele nem se importava com nada disso, não ligava mais para a saliva que acumulava na boca.

Escovou os dentes, apesar da preguiça, e foi comprar pão... era cedo ainda.

Seus passos lentos e pesados revelavam alguém que já não tinha mais vontades. Já não cumprimentava o porteiro do prédio, na verdade já não falava com mais ninguém, só com sua mãe que sempre dizia que ele precisava se recuperar, e ele respondia que Madalaine estava morta e que, apesar do mundo não parar por

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

sua dor, ele estava estagnado e amordaçado.

Caminhou até a padaria.

— Dois pães franceses.

— Um litro de leite.

— Não. Não esse de caixinha. Aquele de saquinho, ali!

— Leite “C” que é mais barato.

— Isso.

Comprou mais dois maços de cigarro, dois maços de “Califórnia mentolado”. Antes de sair pediu uma dose de Vodka, pura, sem acrescentar nada.

Não ficou no balcão porque queria fumar. Então, com o copo, foi para fora e sentou-se na guia. A bebida já não lhe queimava mais a garganta.

Bebericava, quando olhou para cima e viu alguém.

Madalaine.

Era ela.

Igual... olhos azuis, pele branca, cabelos ruivos, olhar lânguido.

Ele a encarou pasmo. Não era possível, ela ali, parada a sua frente. Mas ela estava morta e ninguém mais do que ele tinha absoluta certeza disso.

Madalaine estava morta, e o mundo não havia parado pela sua dor.

Levantou-se da guia e tragou o cigarro enquanto a menina estava a sua frente.

— Oi.

— Oi.

— Como está?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Assustado.

— Com o quê?

— Você... você está morta...

(Ela riu cheia de cinismo).

— Acho que você não precisa continuar agindo assim. Já passou tanto tempo.

— Tempo?

(Ele estava confuso).

— Acho que você não consegue aceitar as coisas, você é como uma criança. Sempre será uma criança. E eu que vim falar com você, achando que esse ódio infantil havia passado. Engano meu.

— Quem é você?

(mais confuso).

— Hahahahahahaha!!! você não muda, fica nesse seu mundinho isolado da realidade, já não me importo mais.

Ela se virou e foi embora.

“Não era ela”, ele pensava.

Não poderia mesmo ser, ele era o único que tinha absoluta certeza de que Madalaine estava morta, mais ninguém.

Voltou para casa, devorou os pães, assistiu a TV por todo o resto do dia, pensou na mulher parecida com Madalaine, resolveu ir dormir.

Arrumou as cobertas em cima da cama e desligou o abajur.

Acendeu o isqueiro, fazendo uma fraca e pequena luz amarelada, fúnebre e triste. Abriu com dificuldade as portas daquele armário que apenas ele conseguia abrir, e que Madalaine também um dia conseguiu.

Ele se encolheu e adentrou, jogou algumas roupas para o lado

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

e lá estava.

Sentou se.

Afastou os cabelos dela do rosto.

Lá estava o decomposto e ressequido corpo de Madalaine.
Morto. Sem nada. Sem um pingo de vida nos olhos que um dia
refletiam seu amor.

No escuro do sono, o mundo parou pelo seu sofrimento.

Madalaine estava viva.

Ele sorriu.

Ele dormiu.

CASAL

Desyrée H. Terovydes

A mulher, com um sorriso no rosto, entra silenciosamente no quarto onde fica o computador de seu marido e onde o mesmo estava. Observa-o por alguns instantes, olha em sua volta e vê todo o cuidado que ele tem com seus objetos, livros e fotos. As fotos escolhidas para as molduras provavelmente lembravam-no do que já havia vivido de melhor, as quais na sua maioria ela não estava e nem se lembra de pelo menos ter tirado o retrato.

Resolveu que aquele era o momento e se fez notar por um simples toque na cadeira que ele estava sentado desde que chegou ao apartamento.

— Ah! É você! — disse virando rapidamente para trás — Que susto!

— Já estava aqui há um tempo, mas reparei que não notou.

— Por que não disse alguma coisa? Estava concentrado, tenho uma reunião importante amanhã. Temos café? Não sei se conseguirei dormir esta noite.

Ela sabia que alguma coisa importante aconteceria amanhã e que ele não poderia dormir na cama dos dois, mas poderia dormir debruçado na mesa do escritório. Ele era previsível, mas queria testá-lo.

— Sim, temos café.

— Você poderia...

— E se eu disser que não?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Que não? Que não temos café?

— Não. Que não faria o café para você?

— Tudo bem. Não precisa fazer.

Ela sabia. Para ele sempre está tudo bem. Queria saber se realmente estava tudo bem para ele ou se no fundo seu marido percebia o que estava acontecendo. Ela precisava testá-lo.

— Então não farei.

— Tá!

— Você vai fazer o café?

— Não. Não quero mais.

Ela sabia. Ele não queria café, ele queria que ela sáísse do escritório. Dessa vez ela não sairá, não fará o café e continuará a testá-lo.

— Se eu fosse sumir daqui alguns instantes, o que você diria para mim?

— Não entendi. Do que você está falando? — perguntou olhando para o computador.

— Eu fiz uma pergunta. Quais seriam as suas últimas palavras para mim se eu fosse desaparecer daqui a pouco?

— Querida, você não irá desaparecer daqui a pouco e eu estou muito ocupado com a reunião de amanhã, você sabe disso. Podemos conversar depois? — falou ainda com o olhar fixo na tela.

— Não. Depois quando? Quando eu já tiver ido embora?

Essa seria a última questão do teste. Estava tudo pronto e decidido caso tudo acontecesse como esperado. Ela iria embora, não podia mais aguentar aquela indiferença. Por mais ocupado e preocupado que ele estivesse, ela só queria que ele a visse não

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

apenas como sua esposa, mas como uma pessoa que precisa de atenção.

— Por favor! Não comece com as suas perguntas que eu nunca entendo. Agora não é o momento. Estou trabalhando não apenas para mim, mas para nós. Eu realmente preciso responder essas coisas a essa altura da noite e tendo que montar todo o relatório de uma reunião que acontecerá logo de manhã?

— Desculpa, você não precisa. Claro que não. — ela olhou para o chão, foi o único momento que não olhou para ele.

— Que bom que você entende.

Talvez ela estivesse sendo muito dura com ele. Talvez aquele não fosse o melhor momento, afinal ele trabalhou o dia inteiro. Ela não se sentiu justa.

— É...

— Ainda tenho muito que fazer. Mais alguma coisa?

— Você não quer o café?

Ele sabia.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

A TORRE E O TÚNEL

Vinícius Fernandes da Rocha

A casa erguia-se imponente sobre as outras do vilarejo. Era feita quase toda de madeira e a cor amarela a destacava, juntamente com um belo jardim à entrada. Outro aspecto que chamava a atenção era a bela e alta torre ascendendo a um canto. Além de ser a mais bonita construção daquela vila, ali morava a família mais rica do local, composta pelo casal Antônio e Maria e, sua filha de dezenove anos, Mariana.

A família era rica e muito reservada, só mantinha contato com a mais alta elite de sua vizinhança e, quando eles saíam, atraíam os olhares das pessoas nas ruas. Principalmente a filha, que era bela, alta, com longos cabelos castanhos que lhe caíam pelos ombros, e olhos verdes que causavam delírios nos rapazes.

Aproveitando que falamos dela, vou contar o “hobby” preferido da moça. O jardim da casa, com rosas, margaridas e diversos outros tipos de flores que não necessitam aqui ser retratados, fora montado por um pedido seu quando tinha sete anos de idade. Desde criança, tivera um gosto peculiar por jardinagem e, desde a criação do jardim, ela passara a gastar grande parte de seu tempo ali, regando as flores, colhendo-as, plantando...

E um acontecimento que vale ressaltar aconteceu justamente neste jardim, quando Mariana estava sentada, admirando as flores ao seu redor, sentindo seu aroma. A moça estava tão distraída,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

que não viu o rapaz passando em frente à sua casa. Ele até mesmo começou a andar mais devagar, apreciando a beleza dela. Sabia que não devia parar ali, pois aquela era a casa da família inimiga da sua. A causa dessa inimizade não lhe fora contada, somente que as duas famílias não se davam muito bem. No entanto, a beleza de causar estupor da jovem o fez ficar ali, sem reação.

Mariana levantou o olhar e percebeu o rapaz parado diante de cerca de sua casa, olhando-a. Ela escondeu um sorrisinho tímido e se levantou, aproximando-se dele.

— Pois não?

— Ah... — atrapalhou-se o rapaz, e Mariana achou a falta de fala dele um tanto quanto atraente. Ela olhou-o bem, analisando seus cabelos negros e lisos caindo sobre a testa; seus olhos, tão escuros quanto. — Estava passando e não consegui continuar o meu caminho. Sua beleza é como algemas.

Os dois apaixonaram-se um pelo outro. No entanto, a inimizade entre suas famílias proibia o seu romance. Mantinham o relacionamento às escondidas, raramente se encontrando e trocando mensagens por meio de garotos mais novos do vilarejo, que executavam o trabalho por um ou dois tostões.

Em uma noite de inverno, quando a maioria da vizinhança já estava dormindo, Mariana arrumou-se em seu quarto (que ficava na torre da casa) e caminhou sorrateiramente até sair de lá. No jardim, ela o viu. Pietro, o seu amado.

— Pronta? — indagou o rapaz, sorrindo.

— Pronta — respondeu ela, num sussurro.

Os dois foram caminhando de mãos dadas até a praça no centro da vizinhança. O único som que ouviam era as folhas das

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

árvores ao seu redor farfalhando ao vento. Ficaram ali durante algumas horas, trocando carícias e conversando as besteiras que somente duas pessoas apaixonadas são capazes de dizer.

Continuaram se encontrando naquele local por várias e várias noites, sem incidente algum acontecer. Porém, uma vez quase foram surpreendidos por uma pessoa que passava por perto. Pietro reconheceu o amigo de seu pai e se escondeu com Mariana atrás de uma árvore. O homem que andava apenas a alguns metros de distância do casal parou e olhou ao seu redor, desconfiado. Pietro e Mariana prenderam a respiração, desejando que ele continuasse seu caminho; no entanto, o homem aproximou-se deles cautelosamente. Pietro tomou uma decisão precipitada e saiu subitamente de trás do tronco da árvore, deixando Mariana abaixada ali. A moça ia dizer algo, mas viu que seu namorado estava confiante no que fazia, agora.

— Pietro! — exclamou o homem, assustando-se ao ver o rapaz emergir da escuridão.

— Sr. Filipe — cumprimentou ele, educadamente, com um aceno da cabeça.

— O que está fazendo aqui à uma hora dessas?

— Apenas tomando um ar — mentiu Pietro. — Não consegui dormir e decidi dar uma volta.

— Pois bem — disse o Sr. Filipe. — Vou continuar meu caminho. Diga ao seu pai que mando lembranças. Até logo, garoto!

— Pode deixar, Sr. Filipe. Até mais ver!

Depois que o homem já estava distante, Mariana saiu de trás da árvore e Pietro disse-lha:

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Acho que não devemos mais nos encontrar por aqui.

Alguém pode descobrir.

A moça concordou com a cabeça, olhando nos olhos de seu amado.

— Descobriremos outro jeito de nos vermos — disse.

E o fariam muito em breve.

—

Na torre, localizada no canto da casa, o quarto de Mariana ficava no alto e, embaixo dele, a cozinha. Naquele momento, a garota estava sentada à beira de sua cama, pensando em uma maneira de poder voltar a encontrar-se com Pietro. Como não conseguia pensar em nenhum local seguro, resolveu escrever uma carta para o rapaz e pedir para que algum menino a entregasse em troca de algumas moedas.

Já era tarde da noite, e seus pais e a empregada da casa dormiam. Mariana desceu as escadas cautelosamente, tentando não fazer barulho, e chegou até a cozinha. Ali, acendeu uma vela, pegou um papel em uma gaveta e uma caneta e pousou tudo na mesa. Não sabia como começar a escrever e começou a andar de um lado para o outro pelo cômodo, como sempre fazia para pensar. O silêncio da noite no vilarejo era gritante. Nem mesmo os pássaros ou os grilos podiam ser ouvidos. O vento frio era cuidadoso: corria, mas não anunciava sua presença com ruído algum.

Sentou-se à mesa e, sob a luz da vela, começou a escrever:

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

“Pietro,

Eu...”

Parou e pensou melhor. Não. Não estava bom. Levantou-se novamente e continuou o vai e vem pela cozinha. O silêncio agora era quebrado pelo ruído das tábuas sob os pés da garota.

Toc! Toc! Toc!

O que posso escrever na carta? Pensou ela, com a mão sob a boca numa forma pensativa.

Toc! Toc! Nhac!

Opa! Nhac? Mariana ouviu o rangido diferente sob seus pés, deu um passo atrás e ouviu o “toc”. Parou, deu um passo a frente e o rangido invadiu seus ouvidos novamente. Aquela parte do chão fazia um barulho diferente. Ela ajoelhou-se, observando o piso de madeira e não percebeu nada de diferente ali. Olhou mais atentamente e, só então, pôde ver que a distância entre uma tábua e outra naquele ponto era um pouco maior que as outras.

— Que estranho — sussurrou a garota, pensando em voz alta. Os dedos de Mariana, por sorte (ou por destino, não se sabe), eram finos o suficiente para passarem por entre a fenda nas tábuas. Sem fazer muita força, ela puxou a tábua e... — Um alçapão.

Aquilo era, na verdade, um alçapão disfarçado. Por que estava ali ou quem construía e como nunca antes o vira, não importava agora. A curiosidade cresceu em seu peito e ela desceu, depois de pegar a vela sobre a mesa, pela escada na passagem escura sob a sua cozinha.

Somente com a pequena chama iluminando seu caminho,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Mariana foi adentrando cada vez mais o túnel escuro, sem encontrar nada de peculiar pelo trajeto. Pensou que o caminho não terminaria nunca quando viu, a sua frente, um pequeno lance de escadas atrelado à parede que subia para outro alçapão. Ela subiu as escadas e forçou a passagem, mas alguma coisa do outro lado impedia sua abertura.

— Vamos! — murmurou a moça, dando socos no alçapão. — Abra!

Então ela ouviu passos vindos ali de cima, e logo em seguida o ruído de móveis sendo empurrados. Alguém estava em cima do alçapão e começava a puxá-lo. O medo invadiu o coração de Mariana e ela já estava quase desistindo e voltando pelo caminho quando o alçapão se abriu e...

— Pietro?

Ali, sobre a passagem aberta, a moça viu o namorado ajoelhado, segurando o alçapão aberto e olhando-a com uma expressão confusa.

— Mariana? — indagou ele. — O que... Como...?

— O que você está fazendo aí?

— Essa é a minha casa. O que você está fazendo aí?

— Encontrei um túnel que nunca tinha ouvido falar antes sob a cozinha de minha casa. Segui por ele e vim parar aqui.

Pietro soltou um assobio, surpreso, e disse:

— Também não sabia da existência desse alçapão na minha casa. Creio que meus pais também não.

— Por falar neles, onde estão?

— Dormindo. Já viu que horas são?

— Não, mas sei que é tarde.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Venha. Suba aqui. Vamos conversar.

O rapaz ajudou a moça a encarapitar-se pela passagem e fechou-a logo em seguida. Mariana viu uma poltrona a apenas alguns centímetros de distância dali. Provavelmente, ela ficava sobre o alçapão.

— Bem, você nunca esteve na minha casa antes — disse Pietro. — Não repare na simplicidade. Sua casa é de extrema riqueza e...

— Meu amor — interrompeu-o Mariana. — Eu amo você. Não o que você possui.

A casa de Pietro era composta de apenas dois cômodos. O que estava agora, uma sala que ao mesmo tempo era a cozinha, e um quarto, onde os pais do rapaz dormiam.

— A sua família é muito rica — continuou ele. — E você sabe que nem a sociedade nem os seus pais aceitariam nosso romance, pela diferença social e pela inimizade nunca esclarecida para nenhum de nós.

— Pois, para mim, nada disso importa.

Os dois trocaram um beijo apaixonado e, naquele momento, nenhum deles se preocupava com as diferenças ou com a opinião de outras pessoas. A única coisa que importava era o amor cada vez maior em seus corações.

— Pietro? — veio uma voz de mulher do quarto ao lado.

— É a minha mãe — sussurrou o rapaz, parando de beijar a amada. — Mariana, vá. Agora temos um novo lugar para nos encontrarmos.

Ele piscou um olho para ela e se dirigiu para a porta do quarto, enquanto a moça abria o alçapão, seus olhos verdes

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

encarando os escuros dele.

— Quem está aí com você? — a voz vinda do quarto novamente.

— Ninguém, mãe. Estou apenas pensando alto.

Enquanto Mariana fechava o alçapão e descia, ela pôde escutar parte da conversa entre mãe e filho.

— O Sr. Filipe disse ao seu pai que te viu com a garota do casarão na praça uma noite dessas. Não acreditamos, pois ele é um velho quase cego e pode ter confundido. Mas se ele estiver falando a verdade...

— Mãe. — Pietro a interrompeu. — A senhora acha que uma garota como ela ia se interessar por alguém como eu?

O resto do diálogo Mariana não pôde ouvir. Distanciou-se da casa de seu amado e, por fim, voltou à sua própria cozinha. Subiu ao seu quarto e dormiu tranquilamente, pois agora tinha um lugar para se encontrar com Pietro sem que ninguém os interrompesse. Um lugar secreto e seguro.

—

O encontro seguinte do casal foi logo na noite que sucedeu a descoberta do túnel. Enquanto os pais deles dormiam, Mariana e Pietro sorrateiramente adentraram o túnel e se encontraram na metade do caminho.

— Eu amo você, Mariana — disse Pietro. Os dois estavam sentados no chão, encostados à parede e presos num abraço.

— Eu também o amo, querido. Amarei eternamente.

— Não consigo mais ficar sem você. Quero ficar ao seu lado

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

pelo resto de minha vida.

E, no segundo seguinte, os dois falaram ao mesmo tempo:

— E na morte também.

—

A casa de Pietro era a mais pobre do vilarejo e ficava afastada de todas as outras. O túnel que interligava a residência de Mariana com a do rapaz era um mistério e, nem ela nem ele, sabiam por que fora construído ou por que ligava as duas casas. A única coisa que importava para eles era que o lugar era perfeito para seus encontros noturnos.

Passados mais de dois meses desde o seu primeiro encontro subterrâneo, Pietro checou se seus pais estavam dormindo e procurou na gaveta de um móvel papel e caneta para escrever uma carta de despedida. Naquela noite, ele e Mariana fugiriam e viveriam o resto de suas vidas juntos.

*“Encontrei o amor de minha vida. Sei que ninguém aceitaria, por isso estou indo. Amo vocês, pai e mãe, mas tenho que ir.
Pietro”*

O rapaz pousou o papel dobrado sobre a mesa da cozinha/sala e deu uma última olhada na casa onde crescera. Era simples, mas, a julgar pelo seu olhar triste, notava-se ele gostava e sentiria muita falta dali. Olhou pela última vez a espingarda de seu pai descansando, apoiada em uma parede, e lembrou-se das vezes que fora caçar com ele...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Mas isso já é passado — murmurou Pietro para si mesmo.

Respirando fundo, abaixou-se e abriu o alçapão. Desceu cautelosamente. A ansiedade era tão grande em seu peito que não percebera que o deixara meio aberto nem o ruído que produzira.

—

Mariana o esperava no lance de escadas logo abaixo.

— Pronta? — indagou o rapaz.

— Sim. Não trouxe nada, como combinamos. Nossa vida nesse vilarejo será deixada para trás. De agora em diante, será uma nova época para nós dois.

Pietro abraçou-a e beijou-a apaixonadamente na boca.

— Venha — disse Mariana, depois do beijo. — Vamos sair pela minha casa.

Mal haviam começado a andar quando um rangido veio de sobre suas cabeças. Em sincronia, os dois amantes olharam para o alto e viram o alçapão sendo aberto pelo...

— Pai?! — exclamou Pietro, surpreso e assustado ao mesmo tempo.

— Então era verdade o que o Sr. Filipe me contou — disse o pai do rapaz, terminando de abrir o alçapão agora e começando a descer pelo lance de escadas. Mariana não pôde deixar de notar a expressão furiosa em seu rosto e a espingarda que carregava em uma das mãos, enquanto segurava um papel amassado na outra.

— Você e essa garota não podem ficar juntos! Ela não é boa gente!

— Você não a conhece, pai — disse Pietro defensivamente,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

colocando-se à frente de Maria protetoramente. — Eu a amo.

Não me impeça de tê-la, por favor.

— Você não deve misturar-se com gente como ela, meu filho — disse o velho, deixando o papel cair ao chão sob seus pés. Só uma palavra podia-se ler na carta amassada: Pietro. — Como tem a coragem de abandonar sua própria família por uma... — Ele gaguejou nesse momento, procurando a palavra certa em sua mente. — Uma... uma vagabunda como ela!

— O senhor é o meu pai, mas não permito que fale assim de Mariana. — Pietro estava enfurecido agora. — Não é porque tem desentendimentos com a família dela que deve julgá-la do mesmo modo!

O pai do rapaz deu um passo a frente, brandindo a arma na direção do filho e da namorada.

— É um último aviso, Pietro. Volte e deixe essa garota.

— Sinto muito, meu pai, mas eu a amo.

Na fração de segundo que se seguiu Pietro viu a faísca de fúria no rosto de seu pai tornar-se um incêndio. O velho o empurrou para o lado com o braço livre e, com o outro, ergueu a espingarda na direção de Mariana.

Pietro caiu ao chão, ouvindo o grito assustado de sua amada e, sem medir esforços, jogou-se contra as pernas de seu pai e o agarrou, derrubando-o ao seu lado.

— Vá, Mariana! Fuja! — gritou ele.

Mariana, terrivelmente assustada, virou-se e começou a correr pela escuridão. Ouvia um disparo da espingarda e parou, virando-se para trás, preocupada com o seu amado.

— Corra! — veio a voz dele mais uma vez.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O grito tirou-a do transe e ela voltou a correr pelo túnel, com as mãos sobre a cabeça e abaixando-se cada vez que ouvia um disparo da arma. As paredes de pedra ao seu lado estouravam soltando lascas e poeira cada vez que um tiro as acertava.

— NUNCA MAIS VAI VER AQUELA GAROTA! — a voz do pai de Pietro atravessou o túnel até os ouvidos de Mariana. — NUNCA MAIS SAIREMOS DE CASA! NUNCA!

Mariana finalmente chegou ao lance de escadas que dava acesso à cozinha de sua casa. Subiu-o às pressas e fechou o alçapão atrás de si. Ficou sentada no chão de madeira, chorando e ouvindo Pietro e o pai discutindo no túnel...

Aquele foi o último encontro que o casal teve. Nunca mais se viram. O pai de Pietro trancou-se em casa com a mulher e o filho e nunca mais saiu de lá. Não saía para comprar comida ou para qualquer outra coisa. Conta a lenda que, quando a fome tomou conta da família, eles devoraram uns aos outros de uma maneira terrível. Seus corpos foram encontrados degolados.

E, Mariana, ao saber do triste fim de seu amado, trancou-se em seu quarto no alto da torre e morreu de tristeza. E, junto com ela, murcharam as flores de seu jardim. Seus pais mudaram da casa logo depois da morte da filha e nenhum dos moradores seguintes conseguiu ficar ali por mais de dois meses. Todos eles iam embora alegando ouvirem gritos assustadores vindos de baixo da casa e um choro triste e arrepiante vindo do alto da torre durante as madrugadas mais frias.

Quanto ao jardim de Mariana, inexplicavelmente nada mais foi capaz de crescer ali. Ele morrera junto com sua jardineira.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
ASSASSINATO DOS SANCHES

Débora de Souza Bizerra

Um jovem, muito bem afeiçoado e de família com muitas posses, vivia numa pequena e tranquila cidade. Armando, sempre fora conhecido por ser um homem de bom coração; as solteiras, da pacata cidade, viviam aos suspiros pelo filho falecido, porém o moço não queria saber de casamento, ele queria vingança.

Um velho tio cuidava dos negócios do pai, Frederico, que fora morto por encomenda de um desconhecido. O órfão, por parte de pai, buscava pistas, seu interesse era saber a mando de quem os capangas trabalharam e o real motivo do assassinato.

Passado cinco anos do acontecido, o moço que morava com sua mãe, dois irmãos e o velho tio, continuava intrigado. A cidade não comentava mais o acontecido, comentava-se somente a solteirice de Armando.

Sua mãe preocupada com o rapaz, que depois da morte do pai não conseguira ter paz, chamou o filho para uma conversa no escritório da casa.

-Precisa tomar um rumo na vida, meu filho, teus irmãos já casaram, já me deram netos, e você nada faz, a não ser investigar pessoas que nada tem vínculo algum com o caso do seu falecido pai.

- E quem é que tem algum vínculo com o assassinato de papai? Estranha-me o fato de ninguém aqui de casa querer saber nada. Estranha-me o fato da frieza do irmão de papai!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

- Sabe, querido, sempre achei meu cunhado muito frio, só se entendia com seu pai, agora ele faz o melhor com os negócios da nossa família, não acha?

Armando ficou por alguns instantes quieto e respondeu sua mãe:

- Não, mamãe, não acho. Desconfio que este homem tenha desviado dinheiro, andei fazendo as contas dos últimos três meses, e tem diferenças muito grandes...

A mãe de Armando muito nervosa o interrompe:

-Nunca mais repita isso, Armando. Seu pai tinha seu tio como braço direito, confiava muito nele.

Armando exalta-se e sai do escritório, local onde encontrara seu pai todo ensanguentado.

Naquele mesmo dia, o rapaz foi conversar com o delegado da cidade, que era de muito confiança, e disse sobre seu tio. Sugeriu uma investigação sobre o desvio de dinheiro da empresa, que também era dele. Conversaram horas, até Armando conseguir convencer o delegado que havia algo de errado. Então começaram a planejar tudo, o jovem começou a fazer levantamento diários sobre os gastos e lucros da empresa, o delegado tratou de rastrear a conta do irmão do falecido. Somente os dois, delegado e Armando, estavam envolvidos.

Todas as noites, antes de dormir, Armando prometia ao pai que encontraria seu assassino, e com a desconfiança de desvio de dinheiro, dizia a ele que iria logo solucionar tudo. Seu Frederico era um homem muito justo, tratava muito bem todos ao seu redor, alimentava os famintos, cuidava muito bem da família e era apaixonado por joias. Essa paixão fora cuidadosamente

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

guardada por sua esposa, e em todas as joias tinha gravado suas iniciais: FCS (Frederico Costa Sanches). Tais letras eram conhecidas por todos no povoado.

Os dias foram passando e o clima familiar ficava cada vez mais estranho. O velho tio começou a afastar-se de todos, vez ou outra dormia fora de casa. Em uma dessas ocasiões, Armando aproveitou para entrar no quarto dele. Era um dos maiores da casa, porém tinha pouca mobília, cores escuras, algumas roupas jogadas na cama, uma sapateira, guarda-roupas e um criado mudo. Começou abrindo o guarda-roupas, fuçou, fuçou e nada demais. Foi olhar a sapateira e um susto, deparou-se com um revólver 38. Armando ficou apreensivo, respirou, deixou a arma no mesmo lugar e foi ao criado-mudo. Três pequenas gavetas. Abriu a primeira, somente papéis, abriu a segunda, alguns documentos, tentou abrir a última e não conseguiu, estava trancada. Nisso ouviu barulhos na escada, achou melhor sair logo dali, antes que alguém o descobrisse.

No outro dia, muito cedo, Armando foi contar ao delegado as novidades, e coincidentemente seu tio estava saindo da delegacia, ao perguntar sobre a presença dele ali, o delegado, sem dar atenção a pergunta, vai lhe dando a notícia de que ele já tinha autorização oficial para rastrear a conta do suspeito de desvio de dinheiro.

Armando fora para casa rapidamente, na tentativa de encontrá-la vazia, e deu sorte, nem os empregados estavam na sua residência. Tratou de ir logo para o quarto de seu tio, ver se tinha algo de diferente, e agora, a gaveta estava aberta. O jovem ouviu ruídos e quis certificar-se que não havia mesmo ninguém

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

em casa, aquele seria um bom momento para chamar o delegado para dar uma averiguada. Ligou e disse que poderia subir direto.

Armando foi até a gaveta que estava entreaberta, encontrou muito dinheiro, muitos cheques, até que viu uma caixinha, a pegou, abriu e deparou-se com um anel com as iniciais do seu pai e antes de esboçar qualquer reação, sente o cano da 38 em suas costas pelo delegado e o seu tio ao lado com um sorriso sarcástico que diz:

- Vai ser um prazer ver o senhor matando mais um Sanches, senhor delegado!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

BRIGITTE E BRÂMANE

Caio Januário

Ela vinha subindo a rua como um ser magnânimo saído de um filme europeu, talvez Brigitte, talvez Diana, talvez Helena, ou todas elas dentro apenas daqueles olhos castanho-escuros. Cheia de certeza no passo, com o salto agulhando a terra, seu nariz passara rente ao alto das cabeças, enquanto seu ego ia acima da altura de qualquer outra vida. Mas não eram apenas imagem e som, um coração palpitava ali dentro, sonhos alcançavam nuvens, escalando as impossibilidades. Teria mais do que o olhar de uma fera aquele jeito de olhar. Parecia que tudo desaparecia.

Ele saía de uma esquina e vinha tão sublime quanto um brâmane, ou um leão, ou o outono, ou confundia-os todos dentro do seu peito. Suas mãos cheias de uma brancura insensata afagavam os cabelos da própria nuca. Apontou os olhos para o céu e depois baixou, encontrando a tempestade vinda de cima e o furacão vindo de baixo.

Todos viram, mas não se sabe como se deu o encontro daqueles dois mundos. Talvez pela chuva, a oferecida carona, quando ela abriu o guarda-chuva; ou foi procurando uma rua em comum, quando começaram a subir juntos sob a água que caía.

Mas concluíram aos poucos, que o Café mais próximo era o mais aconchegante, e que aquela enxurrada só aumentaria. Descobriram que ele preferia café com leite e ela chocolate quente. E aquele indício de Versace vinha dele, e o vestígio

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

de xampu vindo dela o deixava ansioso. Ela apreciava música francesa e ele a encantou cantando alguma coisa de Jacques Brel; ele adorava Fernando Pessoa e ela o emocionou recitando Alberto Caeiro. E demorou mais do que a chuva passar para perceberem o que conheciam e era tarde demais para dizer que a chuva acabou, já que não foram embora.

E quando se foram, todos viram, mas não se sabe se para França ou para a Índia. É sabido que juntos foram, mas não se sabe se por enquanto ou se para sempre, se estavam rindo ou se estavam rubros.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

FAZ VINTE ANOS

Jaqueline Pinto de Carvalho

O sol pousava timidamente, cedendo o lugar a um céu sem nuvens e completamente avermelhado. A garota começa a andar calmamente pelas quadras estreitas, observando o estalar que as folhas secas faziam quando as pisava com seu sapato. Observava também alguns gatos subindo em altos túmulos, vigiando a todos com grandes olhos cinzentos, como dizendo que aquele que entrasse era nada mais que um intruso.

Sozinha, a menina procurava por alguém, ou alguma coisa que nem ela sabia. Seu coração era naquele momento um músculo cheio de mágoas, tristezas e solidão, porque, desde aquele dia, nunca mais teve vontade de ter amigos, embora nunca tivesse. Mais tarde, olhando aqueles túmulos cheios de pessoas que já foram um dia vivos, pensou profundamente em ter amigos. Desejou alguém para conversar, rir e sair; um amor para quem pudesse contar seus segredos mais íntimos talvez ou, quem sabe, alguém com quem brigar e mais tarde pedir desculpas, afinal a vida continuava, mas ela sabia lá no fundo, que agora já era tarde para pensar nessa possibilidade. As palavras esperança, amizade e família já haviam acabado há muito tempo. Seus únicos amigos eram livros e um velho caderno que transformou em diário. De pele muito branca, podíamos até enxergar suas veias em seu fino rosto. Magra e de longos cabelos castanhos, adorava fazer tranças como as de Rapunzel.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Encantara-se com os contos de fada quando criança, porém, ao tornar-se uma adolescente, tudo que lera na infância não passara de uma doce ilusão. A menina continuava andando em passos lentos e analisando atentamente grandiosas esculturas, quando uma em especial havia chamado sua atenção. Era um lindo mausoléu de mármore todo negro, com um casal de anjos sentados, um olhando o rosto do outro. O mausoléu era de um casal que morrera há vinte anos. Agora descobrira o porquê do casal de anjinhos: morreram juntos, e o amor permanecerá eterno; pensava a jovem com um sorriso tímido nos lábios.

O céu avermelhado deu passagem a uma imensa cortina escura e cheia de estrelas. A lua surgia brilhante, seguindo os passos solitários da garota, enquanto subia no túmulo onde vira aquele mesmo casal de anjos. Ajeitou-se, ficando de barriga para cima para contemplar a lua. A escuridão está completa, murmura a moça, enquanto uma lágrima fria corre na palidez de sua pele.

A falta que sentia deles era insuportável. Um sentimento amargo, espesso como fel em sua garganta, como se quisesse vomitar todos os males que tinha vivido durante sua vida sem ter estado perto deles. Não gostava de lembrar-se do acidente, e ainda tinha medo de dormir por causa dos horríveis pesadelos. Só se conformava em saber que estavam juntos e guiando seus passos.

Acariciava os anjos. Os nomes do casal estampados no túmulo. Quanta saudade de vocês!! Dizia, olhando para a noite estrelada. Faz vinte anos. Nunca os conhecera, nem os abraçara.

O sono começava a chegar. Fazia um mês que não dormia, procurando por eles. Enquanto não os achasse, não iria dormir

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

em paz, e esse dia chegou. Bocejava lentamente, espreguiçou-se devagar, sentindo todos os músculos, os ossos, toda tensão indo embora, assim como sua tristeza, como toda procura durante esse tempo em encontrá-los. Assim sereno, o sono chegava suave e calmo. Antes de fechar os olhos de uma vez por completo, olhou a foto dos pais na lápide. Finalmente a garota dormira junto ao túmulo deles.

UM DESEJO REALIZADO

Camila Noeme Salles Silva

Amanheceu chovendo e Dona Maria, mãe de catorze filhos, insistiu que, mesmo com chuva, iria sair. Deixou a cada criança uma tarefa a cumprir enquanto estivesse fora de casa.

Por causa do frio e da chuva, Maria ordenou a uma das filhas:

— Dirle, não esqueça de recolhê a lenha do paió e colocá perto do fogão, pra que seque bem, te manhã.

Dito isso, a mãe saiu e os filhos colocaram-se a fazer suas tarefas depressa, para brincar depois. Exceto Dirle, que teimava em recolher a lenha depois, alegando estar muito frio. Os irmãos aconselharam-na a fazer logo sua parte, pois a mãe poderia voltar a qualquer momento.

Passou-se quase o dia inteiro. Dona Maria chegou quando o sol já se porá. Foi checar as tarefas e logo percebeu que uma das filhas não havia feito o dever o incumbiu:

— Vá já buscá a lenha, guria!

— já to indo mãe, respondeu a menina, mas deixa o Cláudio ir buscá comigo...

— Não senhora! Tu tava aí brincando té agora, vá sozinha.

A menina, brava por ter que realizar a tarefa no escuro, no frio e sozinha, pegou um lampião, colocou as botas, o casaco e sem pensar, praguejou antes de sair pela porta:

— Eu vou, mas tomara que o Diabo me pegue!!!- bateu a porta e saiu.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Em meio àquela penumbra, o lampião ajudava um pouco. A jovem pisava firme e ao caminhar cerca de dois metros, o lampião apagou-se. Dirle sentiu um arrepio. ‘Como pode um lampião todo fechado apagar?’ A menina retornou para casa, reacendeu e voltou, desta vez levando um fósforo junto.

Chegando perto do paiol, o lampião apagou-se novamente. A jovem ficando mais assustada, bravejou: “mas será possível?! Só pode ser o capeta mesmo...” Sentiu, então, um vento e um cheiro de enxofre. Olhou para trás e viu dois olhos vermelhos. Correu até o paiol, entrou e trancou a porta. Ouviu arranhões nas madeiras, como se houvesse um lobo. Olhou através de uma fresta e viu os olhos de sangue. Começou a gritar por socorro.

Dentro da casa, a mãe ouviu os gritos e saiu para ver o que era. Enxergou um vulto ao longe. Pegou sua espingarda atrás da porta; deu um tiro para o alto, viu dois olhos vermelhos brilhantes. Deu mais um tiro. Aquele bicho estranho fugiu. A mãe e os irmãos foram até o paiol socorrer a irmã, mas esta nunca mais foi encontrada.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O CONTO DO VIGÁRIO

Aysla Fock

No ano passado minha mãe colocou na cabeça que eu deveria frequentar a igreja. No meu aniversário de treze anos, ela me deu uma Bíblia. Na verdade ela não comprou uma nova, o que seria normal já que se tratava de um presente de aniversário, mas ela me deu aquele velho livro já amarelado de capa dura que meu avô deu á ela:

— Tomé, isto agora lhe pertence.

Eu discordava. Não gostava da idéia de perder as tardes de futebol com meus amigos no campinho, mas depois daquele gesto, que fora quase como uma intimação, não pude recusar. Minha mãe com as mãos esticadas, me oferecendo algo que lhe foi dado pelo meu avô - que nem cheguei a conhecer - e ainda por cima no dia do meu aniversário, não pensei duas vezes, aceitei o presente. Abracei-a com toda a força e dei adeus aos dribles e aos gritos de gol.

Os domingos desde então são os mesmos. Ajudo minha irmãzinha Camila com o seu dever de casa, espero minha mãe rezar o terço e depois a acompanho até a missa. No caminho, fecho os olhos quando passo pelo campo que costumava ser o meu santuário. Lá eu era grande, incontestável; agora cantos, rezas e lamúrias nos separavam.

— Olá Dona Ana, seja bem vinda á casa do Senhor. Vejo que Tomé veio também. Deus os abençoe. Disse nos o padre.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Padre Arruda sempre dizia a mesma coisa quando nos via entrar na igreja.

O lugar era simples, algumas cadeiras de madeira enfileiradas de modo que o corredor ficasse livre para entrada e saídas dos fiéis; o altar era alto, alto até demais, meu pescoço ficava dolorido na segunda-feira de tanto olhar para cima.

— Oi Dona Ana, como vai? E você Tomé? Está cada vez mais bonito. Guardei seus lugares.

Nós sentávamos sempre nos mesmos lugares, entre Dona Vera e Dona Raimunda.

A missa tinha início sempre às 15h30, nem um minuto a mais nem a menos. Todos de pé. Todos sentados. Todos cantando. Todos fazendo o sinal da cruz. Todos caminhando para receber a hóstia.

Todas as missas eram as mesmas, só mudavam a ordem dos cantos, das rezas e das lamúrias.

Um dia me senti tão sufocado entre o cheiro das velas e os olhares intimidantes das imagens pregadas nas paredes que decidi sair para tomar um ar, porém sem antes avisar minha mãe do que se passava. Ela fez sinal de que queria me acompanhar, mas retruquei com outro para que ficasse. Saí com seu consentimento. Fiquei sentado nos degraus da entrada da capela. Enquanto recordava ou lamentava do meu aniversário e do presente que recebera, senti um vulto á minha esquerda.

— Olá meu rapaz, como vai?

Virei-me para descobrir a origem daquela voz. Era um homem bem apessoado e sério. Não reparei se era alto ou baixo, gordo ou magro; o que me intimidou mesmo foram seus grandes

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

olhos azuis. Sentou-se ao meu lado.

— Por que não está lá dentro? perguntou-me.

Talvez a batina que o estranho homem usava fez-me responder a pergunta.

— Não estava me sentindo muito bem.

— Sei como é, às vezes o cheiro daquelas velas me enjoam também.

Enquanto eu dava uma discreta risada pelo canto da boca o homem prosseguiu a conversa.

— Você gosta de vir á igreja meu rapaz?

Fiquei um pouco sem jeito de revelar a verdade, principalmente á um padre, e mais ainda, á um padre desconhecido.

— Por que a pergunta Padre...

— Padre Vieira, meu rapaz. disse ele completando minha frase.

— Bom; Padre Vieira, por que a pergunta?

— Você me parece um pouco jovem para frequentar a igreja. Tens 14 anos? indagou.

— Tenho 14 e meio Padre.

Surpreso, não sei se pelo fato de que, de alguma forma, esse padre estava lendo meus pensamentos ou pela afirmação feita, nunca ninguém havia dito que eu era muito novo para frequentar a missa.

— Como se chama? Continuando a conversa.

— Tomé.

— Assim como um dos apóstolos, não é?

— Não sei.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Entreolhamos-nos e começamos a rir.

O sacerdote que a principio era desconhecido, pareceu-me como um amigo íntimo depois de alguns minutos de conversa. Lembrei que deveria retornar para a missa, mas a história que Padre Vieira me contava sobre um sermão que levantou os fiéis em meio á gargalhadas fez-me querer ficar do lado de fora.

— E então meu rapaz, por que está aqui?

Ele refez a pergunta, mas agora olhando no fundo dos meus olhos. Decidi contar tudo, afinal não encontrei nenhum problema em revelar o que ocorrera na minha celebração de 14 anos e sobre a tal Bíblia hereditária.

— Mas por que você não tenta fazer um acordo com ela? perguntou depois que lhe contei a história com todos os detalhes.

— Que tipo de acordo? retruquei.

— Não sei. Poderia ser algo que beneficiasse ambas as parte. Por exemplo, você poderia acompanhá-la á missa em dois domingos do mês, e nos outros dois, você poderia jogar futebol, pois a meu ver, é sua maior paixão.

Fiquei em silêncio, refletindo sobre estas duas opções. Acima de tudo, não queria ferir os sentimentos de minha mãe, mesmo que isso implicasse no sacrifício de algo que fizesse importância para mim.

— Sabe meu rapaz, eu já fiz um acordo desses uma vez. falou Padre Vieira interrompendo meus pensamentos.

Olhei-o interessado. Ele prosseguiu.

— Antes de vir para cá, eu morava na cidade de Ouro Preto. Era uma cidade linda meu rapaz, acredite! Depois da morte de meus pais... que saudades de mamãe sempre me dizia que eu

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

seria alguém na vida... Certo, desde então, não sei o que me deu, coloquei na cabeça que deveria ser padre, talvez porque achei que seria uma profissão fácil, se é que me entende?! Bom, com o passar dos anos, continuei a morar lá, naquela linda cidadezinha onde fui criado e decidido á morrer. Já formado padre, exercia meu ofício em uma pequena paróquia, a Paróquia de Conceição. Eu adorava aquele lugar. Um bom lugar para fazer um pé de meia, sim Senhor! Aquilo é que eram bons fiéis devotos.

Os olhos do padre permaneceram imóveis por alguns segundos, parecia que estava recordando de algo, um devaneio. Depois chacoalhou de leve a cabeça e prosseguiu:

— Deixando de lado os prazeres, vamos ao ocorrido. Um dia, Ouro Preto recebeu um presente divino: uma imagem magnífica de Nossa Senhora. Toda feita á mão e folheada a ouro, cheia de detalhes, com pedras bonitas e bem valiosas. Como na minha paróquia havia muitos fiéis devotos á esta santa, pedimos que a imagem ficasse em nossa igreja, nada mais justo, não é meu rapaz? Porém outra paróquia vizinha contestou a escultura. Então como nenhuma das igrejas queria abrir mão deste presente, eu resolvi propor um acordo que não prejudicasse nenhuma das partes. Entendeu meu rapaz?

— Entendi, mas como foi o final dessa história padre? perguntei curioso para saber o desfecho.

— Na verdade, o final não importa meu rapaz. Eu quero apenas que você saiba o será melhor para você e para sua mãe. Você não pode abandonar o futebol só porque seu presente não foi um dos melhores. Siga o seu caminho não importa o que aconteça. Certo?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Certo Padre.

Compreendi a mensagem que Padre Vieira quis me passar. Enquanto eu refletia novamente, não dei importância na calça jeans e no tênis que ficaram aparentes enquanto ele erguia-se dos degraus e limpava a batina, e nem no sino que soava á minhas costas informando o fim da missa.

— Então é isso meu rapaz. disse ele já em pé. Preciso ir andando, pois ao contrário de você eu já fiz a minha escolha.

Levantei enquanto alguns fiéis esbarravam em meus ombros.

— Claro Padre. Obrigado por tudo. agradei.

— Por nada meu rapaz, e que Deus lhe abençoe. respondeu o padre, virando-se e seguindo a multidão dos fiéis.

Fiquei ali esperando minha mãe. Depois de dez minutos, adentrei a igreja para ver o porquê da demora. Encontrei-a conversando com Dona Raimunda á esquerda do altar. Não quis interromper, então sentei em um dos bancos. Senti uma segunda vez um vulto á minha esquerda, mas desta vez uma voz conhecida:

— Tomé, que houve? Vi que saiu antes da eucaristia. perguntou-me Padre Arruda.

— Não foi nada Padre Arruda, eu apenas me senti um pouco mal, mas fiquei lá fora com Padre Vieira. O senhor nunca me disse que havia dois padres aqui.

— Porque é simples meu filho, não existem dois padres nesta igreja, sou apenas eu e o Senhor Deus, ninguém mais.

Meu corpo gelou. Mil perguntas e indagações subiram á minha cabeça. Quem era aquele homem misterioso? Por que ele me fez tantas perguntas? E eu, por que fui lhe falar o meu

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

segredo? Quis confirmar outra vez.

— O senhor não está enganado padre? Eu conversei todo este tempo com um Padre chamado Vieira. Ele me contou que veio da cidade de Ouro Preto, me contou sobre os sermões dele e tudo mais.

— Não Tomé. Desde que eu celebro a missa aqui nunca houve outro padre além de mim.

Fiquei confuso. Quis descobrir quem era a pessoa que clareou minhas idéias e que conseguiu fazer o que quase um ano de missas não conseguiram. Não sabia o que fazer; só uma coisa me veio á cabeça.

— Padre Arruda, avise minha mãe que eu á espero lá fora.

Saí em disparada em direção á praça que ficava em frente à igreja. Eu desviava dos fiéis tentando encontrar aquele homem misterioso. Dez, vinte, trinta minutos de procura não bastaram, não encontrei o tal padre. Ao longe vi que mamãe caminhando em minha direção:

— Que foi Tomé? Algum problema? perguntou-me.

— Na... nada não. Vamos para casa.

Fiquei com receio de contar á ela o que ocorrera nos degraus da igreja. O fato de que mais alguém carregava meu segredo não me deixou dormir. Algo me dizia que eu fizera uma coisa muito errada e que de alguma forma ou de outra, eu havia ferido os sentimentos de mamãe.

Depois daquele dia nunca mais vi o Padre Vieira. Apesar de minhas saídas repentinas da missa, um pouco antes da eucaristia para dar uma volta na praça em frente, não obtive sucesso. Três meses se passaram e eu continuava inquieto.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Certo dia, minha mãe recebeu um telefonema enquanto assistíamos à televisão.

— Que Deus tenha piedade! ela exclamou depois de colocar o telefone no gancho.

— Que houve? curiosamente perguntei.

— Dona Raimunda disse que foi hoje á delegacia!

Desejei saber mais, sem desconfiar, porém, o que estaria por vir. Ela continuou:

— Ela disse que domingo passado, enquanto saia da igreja, um padre á abordou na praça e perguntou se poderia benzer-lhe a casa. Coitada de Raimunda! Ela passando por tantas dificuldades, com o marido adoentado, não pensou duas vezes e estendeu uma fortuna ao larápio que nem se quer apareceu no dia seguinte para fazer o combinado.

Tomado de espanto, não me mexia, apenas uma frase saiu de minha boca:

— Como ele era?

— Á meu filho, isso Dona Raimunda afirmou-me que não se recorda. Só me disse que os olhos do patife eram mais azuis do que o céu sem nuvens.

Depois disso, todas as missas permaneceram as mesmas, só mudavam a ordem dos cantos, das rezas e das lamúrias.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
O CONTO DA ABELHINHA

TRABALHADEIRA

Núbia Carolina De Oliveira Pinto

Certa vez, ouvi em algum lugar que “o futuro sabe chegar sem se anunciar”, e na última semana senti esta frase na pele.

Tudo aconteceu de uma hora para outra. Achei que eu não tinha a mínima chance naquela entrevista:

— Então, você faz faculdade?

— Não.

— E algum curso técnico?

— Não.

Eu poderia ter dito no mínimo: “Não, mas pretendo futuramente”, ou “ Se o senhor me der a oportunidade a faculdade será o primeiro lugar onde irei investir”. Contudo o nervosismo me impediu de formular uma oração um pouco maior.

No entanto aí que veio a surpresa: Fui contratada. O emprego não era lá essas coisas, tinha saído recentemente do ensino médio e o salário parecia de um trabalhador agrícola migrante, mas, e daí? Eu tinha que aproveitar.

E, como todo primeiro emprego, estava imensamente nervosa. Iria trabalhar em um escritório, não era muito grande, mas tinha muitos funcionários.

Ouvi diversas teorias sobre o primeiro emprego, funcionários

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
fofoqueiros, os “puxa-saco”, o chefe general, os irritantes,
os preguiçosos...E essas teorias estavam me deixando meio
apavorada.

O primeiro dia foi relativamente tranqüilo, aos poucos fui
me identificando com as pessoas. Foram todos muito amáveis,
perguntaram de mim e eu deles. Uns com filhos, outros com
netos, outros são do tipo “filhos nem mortos”, uns namorando,
noivos, casados e divorciados. As conversas eram dos mais
variados tipos:

— Ei, você viu aquele filme, passou ontem na TV?

— Lógico que vi, não me arrependi de passar a noite
acordada, ótima recomendação.

Os quatro primeiros meses se desenrolaram assim, as horas
passavam tão rapidamente que eu nem via a hora do meu almoço
chegar.

Com o tempo fui me tornando uma espécie de “abelhinha
trabalhadeira”, do tipo que ajuda qualquer um que pedir ajuda
perfeccionista e com cara de cansada. Eu queria ser promovida
e gostava do meu emprego. Mas sabia que um dia meu trabalho
seria recompensado e sabia também que algumas brincadeiras
estavam passando dos limites, um ou dois funcionários já me
chamavam de protegida ou de “puxa-saco”.Sabia muito bem que
eu não era nada disso, mas não conseguia evitar as brincadeiras
de mau gosto.

Numa certa manhã, a cidade amanheceu um caos, ônibus
atrasados, filas imensas de congestionamento, até o metrô estava
operando com intervalos e eu, com meu salário de trabalhador
agrícola migrante, dependia obstinamente de um ônibus.Era

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

uma das poucas pessoas do escritório que dependia do transporte público, pois todos já tinham dinheiro suficiente para ter seu próprio carro. E, para piorar a situação não tinha um centavo de crédito no meu celular e não poderia ligar comunicando meu atraso.

Cheguei quase uma hora atrasada, mas de certa forma não estava preocupada, pois sempre trabalhei corretamente nunca cheguei tarde, achava que não receberia uma bronca e sim uma repreensão pra que isso não se tornasse freqüente. Quando fui assinar minha folha de ponto encontrei-me com meu chefe e mais uma dúzia de funcionários atrás deles loucos para ver ele me dar “aquela” bronca. “Azar o deles “- pensei comigo mesma, ele não vai fazer isso.

— Nossa o que aconteceu com você, Ana, por que o atraso? - ouvi meu chefe dizer atrás de mim, primeiro achei que senti um tom de sarcasmo na voz dele depois pensei que era imaginação minha.

— Você nem imagina o que aconteceu, a cidade tá um caos e os...

— Primeiro, você não tem intimidade pra me chamar de “você”, segundo, vou descontar do seu salários essa hora atrasada e terceiro repita isso e você será mandada embora.

— Mas, mas... O ônibus...

— Sem, mas, não me interessa o motivo do seu atraso, vá para seu posto agora!

Eu nem acreditei no que acabara de acontecer ele fez aquele escândalo miserável por nada. Sei que eu me atrasei, mas era a primeira vez ele não precisa gritar comigo daquele jeito e ainda

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

por cima dizer que eu não tenho intimidade pra chamar ele de “você”, sendo que foi ele mesmo que pediu que o chama-se ele de “você”.

Fui totalmente desnorteada para minha mesa. Será que ele está tendo uma manhã ruim? Pensei. Problema dele, ele não tem direito de gritar assim comigo.

Mas o que me deixou mais enfurecida era o fato de tudo acontecer bem na frente de todos os funcionários, parecia até proposital.

À tarde fui chamada a sala do meu chefe. Estava realmente com raiva, ele ia ouvir umas “poucas e boas”.

Quando entrei fui logo dizendo:

— Primeiro senhor, quero dizer que o que aconteceu hoje de manhã...

— Ana, sei que você ficou sem entender o que aconteceu hoje de manhã, mas quero que saiba que fiz aquilo com apenas uma intenção.

— E qual seria?

— Que os outros funcionários parassem de chamar você de protegida. Já tinha ouvido isso pelos corredores diversas vezes e não poderia deixar isso continuar. Sei que você é uma excelente funcionária e que é a primeira vez que você chega atrasada, então resolvi fazer isso com você na frente deles. Sei que não é muito profissional, mas iria fazer com eles pensassem que trato todos iguais. Eu realmente faço isso, mas eles não percebem, então tive que tomar uma medida drástica.

Primeiro fiquei sem entender nada, levei vários minutos para perceber o que estava acontecendo e, depois, eu pensei, que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

mesmo que a intenção dele fosse boa, ele não poderia ter feito isso e então disse a ele o que eu achava.

— Sei Ana que não foi uma medida inteligente, mas foi na única que eu consegui pensar.

— Acho que o senhor...

— Pode me chamar de você, pelo menos aqui dentro.

— Acho que você tem que repreender quem fez algo errado e não repreender os funcionários corretos para acabar com certos comentários.

— Entendo, mas quero que você também entenda que é muito difícil administrar este lugar e que eu não tenho a ajuda de quase ninguém. Quantas vezes você já ouviu alguém falar mal de mim pelos corredores?

— Muitas vezes.

— Então, quero também que você saiba que a partir de hoje irei tomar outras medidas drásticas em relação aos outros funcionários, se é que você me entende?!

— É eu entendo...

— Então e quero que você faça parte da nova geração, pois você trabalha corretamente e eu confio no seu profissionalismo. O que eu quero dizer é que quero promover você.

— Me promover?

— Sim, como você sabe tem uma vaga sobrando na contabilidade, que é minha especialidade aqui, e eu acho que ninguém melhor do que você pra assumir esse cargo.

— Ah, eu não sei o que dizer, eu...

— Quero apenas que você aceite e trabalhe cada vez melhor.

— Tudo bem, muito obrigada.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

E a partir daquele dia me tornei a assistente da contabilidade, meu salário de trabalhador agrícola migrante passou para salário de trabalhador local. Os esforços da abelhinha trabalhadeira finalmente deram resultado.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

VOO LIVRE

Claudio W. Rondeico

Carlos acordara com a ligação de Ana, que lhe dissera para comparecer à Rua Manoel Coelho, 500, onde eles haveriam de receber o resultado de um exame a respeito de sua gravidez.

Enquanto se trocava, Carlos lembrava-se dos difíceis momentos que passara com Ana: a traição que ela cometera no ano anterior, seu temperamento difícil e sua imprevisibilidade. Para ele, o nascimento da criança, fruto do amor que eles tinham um pelo outro, estreitaria os laços do casal.

Segundo Ana, o exame revelaria algo que mudaria o destino dos dois. Carlos cogitava a ideia de um problema genético com a criança, dado o histórico de pessoas com desvios mentais na família dela, e isso o incomodava muito. Sua namorada somente lhe dissera que gostaria de ficar mais tranquila em relação ao bebê.

O rapaz trocou-se rápido e desceu do apartamento. O taxista já o esperava com o carro estacionado em frente ao prédio, era um velho conhecido de ambos e tornara-se íntimo de Carlos, já o tinha levado várias vezes de volta para casa na época em que ele encontrava-se deprimido devido à traição da namorada. Entregue à bebida e a desilusão, Carlos contara-lhe tudo o que havia se passado entre o casal.

— Bom dia. — disseram em uníssono.

— Para onde?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Manoel Coelho, 500. Ana me aguarda lá. Vamos receber o resultado de um exame. — Explicou Carlos.

Seguiram caminho à clínica. Incomodado com o silêncio, o motorista e confidente o questionou:

— Algo de errado com Ana?

— Não que eu saiba. Ela está grávida e disse que está preocupada. Não a tenho questionado muito ultimamente.

O telefone celular de Carlos tocou. Era Ana:

— Já viu que horas são? — cobrava.

— Faltam dez minutos, logo estarei aí. — respondia o rapaz, entreolhando-se com o taxista.

— Não tolerarei atrasos. — e desligou.

Estavam próximos ao local de destino, numa rua paralela. Como medida de precaução, Carlos ordenou que o taxista o deixasse ali mesmo, atravessaria a galeria que o levaria ao destino, evitando assim, qualquer possibilidade de ficar preso ao tráfego e chegar atrasado.

— Me aguarde em frente ao prédio. Só vou subir até onde ela está, no quinto andar, e logo volto. — disse ao taxista, olhando para o relógio.

Atravessou a galeria em passos rápidos e seguiu até a calçada. Do outro lado da rua avistava o prédio. Olhou para o relógio novamente, faltavam cinco minutos. Tomou fôlego e preparou-se para atravessar a rua movimentada.

Um barulho muito forte chamou a atenção de todos, parecia ser de uma colisão entre carros. Todos voltaram seus olhos para a entrada da clínica.

Ana lançou-se pela janela, espatifando-se no capô do táxi que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
estacionava, aquele que Carlos viajara há pouco. Carlos nunca
saberia o real motivo do suicídio da amada.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
MEMÓRIAS, DOCES MEMÓRIAS

Ranara Coutinho

I

Certa noite, durante mais uma das minhas crises de insônia, fui surpreendida por estranhos ruídos vindos de dentro do armário. Já havia ouvido e ignorado, mas agora tornavam — se mais intensos. Eu fitava a porta como se assim pudesse obter o porquê de tais batidas, que, algumas vezes, pareciam ser ritmadas. Decidi por finalmente levantar — me e procurar os motivos, talvez fossem ratos. Ah, isso me causava total espanto, mas algo incentivava - me a abrir a porta.

Foi então, que mesmo antes de abri-la, meu coração se congelou de medo.

— Sempre tento adverti-la, mas ela nunca me ouve, parece que eu não existo... — a fala sumia como se houvesse sido interrompida por outro alguém, como em um telefone. — Ela é cabeça-dura, já sabemos disso... Ah, deve está tentando dormir... Sim, sofre de insônia... Estou dentro do armário... Claro que não é, mas... Eu não acredito!

Finalmente abri a porta, em um desses transes de quando se está com tanto medo, tanto medo, que se toma coragem. Havia o descoberto. O sangue havia parado de correr em minhas veias.

— Ela, finalmente, me encontrou... Então, mas vai entende

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Ia... Depois nos falamos! — Ele era sobrehumano, e, realmente, falava em uma espécie de celular, fitou - me como se aquela situação nada tivesse de anormal e pavorosa. — Olá, como se sente agora?

O horror me paralisara. Minha voz lutava para voltar a existir.

— Adoro a tecnologia humana. O que faríamos sem um desses? — Agia naturalmente. Sua pele de tão alva aparentava ter uma luminosidade interna. Vestia-se de preto por inteiro, exceto por seus sapatos de um ouro fortemente reluzente. Seus negros cabelos estavam impecavelmente cortados a altura do queixo, o topo da cabeça fora coberto por uma cartola também negra que era enfeitada por uma fita do mesmo ouro dos sapatos, se a olhasse por muito tempo certamente cegaria.

— Quem... Quem é você? — finalmente perguntei.

— Como assim, quem sou eu? — fitava-me intrigado.

— Eu o conheço?

— Ah... — suspirou — você se tornou tão estranha. Veja o que me fez, me colocando dentro desse espaço minúsculo e sujo.

— Agora estava sentado em minha cama. — eu tentei lhe avisar.

— Quem é você? Sobre o quê tentou me avisar? De onde veio? — Coloquei - me aos gritos.

— Acalme-se! Por que está gritando? Onde está sua sanidade? Ele a tirou de você?

— Não, eu... — sentei-me no assoalho e pus-me a chorar compulsivamente.

II

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Eu estava imersa em um mundo de fantasias, onde tudo que eu já havia sonhado se tornara realidade. O paraíso era tangível agora. Eu nunca fui boa em decisões, mas Pedro era a melhor de todas elas, a que eu acertei. Existiam borboletas em meu estômago por tê-lo comigo. Era o melhor homem que conheci em minha existência por fugir da imagem que eu havia construído dos homens ainda em minha infância, quando vi meu pai deixar a marca de sua raiva descontrolada e desmotivada no rosto de minha mãe. De dentro da escuridão, Pedro havia emergido de um mundo supremo, era cura para todos os males de minha alma.

Certa noite, eu o observava compenetrado em um de seus intermináveis livros, e cada pedaço meu desejava-o. Aproximei-me e desviei sua atenção para mim, enquanto o abraçava.

— Meu amor... — falei baixinho antes de me perder em um de seus beijos de lábios calorosos.

Algum tempo depois, estávamos abraçados, ele acariciava meus cabelos. Tínhamos nos amado como jovens e apaixonados amantes. Sua pele perfumada, seu corpo de gestos suaves. ‘Deus como o amo’, meu coração repetia feliz. O paraíso era aquele momento. Ele era o alvo de todo o amor que poderia existir em mim, era o início, o meio e o término de tudo em meu mundo.

— Eu sou um homem melhor por você! — Sua voz interrompeu meus pensamentos. — Deus tem minha eterna gratidão por tê-la me dado. Abraçou-me fortemente.

A euforia de uma imensa felicidade apossou-se de meu corpo. Era profundamente gratificante saber que nosso amor era intenso em sua reciprocidade. Desde que eu estava em seus

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

braços, eu havia incinerado tudo de ruim que acontecera comigo.

Adormecemos abraçados. No meio da noite fui despertada por um intenso pesadelo. As cenas ainda latejavam em minha mente. Era papai e ele estava a agredir mamãe mais uma vez, mas ele estava de costas e quando finalmente consegui ver seu rosto, me espantei por esse ter sido substituído pelo de Pedro. Agora, sentada na cama, tentava me desconectar de tudo aquilo. Estava ofegante, mas estranhamente meu amado não havia despertado. Assustada, juraria ter visto algo a se mover por detrás das cortinas, mas ignorei, provavelmente seriam ainda reflexos da terrível experiência. Deitei — me novamente e fitei a janela do quarto, mas antes de adormecer por completo pude ver a silhueta de alguém a espiar - me no canto do cômodo. Tentei em vão, lutar contra o peso de minhas pálpebras. Durante o sono, tive sonhos desconexos, mas em todos eles, Charlie estava lá. Meu amigo que estava comigo todo o tempo durante minha infância. Ele continuava com a mesma aparência de uma bondade infinda, vestido em suas mesmas roupas brancas como a luz do Sol de quando o deixei, o abandonei como alegou na época. Lembro — me de sempre tê — lo comigo, de dormir olhando - o e ouvindo suas histórias. Tornamos - nos inseparáveis. Ele era o meu melhor amigo. Ele era quem me salvava da fúria de meu pai e da submissão de minha mãe. Ele era a base de minha infância. Ele era a criação mais fervorosa e energética de minha imaginação infantil.

III

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O meu mundo havia desmoronado. O que antes era o mais poderoso amor, tornara-se um poderoso pesadelo. Pedro se transformara da noite para o dia, como se estivesse enfeitiçado. Tudo havia começado como uma tola discussão e tornara-se destruição por completo de meu coração. Ele havia nos trancado dentro do quarto e suas palavras me atingiam como lanças afiadas, eu estava muda, minhas cordas vocais foram surpreendidas pela crueldade verbal do homem a quem eu havia confiado minha vida e fragilidades. A fúria inesperada tingia sua face com um forte tom de vermelho. Após anos, o temor se apossara de minha alma.

— Você nunca me entende, qual é o seu problema? — Gritou. Aquelas palavras atingiram meu coração, eu conhecia-as, e as temia. Quando criança elas sempre eram seguidas por severas punições e gritos implorando piedade. Eu, finalmente, levantei-me da poltrona de onde sentara e fitei seus olhos. Eles transbordavam de descontentamento como se eu ainda fosse uma garotinha. Resolvi por entrar no banheiro e ver se Pedro se acalmava. Ele continuava aos gritos lá fora, enquanto as lágrimas silenciosamente corriam em meu rosto. Jamais imaginei que passaria por toda a dor novamente. Eu estava sozinha com um homem totalmente desconhecido agora.

— Abra a porta! Vá, abra a porta! — Gritava enquanto esmurrava a porta.

Eu abri e encarei-o. Não diria uma palavra. Ele puxou-me pelo braço com uma força desumana e pressionou-me contra a parede. Eu não conseguia tentar pará-lo. Suas mãos pressionavam meus braços, enquanto as palavras eram cuspidas em meu rosto.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Finalmente, meu instinto se aflorou e tentei empurrá - lo. Com o ódio ainda maior por ter sido desacatado, fechou o punho e atingiu meu estômago. A dor percorrera todo meu corpo, caí no chão quando me contrair - me, e quando pude levantar minha vista para olhá-lo vi-o ofegante, como se seu pescoço estivesse sendo pressionado por um inimigo invisível. Não pensei em ajudá — lo, talvez aquela fosse sua punição. Sentou-se na cama que na noite anterior havia me feito juras de um amor infindo.

— Ajude-me, ajude-me! Não sei o que está acontecendo! — Falava tentando aspirar ao máximo o oxigênio entre as palavras. Eu não iria ajudá-lo, a dor me impedia, o orgulho me impedia, o ódio fazia-me desejar que aquele fosse seu fim.

Por um momento, acreditei ter visto o mesmo espectro da noite anterior. A dor, imaginava eu, fazia-me delirar. Desejei ter alguém para tirar-me dali, de toda aquela aflição. Pedro continuava ofegante, lutei para levantar-me e tirar a chave do quarto do seu bolso, aproveitei ausência de força causada pela sua falta de ar. Lançou — me um olhar de desespero, pedindo ajuda. Eu dei-lhe as costas e parti. Eu jamais ajudaria alguém que me fez tão mal. Quando cheguei à minha casa o choro tornou - se intenso e aparentemente, infindo. Eu estremecia com fortes soluços. O dia arrastou - se duramente e quando a noite surgiu, eu já não sabia onde havia começado a dor. Desejava que alguém surgisse e desse-me apoio e respostas. Respostas sobre o porquê do amor não me desejar. Então, vi-me de cara com um estranho sentado em minha cama.

IV

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

As lágrimas encharcavam o assoalho agora. Todo o turbilhão de sentimentos estava de volta. Ele sentara-se ao meu lado e envolveu — me em um abraço familiar. Seu cheiro havia inundado todo o quarto, cheiro de flores molhadas pela chuva.

— Eu te conheço... — Eu disse entre soluços. — Mas não consigo encontrá-lo em minha memória.

— Eu sempre estive aqui, Marina, sempre, mesmo após ter me abandonado.

Charlie havia voltado, eu finalmente o reconhecera. Aparecera para salvar-me como tantas outras vezes. Sua aparência tornara-se obscura, mas seu olhar ainda transbordava lealdade. Lembrei-me da primeira que o vi, suas mãos vieram de encontro as minhas em meio a uma crise de choro. Naquela noite, ele fez vigília ao lado da minha cama, adormeci com suas carícias em meus cabelos. Sua voz doce entoava uma canção desconhecida, mas que acalmava — me instantaneamente. Foi a primeira de muitas noites amorosas e convidativas. Eu dormia com a certeza de que nenhum mal poderia me alcançar.

— Ele me bateu assim como papai me batia... - Agarrei-me ainda mais a ele.

— Sim, e teve a mesma punição que seu pai. Eu jamais deixarei que alguém te machuque e saia impune. — Levantei para fitá-lo. Seus olhos tornaram-se sombrios, como estavam na noite em que papai desapareceu para nunca mais voltar. Jamais sabemos o que aconteceu. Agora, eu conseguia idealizar, o fruto de minha imaginação tomara vida além de mim, e protegia-me incansavelmente.

— Você os ... — Colocou o dedo indicador em meus lábios,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

calando-me.

— Eu prometi que estaria ao seu lado. Fiz o que sua mãe deveria ter feito, salvei a vida dela também, e te ajudei com o Pedro, já que ele foi covarde o suficiente para agredi-la.

Guiou-me até minha cama, aconchegou-me e puxou uma cadeira para perto de mim. Colocou seus dedos entre meus cabelos e docemente disse:

— Tenho uma história de uma garota que, como muitas outras crianças, precisou de um amigo imaginário, mas o dela não era como os outros, não! Ele decidiu ficar permanentemente ao seu lado e cumprir todas as promessas que fez. — Adormeci mergulhada em uma segurança que eu conhecera quando criança.

No outro dia, não o encontrei, e durante o dia inteiro tentei convencer-me que havia sido só um sonho. Quando a noite chegou fiquei aliviada por não ter nenhuma visita sobrenatural. Mas, antes de adormecer, senti o cheiro das flores molhadas invadindo o quarto. E a voz surgiu atrás de mim.

— A solidão não existe. Só para quem a tem como melhor amiga.

AULAS

Mônica Ap. Souza Egydio

Em sala de aula de língua estrangeira tudo pode acontecer. Se for com alunos iniciantes, a diversão é garantida, pois, muitos deles, com pouco conhecimento das estruturas e das mazelas de outro idioma, lançam mão de recursos próprios para tentar responder às questões, expressar suas impressões e sentimentos.

Que atire o primeiro dicionário quem nunca se matriculou em um curso de inglês e desistiu dele antes de começar a aprender algo realmente consistente.

Nessa odisséia, surgem traduções, versões, novas formas de pronunciar as palavras, completamente alheias ao entendimento de um falante nativo, um verdadeiro massacre à língua do Tio Sam.

Se ele quer pedir emprestado um corretivo líquido, mais popularmente conhecido por branquinho, a tradução óbvia, do seu ponto de vista, é: “*little white*”. Se ficar magoado com um colega, já vai logo dizendo: “*You stepped on the tomato*”. E porque não oferecer um chocolate à querida *teacher* (pronunciando a letra t com o som do tchau ou tchan): “*Do you want a good-good?*” (pronunciado graciosamente como um /i:/ prolongado no final, como se fosse *goodie*).

Também é muito comum ouvir perguntas sobre o significado de uma frase em uma canção, o título de um *video game* ou dos dizeres de uma camiseta. E tais termos ditos de maneira bastante

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
abrasileirada, dificultam o entendimento.

Como convencê-los de que um *teacher* não possui poderes fantásticos capazes de saber tudo o que eles perguntam e compreender a qualquer custo seus métodos pessoais de comunicação?

E que entre tantas especificidades de uma língua, entender, por exemplo, que a pronúncia e o significado de palavras, como *sheet* e *shit* são diferentes e o fato de não serem ditas da maneira correta pode ocasionar problemas no momento de estabelecer comunicação com um falante nativo? E entender ainda que *push* não é puxar, que *fabric* é não fábrica, *lunch* não é almoço?

Além de todas essas peculiaridades, existem ainda aqueles que têm notória dificuldade para compreender as estruturas típicas de um idioma estrangeiro. Em um desses momentos, Roberta, professora de inglês experiente, que já lecionara em diferentes institutos de idiomas, passava exercícios de revisão para a primeira prova de uma de suas turmas iniciantes. A cada item revisado, Agildo, um dos alunos, insistia em repetir:

— Eu não me lembro disso não, *teacher*.

Solícita e preocupada com as constantes negativas do aluno, a professora citava outros exemplos. O menino balançava a cabeça e repetia.

— Não lembro.

Os colegas já começavam a incomodar-se com tamanha displicência. Como alguém pode frequentar a aula durante três meses e não se lembrar de absolutamente nada??

A professora seguiu com as explicações e ressaltou que eles ainda teriam alguns exercícios de reforço. Terminou o conteúdo

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

gramatical, passou à revisão vocabular através de cartazes, figuras e jogos. Agildo persistia:

— *Teacher*, eu não me lembro disso aí não.

— Agildo, verifique as lições 1, 2 e 3. Estude novamente em casa e refaça todos os exercícios, para que você possa recordar os pontos que estudamos até o momento. — Aconselhou a professora.

Última parte da revisão: *Functions* são as Situações de Conversação estudadas em cada unidade. A professora perguntava aos alunos cada uma das *questions and answers* estudadas e as escrevia no quadro com alguns espaços em branco para que, ao final, eles pudessem praticar todas elas como se fosse um diálogo.

O menino, agora em tom de pavor, replicava:

— Eu não me lembro disso não. Você ensinou isso? Quando?

O restante da turma, impaciente, já começava a procurar na lista dos adjetivos o antônimo de *intelligent*. Talvez, como formas de protesto surgiram algumas perguntas:

Tem alguma diferença entre *dumb* e *stupid*?

— Como é que se pronuncia mesmo?

— Como é lesma em inglês?

— E como é retardado, *teacher*?

Dadas as devidas e sucintas explicações, a aula prossegue.

Agildo continua fazendo cara de sofredor. Está totalmente perdido. Não consegue formular as perguntas, muito menos se lembrar das possíveis respostas.

Sem mais recursos para auxiliar o aluno, e para acalmar os ânimos dos colegas, a professora olhou para Agildo e perguntou

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

brincando:

— *What's your name?*

Agildo todo feliz, certo de que finalmente seria capaz de responder ao menos uma pergunta correta na prova oral, deu um sorriso e respondeu rapidamente:

— *My name is Roberta.*

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

TARDE DEMAIS

Renata Feltrim

— Deus! Deve haver algo errado — disse Clarice a si mesma, em voz alta. — Ele não para mais em casa, não retorna minhas chamadas durante o dia, está tão frio e ultimamente não tem tido tempo para nós.

Marcos chegava a casa depois de seu exaustivo dia de trabalho, beijava a mulher e, como de costume, lhe perguntava se o jantar já estava pronto. Ela, de forma rotineira, dizia que ele poderia tomar seu banho, que logo o jantar seria servido.

E assim eram todas as noites do casal. Jantavam juntos, conversavam um pouco e, enquanto ela lavava a louça e arrumava a cozinha, Marcos já estava dormindo.

Clarice passava noites, insone, pensando no que poderia estar fazendo de errado para que o marido a estivesse tratando daquela maneira. Chorava, sofria, questionava... Clarice era uma esposa dedicada e, depois de sete anos de casamento, ela começava a desconfiar de que algo muito estranho acontecia em seu relacionamento. Desesperada, ela resolve sozinha tentar descobrir o que poderia haver.

Seis e quinze da manhã, enquanto o marido tomava seu banho, Clarice levantou-se, prontamente, vestiu-se, fez um rápido telefonema e voltou a deitar, fingindo dormir.

Assim que ouviu o marido partir, fechando a porta do

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

apartamento, ela pulou da cama, pegou a bolsa e desceu pelas escadas.

Logo que chegou a frente do edifício, avistou o táxi que estava a sua espera no local combinado. Entrou e pediu ao motorista que aguardasse um carro sair da garagem, para que pudessem segui-lo. Quando avistou o carro do cônjuge, a mulher avisou o motorista, e começaram a rodar.

Aparentemente a situação estava normal. Marcos ia rumo ao escritório onde trabalhava.

Ao notar que tudo parecia bem, aguardou que o marido entrasse no prédio e decidiu que ficaria ali até que ele saísse. Ela passou horas dentro do carro aguardando com nervosismo.

Por volta das quatro e meia da tarde, Clarice avista o carro de seu marido sair. Essa não era a hora que ele costumava deixar o escritório, já que chegara a casa só à noite.

A mulher, estranhando a saída de Marcos, rapidamente cutucou o motorista que ligou o veículo para continuarem a perseguição.

Marcos estava se afastando do bairro e, à medida que avançavam o caminho, o coração de Clarice batia mais apertado.

Após mais de meia hora naquela agonia, finalmente a esposa vê o carro do marido encostar próximo a uma casinha simples, de onde saiu uma mulher muito elegante, ao toque de uma buzina.

Clarice não pode se conter. Sabia que havia descoberto aquilo que imaginava haver, mas precisava de mais provas. Continuou a seguir Marcos e foi então que viu o carro entrar num motel próximo daquele lugar.

Não havia mais dúvidas. Ele a estava traindo,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Aos prantos, ela voltou para casa, pagou a corrida e subiu ao apartamento decepcionada.

Fez tudo parecer normal. No horário de costume, o marido chegou, deu-lhe o beijo de sempre, fez-lhe a pergunta de sempre, e ela respondeu como sempre.

Ele tomou seu banho e logo se juntou à esposa para jantarem. Perguntou como ela havia passado o dia e fez um comunicado que não poderia parecer mais oportuno. Disse que havia sido convocado para uma viagem a trabalho e que estaria ausente até sábado. A mulher compreendeu e, após o jantar, ajudou-o a separar algumas coisas, afinal, era terça-feira, e ele partiria na noite seguinte.

Dormiram. Ou melhor, Marcos dormiu. Clarice passou a noite sem conseguir pregar os olhos, pensando em tudo o que havia descoberto e decidiu que aproveitaria a viagem do marido para mudar sua vida.

Despediu-se de Marcos na manhã seguinte, tomou um banho revigorante, respirou fundo e começou a juntar suas coisas.

Foram dois dias arrumando malas, empacotando pequenos pertences e juntando todas as suas coisas para finalmente deixar aquilo tudo para trás.

Marcos estava exausto e com saudades de casa. Havia chegado de volta ao aeroporto disposto a explicar à esposa tudo o que aconteceu. O tempo que passaram fora de casa serviu para que percebesse que não foi certo o que fez, sentia-se aliviado, afinal, apesar do erro que cometera, naquele momento ele tinha certeza de que amava sua mulher e era com ela que ele queria estar para

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

sempre.

Tomou um táxi na saída do aeroporto. Estava ansioso por rever sua companheira e recomeçar uma nova vida. Sentia-se feliz.

Abriu a porta de seu apartamento chamando pela esposa. Estranhou não ouvir resposta e foi até o quarto procurá-la.

Ao entrar, viu tudo vazio. Os armários, a escrivaninha, tudo. As coisas de Clarice não estavam mais lá. Ficou estático. Mal podia respirar.

Foi então que percebeu um bilhete em cima da cama que dizia:

“Marcos,

Estou deixando você e esta casa para sempre.

Descobri o que você fez, e não serei capaz de conviver com essa história por toda minha vida.

Aviso você quando mandarei alguém para apanhar o resto das minhas coisas.

Apesar de tudo, espero que seja feliz, assim como quero ser!

Adeus!

Clarice.”

INTERIOR DA MALA

Nádia Lise Córdova Lima

Correndo foi até encontrar-se no meio de uma ponte calçada com pedras. Debruçou-se no parapeito enquanto o cansaço lhe tomava o ar. A decisão estava tomada. Era melhor dar início à uma nova vida, do que seguir adiante com aquela loucura. Ergueu as mãos que seguravam uma mala e a deixou cair do outro lado do parapeito. Não esperou ver o objeto caindo sobre a água, já estava a correr.

A época fria do ano era a melhor para ele. Vestia suas melhores roupas e saía para passear com seus amigos após um dia exaustivo e costumeiro na vida de um advogado. Sandro, um rapaz de 33 anos, estava começando a firmar-se na carreira depois de longa batalha. Sua vida não fora fácil inicialmente.

Sentados a uma mesa de lanchonete muito movimentada, os rapazes conversavam descontraídos e paquerando algumas meninas que apareciam no caminho. Sandro sorria dos galanteios dos amigos, mas, em geral, permanecia quieto, observando o movimento ao redor. Parecia que a cidade estava à espreita de algo. Para onde ele olhava, havia um guarda.

— Ei, Sandro, acho que aquela garota foi com a sua cara. — comentou um de seus amigos — Por que você não vai até ela?

— Eu não estou muito a fim hoje. Deixo pra vocês. — respondeu, sorrindo.

— Você está virando um maricas... — riu outro amigo,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

enquanto pedia mais bebida — Não era tão reservado assim há uns dois anos.

Na verdade, Sandro estava interessado em outra moça havia algum tempo e ela estava vindo até sua mesa equilibrando uma bandeja. Serviu a todos com simpatia e ignorou alguns elogios, voltando para o interior da lanchonete.

Após algum tempo, os amigos se levantaram, um pouco embriagados, e começaram a caminhar rumo às suas casas. No dia seguinte não haveria muito trabalho a fazer, porém eles teriam que discutir assuntos sobre o escritório de que eram associados.

Uma semana depois, Sandro foi até a lanchonete para bebericar. Apoiou-se no balcão e solicitou uma bebida fraca. Quem o serviu foi a garçonete que admirava, foi então que resolveu falar algo.

— Trabalha aqui há muito tempo?

— Não muito. — ela respondeu sem deixar seus afazeres.

— E esse trabalho não a estressa?

— Se o senhor precisasse de dinheiro, pensaria assim?

— Acho que depende do esforço de cada um.

— Então, estou me esforçando.

Sandro sorriu e virou o último gole de sua bebida.

— Qual o seu nome?

— Alícia.

— Então, Alícia, até qualquer outro dia. Preciso me esforçar também.

Pouco tempo depois eles já estavam em um relacionamento. Sem muito compromisso ou seriedade. Sair por aí, dormirem juntos e conversarem sobre nada.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Às vezes, Sandro passava na lanchonete antes do trabalho, só para dar um sinal de vida para a garçonete. Em um desses dias, ele se sentou em frente ao balcão, mas nada pediu.

— O que houve? — perguntou Alícia.

— Enquanto eu vinha para cá, ouvi alguns tiros.

— Nossa! Onde foi?

— Não sei bem. Eu não saberia que se tratava de tiro, se não fosse o alvoroço das pessoas correndo. Foi um tanto repentino.

— Então isso não costuma ocorrer por aqui?

— Eu nunca ouvi. Acho que nunca pensei que tiros não tinham um som tão dramático quanto nos filmes. — apesar de fazer Alícia sorrir, ele ainda estava preocupado.

— Acho que já ouvi um tiro ou outro, em outras cidades. Mas pela calma que vejo na rua, acho que foi algum mal entendido.

— Pode ser. Vou evitar a fadiga e começar a usar meu carro. Hoje eu não volto cedo para o apartamento, então volte com cuidado.

Ajeitando a gravata, Sandro saiu da lanchonete olhando para todos os lados e seguiu rumo ao escritório. Chegando lá, deparou-se com seus amigos risonhos de sempre.

— Quem diria, Sandro! Apesar de ser um mauricinho agora, seu gosto pelas meninas da plebe é o mesmo. — zombou um dos advogados.

— Será que só eu ouvi aqueles tiros lá fora? — ele perguntou incrédulo.

— Ah, você ouviu? — perguntou um amigo — Eu vi algumas pessoas correndo, mas acho que já foi resolvido. Seja lá o que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

tenha sido.

— E vocês não se preocupam? Achei bem estranho para uma cidade pacata.

— Eu acho comum. Você é que é desligado.

No dia seguinte, Sandro passou a usar seu carro, apesar do costume de andar a pé. Foi para o escritório direto, mas ligou para Alícia convidando-a para dormir em seu apartamento. Iria buscá-la ao final do expediente. Chegando lá, esperou que Alícia entrasse no carro e deu a partida. No percurso, Sandro não tirava os olhos do retrovisor.

— Você está com medo de alguém? — perguntou Alícia sorrindo.

— Sei lá... Aquela correria de ontem me deixou preocupado.

— Não seja tão sério. Mesmo que não tenha ocorrido nada ao seu redor nos últimos tempos, não é raro ouvir um tiro por aí.

— Ah... Acho que o mundo gosta de se acomodar. É mais fácil.

— E eu acho que você está com mania de perseguição. Muito suspeito. — brincou a garçonete. Sandro olhou-a de lado e voltou a analisar a rua.

Alícia o abraçou durante o percurso. Quando chegaram ao apartamento de Sandro, ele já estava mais calmo. Passaram a noite juntos sem pensarem em mais nada além deles mesmos.

Quando acordou, Sandro foi recebido com um requintado café da manhã feito pela garçonete.

— Nossa...faz tempo que não como nada assim.

— Isso é estranho para alguém que tem um apartamento tão luxuoso e cheio de comida na geladeira.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Eu sou meio ocupado pra ficar cozinhando.

— Você deve estar se esforçando mesmo. Um dia eu chegarei ao seu nível.

Após o café, Sandro estava levando Alícia ao seu trabalho e deparou-se com um congestionamento incomum. Olhando adiante, notou viaturas da polícia fazendo vistoria em alguns carros que passavam.

— Agora eu estou começando a me assustar... — balbuciou Alícia — Acho melhor eu descer por aqui e você faz o retorno e evita isso tudo. Vai que ocorre outro tiroteio...

— Mas, e você?

— Tudo bem. É só eu seguir por uma rua paralela. Não se preocupe.

Sandro observou enquanto Alícia caminhava apressada para uma das ruelas e fez o retorno para o trabalho. Suando frio, conseguiu chegar ao trabalho.

— E aí, Sandro? Vamos á lanchonete hoje? Aí você nos apresenta a sua namorada. — cumprimentou um dos sócios.

— Com essa ronda por aí, não sei se é viável. — respondeu Sandro.

— Parece que estão procurando um ladrão ou algo parecido. Roubo de alta quantia em dinheiro. — comentou outro amigo que lia o jornal — Pode ser qualquer pessoa.

— Tem um ladrão andando por aí e vocês acham comum?

— Não acho que o ladrão fará algo a alguém. Só quer fugir com a grana e a polícia está certa em correr atrás. Um bom motivo para exercer nossas habilidades de suspeita sobre alguém, não acham?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Não é o ladrão que me preocupa. É a polícia.

— Eles não vão atingir ninguém, eu acho.

— Não é o que me pareceu esses dias. — Sandro estava inquieto com os amigos.

— Você nem parece um advogado. Isso tudo pode nos trazer lucro. Uma pessoa para proteger ou condenar. Já pensou nisso?

— Estou pensando em uma bala perdida nas costas... — concluiu ele.

Mesmo assim, lá estavam eles na lanchonete ao cair da noite. Sentaram-se um pouco mais próximos do interior da lanchonete e ficaram aguardando atendimento.

— Pare de ficar olhando para todos os lados feito um criminoso! — reclamou um amigo — Senão eu vou deixar essa mesa antes que eu pareça um cúmplice.

— A polícia está passando. Acho melhor termos cuidado. — murmurou um dos advogados.

— Eu não acredito... Vamos acabar morrendo aqui! — ao dizer isso, Sandro levantou-se e caminhou para o interior da lanchonete. Alícia vinha com uma bandeja, mas paralisou assim que os sons de tiros começaram a soar. Policiais saíam de seus carros e corriam em direção a lanchonete, atiravam para cima, fazendo que todos gritassem e fugissem. Sandro, em um ímpeto de fuga, correu e trombou na garçonete. Ambos caíram.

— Aqui! — gritou um policial mirando a arma para o casal estendido no chão.

Sandro ergueu as mãos e pensou em algo para dizer. Algo que um bom advogado deveria dizer, mas, antes que pudesse abrir a boca, os policiais agarraram Alícia pelos braços erguendo-a sem

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

dó. Arrastaram-na para a viatura da polícia e, nesse meio tempo, Sandro pôde ver um olhar preocupado direcionado a ele.

Os amigos entraram sorrateiramente na lanchonete e se aglomeraram ao redor de Sandro, esperando alguma atitude.

— Quem diria, heim? Você vai defendê-la? — perguntou um dos sócios.

— Bem que eu achei estranho esse movimento repentino de policiais por aqui. — falou Sandro, enquanto ajustava suas roupas.

— Eu não suspeitei dela em nenhum momento. Por mais que ela fosse nova na cidade, não consegui ver nada de anormal nela. Nem mesmo enquanto a polícia estava à espreita. — comentou outro advogado.

— Como você disse, pode ser qualquer pessoa. — ao comentar isso, Sandro saiu da lanchonete sendo seguido por seus amigos.

— Quanto profissionalismo, heim, Sandro! Nem parece mais aquele pobretão vindo da periferia, que conseguiu subir na vida da noite para o dia. Como se houvesse ganhado na loteria...

O PRÍNCIPE E A PEBLEIA

Juliana Almeida de Sousa

Em um vilarejo distante da corte, as moças de Catford estavam ansiosas em conhecer o formoso príncipe Eduard. Elas preparavam seus melhores vestidos, jóias, perfumes, sapatos, pois queriam estar belas para a chegada de Eduard.

O príncipe estava à procura de uma esposa, que ele amasse, pois não queria um casamento arranjado, por isso não aceitou a jovem Mary, uma linda princesa.

Em Catford, havia uma linda plebeia chamada Louise, que morava com seus pais em um humilde casebre. Viviam uma vida simples, ajudava sua mãe nos afazeres domésticos. Seu pai era um dos cozinheiros do palácio. Às vezes, Louise ajudava o pai na cozinha do palácio. Era uma ótima filha, muito prestativa.

Louise ficou sabendo da chegada de Eduard ao vilarejo, mas sabia que não podia concorrer com as moças bem vestidas, suas roupas eram simples sem luxo, não tinha joia, sapato, perfume. Sua família era muito simples.

O belo príncipe estava exausto na procura daquela que seria sua companheira para o resto de sua vida, alguém que ele amaria para sempre com quem teria seus herdeiros. Eduard já havia visitado muitos vilarejos e estava quase desistindo da sua busca e aceitando Mary como sua esposa, porém, sentiu que precisava conhecer as moças de Catford.

Quando Eduard chegou a Catford, foi recebido pelo

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

administrador, daquele vilarejo. Pôde contemplar lindas moças, muito bem vestidas e perfumadas. Olhou para cada rostinho, porém seu coração não bateu forte por nenhuma delas. O administrador convidou Eduard para repousar em seu palácio.

Chegando ao palácio, o administrador convidou o príncipe para cear. O príncipe sentou-se à mesa. Nesse dia a moça que servia ao administrador estava doente, e o pai de Louise pediu-lhe que os servisse. Louise, com sua imensa simplicidade, levou a bandeja e começou a servi-los com seu jeito meigo de ser.

O príncipe observou Louise com muita atenção e admiração, seus olhos brilhavam quando ele olhava para aquela linda jovem. A bela plebeia olhou disfarçadamente para o príncipe sem que ele percebesse. Ela ficou encantada com tamanha formosura. Terminando a refeição, o administrador e o príncipe foram para a sala prostrar-se.

O administrador disse a Eduard que no vilarejo havia moças belas e nobres. Durante sua conversa com o administrador, Eduard ficava pensando em Louise, e quando ele pensava nela, seu coração acelerava.

Eles foram deitar-se. O administrador preparou um confortável aposento para Eduard. Foi uma noite muito difícil para o belo príncipe, pois não conseguira dormir, virava de um lado para o outro e só pensava em Louise, naquela linda moça que o servira. Ele estava feliz por enfim ter encontrado o amor da sua vida, porém sua família não aceitaria uma plebeia. Para Louise não foi diferente virava, de um lado para o outro na cama e só pensava em Eduard, estava contando as horas para ir ao palácio e servi-lo.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Amanheceu, e Louise foi ao palácio, preparou o café da manhã, servi-lo. O administrador não estava. Quando ele a viu sorriu e disse:

— Bom dia! Como passou a noite?

Louise, não demonstrando sua felicidade e com muita seriedade, respondeu:

— Muito bem, majestade.

O príncipe pediu a Louise que o chamasse de Eduard. Louise perguntou se ele precisava de mais alguma coisa, ele respondeu:

— Sente-se, por favor, quero conhecê-la melhor.

Louise naquele momento ficou contente, mas, demonstrando muita seriedade, disse:

— Fico grata, Eduard, mas não fica bem, eu sou apenas a filha do cozinheiro do palácio.

Eduard, olhando para Louise com todo respeito, disse:

— Como se chama linda filha do cozinheiro?

Louise um pouco apreensiva respondeu:

— Louise.

Por muita insistência de Eduard, a linda moça sentou-se. Eles conversaram por um longo tempo. O pai de Louise chamou-a para ajudá-lo na cozinha. Quando a plebeia levantou-se Eduard pegou em sua mão e disse:

- Nos falaremos depois, Louise.

A linda moça foi para a cozinha muito feliz pela atenção que o príncipe lhe dera. Começou a sonhar na possibilidade de ser uma princesa. Quando pensava nas suas condições financeiras, logo se entristecia e ficava com aquele pensamento, ser uma princesa, pois estava amando o príncipe, ou acordar para a realidade. Era

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

uma plebéia, e por isso não poderia ser uma princesa.

Eduard por sua vez estava amando Louise. Pensava nela a todo instante, nunca sentira por ninguém o que estava sentindo por ela. Seu desejo era levar Louise consigo e apresentá-la como futura princesa, porém sabia que sua família não aceitaria uma plebeia como princesa. Eduard decidiu ficar no palácio por mais algum tempo. Quando a moça que servia o administrador recuperou-se, o jovem sempre dava um jeito de ver Louise e conversar com ela.

Um belo dia o príncipe declarou o seu amor a Louise, e ela a ele, começaram a fazer planos. O belo rapaz precisava tomar uma decisão. Viver esse amor e enfrentar a sua família, ou viver do lado de Mary sem amá-la.

Eduard foi conversar com os pais de Louise. Pretendia casar-se com ela e levá-la para o seu palácio. Os pais da moça concordaram, mesmo sabendo que seria impossível a família do príncipe, aceitar aquele casamento.

O príncipe foi em direção ao seu palácio com sua futura esposa. Chegando La foram recebidos pelo rei e pela rainha que não demonstraram alegria ao ver uma moça muito simples do lado de Eduard. O rei chamou o seu filho e disse?

— Eduard, você está deserdado, pois nossa família tem tradição e não aceitaremos uma plebeia.

O jovem rapaz pegou Louise e saiu às pressas pela floresta, o rei mandou os seus guardas atrás de seu filho para matarem Louise e levarem Eduard à força. Os jovens correram, der repente Louise tropeçou e caiu. O belo casal foi alcançado. Um dos guardas apontou o revólver para Louise e quando atirou,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Eduard se colocou na frente de Louise, a bala atingiu os dois. Os guardas levaram os dois para o palácio. O rei ficou desesperado e arrependido, vendo seu filho à beira da morte.

Com lágrimas nos olhos o rei disse a Eduard, que se ele e sua amada sobrevivessem aceitaria aquele casamento, porém já era tarde demais e seu filho deu o seu último suspiro, logo depois Louise morreu também. Foram dias difíceis para o rei e a rainha.

A DOR DO AMOR

Priscila P. Natale

Ieda suou frio. Descansou os olhos, respirou fundo e continuou com os deveres da casa. Aquele dia era especial, pois ela e o marido completavam bodas de porcelana., por isso Ieda estava organizando um encontro para mais tarde. Para a celebração, comprou um vestido e sapatos novos. Ligou para Maria, amiga antiga, para que ela a ajudasse na preparação do jantar. O marido saíra pela manhã para o trabalho. Ele, como de costume, ligou algumas vezes durante o dia para checar como estava sendo o dia da esposa. Antônio, que conhecia a mulher, imaginara que ela estaria preparando alguma coisa para o dia de festa. Enquanto a esposa cuidava dos detalhes do jantar, ele se locomoveu a uma joalheria para agradecer a esposa com uma joia. Para confirmar a aliança de vinte anos, escolheu um anel, mas muito mais sofisticado do que Ieda usava desde que se casaram. Voltou para o trabalho e continuou com suas obrigações até que desse a hora de partir. Em casa, Maria contava à amiga que o marido perdera o emprego e que ela estava preocupada, pois como Ieda, ela não possuía nenhuma renda que não a do marido. Depois de um dia longo de conversa e trabalho, tudo estava como a esposa havia planejado. Ieda tomou banho, arrumou os cabelos, se perfumou e vestiu o que havia comprado. Deixou os sapatos para calçá-los mais perto da hora que o marido chegasse. Arranjou as músicas, arrumou a mesa e checkou

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

o jantar, estava quase tudo pronto. O relógio se aproximava da hora em que Antônio costumava chegar em casa. Parecia até o primeiro encontro. Ieda subiu para colocar os sapatos, mas ao calçá-los sentiu uma dor muito forte e se lembrou naquele instante que pela manhã bateu o dedo do pé em um móvel do quarto. Devido os afazeres do dia, acabou esquecendo da dor, mas ao experimentar o calçado, a dor a lembrou do acontecido. Rapidamente vasculhou em sua sapateira algo que ornasse com o vestido, mas não encontrou. Estava quase em tempo de o marido chegar. Ela resolveu que ficaria descalça, pois a dor viera insuportável e constantemente. Antônio chegou. Estacionou o carro e entrou. Sentiu um aroma na casa diferente do que de costume. O cheiro da comida, do perfume de Ieda, e da limpeza da casa, mesclaram-se com a harmonia da música, deixando-o curioso. Achou a mulher linda em seu vestido decotado vermelho e com os pés nus e se lembrou de quando ainda eram namorados... e quando a propôs em casamento.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

A ÚLTIMA CHANCE

Allyson Deraldo dos Santos

Seu nome era Apollo. Sempre indeciso, duvidava de muitas coisas e não conseguia ser feliz por completo até que uma notícia o fez mudar completamente: tinha uma doença grave. Precisava de um coração novo, porém a lista de espera era extensa e não aguentaria muito tempo.

Deve ser difícil pra alguém receber uma notícia dessas, ainda mais no caso dele, não podia pensar no assunto que sentia um desconforto, tentava ignorar que aconteceria.

Como ele tinha perdido a vontade de fazer tudo, ou quase tudo, passava a maior parte do tempo em frente ao seu computador. Já estava cansado de São Paulo, tinha feito tudo que podia pela cidade.

Era por volta do mês de julho. Um dia, sem nada pra fazer, entrou em um bate-papo diferente na internet, em inglês, com estranhos do mundo todo, e se espantou quando conheceu uma menina que também morava no Brasil, só que mais ao Sul, precisamente em Santa Catarina, seu nome: Evellyn.

Durante o tempo que conversava com ela através da internet, se sentia vivo, esquecia o que estava pra acontecer com ele. Foi aos poucos se apaixonando e isso era o que mantinha sua vontade de viver.

Sempre conversavam sobre tudo, qualquer coisa se tornava um assunto pra eles. Sempre que começavam a conversar,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

passavam horas e horas.

Mas chegou um dia que não conseguiam se encontrar na internet, quando ele podia conversar, ela estava na escola, quando ela podia conversar, ele estava na faculdade.

Então ele começou a se sentir triste, não conseguia falar com ela e nem sabia se ela sentia o mesmo por ele. Isso só diminuiu o seu tempo mais e mais. Então quando conseguiram se encontrar mais uma vez, ele aproveitou para pegar o telefone e o endereço dela, sem dar indícios do que faria.

Como ele estava correndo contra o tempo, no dia seguinte pediu demissão do trabalho. Já estava de férias da faculdade.

Preferiu que ninguém soubesse de sua condição, não queria que ninguém mudasse a partir daquele momento, queria que todos continuassem a ser como sempre foram.

Então no final de semana seguinte pegou o carro e decidiu encarar a estrada pela primeira e talvez última, sozinho. O destino era Florianópolis com uma parada em Joinville: Evellyn.

Chegando à casa dela, faminto, passou em um supermercado e comprou algumas coisas para fazer um bom café da manhã com ela. Logo quando estava saindo, viu uma floricultura ao longe e lembrou que uma vez ela tinha lhe dito que nunca tinha ganhado um buquê de flores de um homem, então ele comprou um bem grande.

Tocou a campainha e assim que ela abriu, ele estremeceu, era mais bonita que nas fotos e estava de pijama. Ela levou um susto, não esperava encontrá-lo tão cedo e muito menos na sua porta. Então ele tirou a mão das costas, lhe entregou o buquê e disse:

— Primeiro a te dar um buquê?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Ela pegou o buquê e disse:

— Er... Sim... Eu acho. O que faz aqui?

— Resolvi tomar café da manhã com você, já até comprei tudo!

— Hum, mas... quer entrar?

Como ele estava com muita vergonha, lembrou do que o motivava e decidiu perder a vergonha, deu um abraço nela, pediu licença e entrou.

Se ele estava com vergonha, ela mais ainda, mas assim que começaram a conversar as coisas mudaram, tomaram café juntos e riram bastante. E ela voltou a perguntar:

— Para onde você está indo?

— Estou indo para Florianópolis, sempre quis conhecer, mas resolvi passar aqui primeiro e te conhecer.

— Entendi. Floripa é muito bonita, gosto de lá, mas não fui muitas vezes.

Então ele percebeu que a casa estava vazia e perguntou:

— Seus pais, onde estão?

— Viajando de novo e eu aqui, se você não tivesse aparecido, estaria dormindo. Vai ficar muito tempo por aqui?

— Está me expulsando — disse com um sorriso no rosto — se sim, já estou indo.

— Não, não é isso. É que queria saber se você espera eu tomar banho.

— Ah... Espero sim, mas já terminou seu café?

— Termino depois. Prometo não demorar. Pode ligar meu Notebook e assistir o que quiser, a casa é sua.

— Ok.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Então ele ficou sozinho, e da sala conseguia ouvi-la, cantando a plenos pulmões a música deles: Hallelujah. Esperou durante meia hora.

Quando ela desceu, ele ficou mais tímido ainda, se ela já era linda de pijama, bem arrumada e com roupas mais leves era melhor ainda. Fazia um calor naquele dia.

— Demorei muito?

— Valeu a pena esperar. Vai sair?

— Sim.

— Pra onde?

— Pra Floripa, posso?

— Er... Acho que sim, seus pais não vão achar ruim?

— Sem problemas, eles voltam só na segunda, nem vão perceber que eu saí.

— Por que você quer ir junto?

— Porque essa é a primeira vez que te vejo, não quero que seja pouco tempo, você se importa?

— Não, só que você me deixou tímido agora.

— Não fica assim senão eu também vou ficar. Vamos logo, tá um Sol lá fora.

Ela voltou para o seu quarto e trouxe uma mochila com algumas roupas.

— Estou pronta. Vamos?

— Não vai terminar o seu café?

— Eu vou comendo no caminho.

E foram pela estrada. O dia estava lindo. Enquanto iam ouvindo música no volume baixo, não paravam de conversar e rir. Tudo estava muito bem pra ele, já nem lembrava o que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

aconteceria e iria lhe acontecer.

Chegaram à praia e logo foram pra areia. Ele tirou a camiseta e ficou de bermuda, sentou na areia e ficou admirando a praia, era a praia mais linda que tinha visto. Ficou pensativo, lembrou de tudo que tinha vivido até ali e chorou, pela primeira vez não acreditou que aquilo iria acontecer tão rápido com ele. Todos seus planos, viagens, tudo acabaria antes de ser realizado. Lágrimas começaram a rolar em seu rosto, e foi aí que lembrou que não estava sozinho.

— O que foi? Não gostou?

Tentou disfarçar:

— É linda.

Ela sentou ao seu lado, abraçou-o e disse:

— Fica tranquilo, não precisa chorar.

— Tudo bem, você tá aqui pra compartilhar isso comigo.

Ficaram o dia inteiro na praia, comeram em um quiosque, passearam um pouco, viram o pôr do sol e lá pela noite foram para a casa que ele tinha alugado.

Ele tomou banho e foi arrumar o jantar, enquanto ela tomava banho e se trocava. Como só tinha uma cama, arrumou para ela e ficou com sofá, não queria invadir sua privacidade.

Jantaram e foram se deitar. Ela ficou muito feliz com o que ele fez, mas não queria que ele dormisse mal.

— Você não quer deitar aqui comigo?

— Devo?

— Eu que estou chamando.

— Ok.

Ele tentou se ajeitar para não ficar encostando o tempo todo

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

nela, era uma cama de casal, porém não parecia, era pequena.

Enquanto ele se ajeitava, ela olhava para ele. Quando os olhares se encontraram, ele foi tomado por um impulso e a beijou. O beijo foi retribuído e daí pra frente aconteceu muita coisa.

Quando ela acordou, ele já tinha preparado toda a mesa do café. A felicidade dos dois era tão grande que eles não conseguiam se desgrudar.

Ficaram assim até a tarde. Caminharam pela praia, almoçaram e fizeram tudo conforme o tempo até a hora de ir embora.

Quando estavam voltando, o clima não era mais o mesmo, a despedida era iminente e eles não conseguiam se conter.

Chegando a casa dela, se despediram. A despedida foi a mais triste de sua vida, a pessoa que tornou aquele final de semana no mais feliz de sua vida.

— Eu vou te ver de novo?

Tentando passar confiança, respondeu:

— Sempre que quiser.

E com um último beijo, a última despedida foi feita.

Quando ela estava chegando a porta de casa, ele desmaiou. Desesperada, pegou o carro e levou-o ao médico.

Os médicos contaram o problema que ele tinha e já tinha partido, e já era tarde demais. Partiu e não conseguiu dizer tudo o que sentiu, não conseguiu agradecer o que ela tinha feito por ele. E o único consolo dela era a lembrança do que fora o seu melhor final de semana.

Por mais que tivesse passado por aquele momento triste estava feliz, porque conseguiu fazê-lo feliz, compartilhou experiências

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
pela última vez.

SEPARAÇÃO

Edilene Carrilho

Claire e Jonas estavam separados há seis meses. Jonas voltou a morar com a mãe, num bairro distante. A filha do casal, Sophie, permaneceu sob a guarda de Claire.

Todos os dias, no caminho para o trabalho, Jonas telefonava para a ex-esposa. No início, os telefonemas eram justificados pela saudade da filha, porém não demorou para que os pedidos de reconciliação se tornassem ameaças.

Jonas, inconformado, substituiu as ligações por visitas inesperadas à sua antiga casa. Tornou-se agressivo, inclusive com Sophie.

Assustada, Claire conseguiu impedi-lo judicialmente de visitá-las, o que fez com que Jonas passasse horas em frente à sua casa, a espreita de uma oportunidade qualquer de contato, ainda que visual.

Dona Ruth percebe a mudança de comportamento do filho, mas, nos últimos tempos, mal conseguia trocar duas palavras com ele.

Durante o jantar, Jonas mastiga vagarosamente a comida, olhar distante, fixo, fisionomia séria, como se estivesse mergulhado em seus pensamentos. Calado, levanta-se e segue em direção ao seu quarto, onde permanece durante as horas que não está no trabalho.

Alguns meses se passaram e Sophie está às vésperas de

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

completar 6 anos de idade. Observando o movimento, Jonas nota que Claire prepara um festa. Ele telefona insistentemente, implorando pela oportunidade de participar da comemoração. Claire é irredutível.

Dona Ruth é surpreendida pelo filho, que entra num rompante em casa, indo direto ao seu quarto. A mãe, preocupada, chama por Jonas, que não a atende. Do outro lado da porta, ela ouve objetos sendo arremessados contra as paredes, espelhos se quebrando... Mas, de Jonas, não ouve uma só palavra, um grito sequer.

Na manhã seguinte, Jonas senta-se à mesa e toma seu café, calado. Ao comentar sobre o aniversário da neta, Jonas fecha o punho e esmurra a mesa, por diversas vezes, quebrando xícaras e pires. O sangue escorre pelo seu braço. Após meses de silêncio profundo, ele se levanta, olha para a mãe e diz:

Basta! Isso vai ter um fim!

Calmamente enrola a mão machucada num guardanapo, pega sua maleta, ajeita a gravata, coloca os óculos e sai.

Desesperada, Dona Ruth aciona a polícia. Desde a separação do casal, o filho a proibiu de manter qualquer contato com a ex-nora e a neta.

Uma viatura de polícia segue diretamente para a casa de Claire e ali passa quase toda a manhã. Jonas não aparece. Os policiais se dirigem ao seu local de trabalho. Lá, são informados de que Jonas havia sido demitido há mais de dois meses. Seguem então para a casa de Dona Ruth que, surpresa com a notícia, questiona-se para onde o filho iria todas dos dias, quando saía para trabalhar.

Os policiares invadem o quarto de Jonas e se deparam com uma

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
parede forrada de fotos do casal e da filha.

Neste momento, Jonas se aproveita da chegada de alguns convidados e entra na festa. Ao avistá-lo, Claire fica paralisada.

Ele se coloca diante da filha e puxa o gatilho contra sua própria cabeça. O vermelho intenso de seu sangue colore os balões. Fim da festa.

OS OBSERVADORES

Karen Moura Gonçalves

Mariana voltava da escola a pé todos os dias. No caminho da escola até sua casa, havia um muro alto. Uma árvore crescia quase encostada ao muro, e nela vivia um papagaio.

O papagaio era muito verdinho, com manchas amarelas nas asas. Ele não falava. As pessoas da região pensavam que ele era um papagaio selvagem, então obviamente não sabia falar porque ninguém havia ensinado. Tentaram fazê-lo aprender, mas não tiveram sucesso.

Um dia, Mariana levantou-se de manhã e foi até a escola, como de costume. A professora anunciou um passeio até um museu, seguido de um piquenique. Mariana sempre fora louca para visitar o museu... A professora entregou um papel com o preço da passagem de ônibus e do ingresso. Mariana suspirou. Não seria capaz de pagar. Sua família era pobre demais para permitir-lhe esse tipo de luxo.

Mariana voltou para casa com lágrimas nos olhos. Passou pelo muro e pelo papagaio. A ave a encarou com seus olhos cor de âmbar, mas ela não percebeu. Segurava firme alguns trocados no bolso e andava rápido... Aquelas moedinhas eram destinadas à compra diária de leite. Ela pensou que se conseguisse economizar alguns trocados do leite todos os dias, talvez conseguisse juntar o dinheiro para ir ao museu... Não, não. Demoraria demais. Até lá o passeio já teria acontecido.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Com esse pensamento triste em mente, ela entrou na mercearia. Um calendário grande com desenhos multicoloridos de papagaios da Amazônia estava pendurado logo acima da entrada. Ela parou e observou a data. Um mês até o passeio. Tinha um mês para pensar em alguma coisa.

Deixando os pensamentos de lado, ela dirigiu-se à geladeira no fundo da loja e pegou o leite. Teria ido rapidamente até o caixa, pagado e saído, se algo não tivesse chamado sua atenção... Alguém havia esquecido uma nota de cinquenta reais em cima do balcão da mercearia. O atendente estava de costas. Rapidamente, ela enfiou a nota no bolso do uniforme. Ninguém percebeu.

Ela pagou a moça do caixa com seus trocados e saiu apressada, com um sorriso enorme no rosto. Aquele dinheiro era mais que suficiente para alcançar seu objetivo.

No outro dia, ela entregou o dinheiro do passeio na secretaria da escola. Assistiu sonolenta à uma aula de Biologia.

— Estas aves são da ordem dos psitaciformes, família dos psitacídeos, do gênero Amazonas, e tiveram origem na América do Sul. Entre as 27 espécies existentes, 10 são brasileiras e... — dizia a professora, lentamente.

Aquela voz monótona fez com que Mariana cochilasse brevemente, e sonhasse com florestas distantes, onde centenas de pássaros observavam-na... E no meio deles, havia um papagaio gigante. No sonho, ela pensou que a ave fosse o rei deles. Não... não era o rei, era o deus deles. Ela se lembraria deste sonho pelo resto da vida se seu colega do lado não a tivesse acordado bruscamente com um cutucão, fazendo com que o sonho se evaporasse da sua memória durante o despertar apressado.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Naquele dia ela voltou da escola a pé, como sempre.

Até aquele dia, a menina jamais havia dado atenção à ave na árvore, mesmo passando por lá todos os dias.

Mas desta vez o pássaro estava *falando*, e falando *com ela*.

— Ladra. — disse o papagaio, inclinando a cabeça para o lado.

— Não sou ladra coisa nenhuma! — retrucou Mariana, com raiva. — Achado não é roubado, seu louro enxerido!

— Delinquente, enganadora, gatuna, meliante. — continuou a ave.

— Cala a boca! — ordenou a menina.

— Embusteira, biltre, calhorda.

— Eu mandei você calar a boca, seu frango imbecil!

Ela estava vermelha de raiva. Tirou a mochila das costas e pegou uma pedra do chão.

— Laráp... — começou o papagaio. Mas dessa vez ele não conseguiu terminar a sequência de palavras, pois Mariana atirou a pedra em sua direção e acertou em cheio.

O papagaio caiu do outro lado do muro, agonizante.

Dando-se por satisfeita, a jovem recolocou a mochila nas costas e continuou seu percurso.

No dia seguinte, acordou de manhã e foi até a escola. Quando foi embora, fez o mesmo caminho de sempre, passando pela árvore e pelo muro.

— Assassina. — disse uma voz inumana, vinda do alto.

Um arrepiou percorreu as costas de Mariana. Ela gritou e correu, e nunca mais passou pela árvore e pelo muro outra vez.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

DIA PERFEITO

Daniela Del Rio

O sol tinha acabado de se pôr, e Clara olhava pensativa pela janela, enquanto Ana preparava algo para o jantar.

Clara e Ana eram irmãs que, muito jovens, tiveram de se virar sozinhas devido à morte precoce de seus pais. Elas tinham muitos tios, tias, primos, mas cada um estava preso às suas vidas, à rotina do dia-a-dia, restando pouco tempo para dedicação à família, por isso, sempre estavam sozinhas, tendo somente uma a outra.

Quando o jantar estava pronto, as duas irmãs se puseram à mesa e, como faziam todos os dias iniciaram a refeição, sempre em silêncio; Raramente conversavam e, quando o faziam, falavam somente sobre o necessário, como a compra do mês, o grande calor que tomava conta da cidade e outras coisas banais.

Até que algo mudou essa rotina, e enquanto arrumavam a cozinha, lavando, secando e guardando todas as louças em seus respectivos lugares, a campainha tocou. Quando ouviram aquele som que dificilmente escutavam, entreolharam-se e por um momento não sabiam o que fazer, pois a surpresa daquele ato era tanto que não tinham reação para aquilo. Começaram a imaginar que tipo de alma seria aquela a sua porta, que desejava vê-las.

Após esse rápido momento, mas que para as duas pareceu a eternidade, Ana, a mais velha, tomou as rédeas da situação e se dirigiu até a janela da sala. Durante o percurso da cozinha até a janela, Clara pôde perceber que sua irmã não andava, mas

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

praticamente corria, ansiosa, não sabendo o que, nem quem esperar. Permaneceu ainda por um tempo maior parada, somente observando sua irmã.

Ana ficou um bom tempo na janela, procurando alguma coisa, pois não via nada. Quando já estava desistindo, imaginando tratar-se somente de uma brincadeira de alguns meninos da rua, escutou um gemido alto, como se fosse um grito, ela podia jurar que o autor foi um homem.

Assustada, olhou para Clara, que a essa altura estava branca como um papel, tremendo todo o corpo, parecendo que ia desmaiar. Ana correu em sua direção e a fez sentar-se no sofá, dizendo:

— Calma Clara, talvez seja um cachorro, ou quem sabe alguém precisando de ajuda. Vou olhar!

Clara então balbuciou:

— Você está louca, pode ser uma ladrão querendo aproveitar-se de nossa ingenuidade. Acho que devemos esquecer isso e ignorar essa campainha ou, talvez, chamarmos a polícia. O que acha?

— Você que ficou doida, Clara. — Disse Ana e continuou.

— Pare de ser tão medrosa, talvez há alguém precisando de ajuda e nós aqui discutindo. Eu vou lá fora! Fique aqui e me espere.

Então Ana saiu, deixando a irmã ainda assustada no sofá, pensando que esse seria o fim daquela pequena família.

Quando Clara achou que já tinha esperado muito e que deveria ver o que tinha acontecido, levantou do seu seguro sofá. Na mesma hora, Ana entrou, trazendo apoiado sobre si, um

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

homem não muito alto, extremamente esguio, forte, mas ao mesmo tempo com feições delicadas.

Estava todo machucado, com ferimentos por todo o corpo e parecia sentir muita dor. Clara quando o viu começou a gritar, dizendo:

— Meu Deus, meu Deus, o que deu em você? Quem é ele? O que quer? Como pôde trazê-lo para dentro de casa?

Ana, tentou acalmá-la:

— Não grite, você não está vendo que ele precisa de ajuda? Você acha que eu o deixaria lá fora para os ratos começarem a cutucar suas feridas? Tenha paciência!

Ana então o deitou no sofá, enquanto Clara ainda murmurando, foi até seu quarto trazendo sua caixa de primeiros socorros.

O homem, quando se encostou no sofá, parecia que tinha chegado ao céu e adormeceu. Então, assim mais calmas, pois dormindo ele parecia não representar qualquer perigo, Clara e Ana começaram a limpá-lo e fazer-lhe curativos.

Durante a madrugada, dormiram todos na sala, pois as irmãs tinham receio de ir para os quartos e deixar o desconhecido sozinho pela casa. Já de manhã, Ana foi a primeira a acordar e começou a preparar o café.

Incrivelmente ela estava de bom humor, diferentemente dos outros dias que pareciam fardos a serem carregados. Clara levantou logo em seguida e começou a ajudá-la. Como a irmã estava muito falante, conversaram sobre aquele estranho de uma forma que há muito não conversavam e aquilo as fez sentirem-se muito bem.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Enquanto tagarelavam na cozinha, não perceberam que o homem acabara de acordar. Estava agora em pé, junto à porta, somente observando seus gestos e ouvindo a conversa que acontecia. Quando Clara se virou para colocar os pratos na mesa, deu de cara como aqueles dois olhos que eram de um verde musgo muito diferente, parecendo fitá-la com profundidade. Em segundos todos os pratos estavam no chão, esfacelados.

O moço sem saber como agir, abaixou-se prontamente para ajudá-la na limpeza, mas foi logo interrompido por Ana que pediu para afastar-se e voltar-se para a sala que logo levaria seu café pronto até lá.

Esse sem hesitar, voltou rapidamente para o sofá, enquanto que, nervosa, Clara limpava o estrago que tinha feito. Após alguns minutos as duas foram para a sala. Breve momento de desconforto, e o estranho começou a falar, dizendo que não fazia a menor ideia de quem era, nem de como havia chegado ali. As irmãs começaram a inquiri-lo, sem sucesso. Ele não se recordava de nada, muito menos da noite anterior. Então, de uma forma totalmente natural e espontânea, as duas começaram a contar-lhe suas vidas, desde quando eram crianças, da morte de seus pais e da vida sem aventuras que viviam.

Ficaram assim, conversando por muito tempo. O moço parecia muito interessado, fazendo-lhes perguntas, rindo das discordâncias na história que as duas contavam e compadecendo-se de sua dupla solidão.

Quando perceberam, tinham preparado o almoço, almoçado, bebericaram um café e já estavam arrumando as louças do jantar que acabaram de comer. Os três não deram conta do tempo que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

passava, apenas desfrutavam da companhia um do outro, que a cada minuto mostrava-se mais prazerosa.

Resolveram recolher-se , era muito tarde. Combinaram que no dia seguinte, iriam até a delegacia mais próxima, para tentar identificar o novo hóspede.

As irmãs cheias de confiança foram dormir em seu quarto, deixando toda a sala para o visitante. Antes de dormir, as duas muito empolgadas começaram a fazer planos para o dia seguinte, como comprar novas roupas para ele, levá-lo ao cabeleireiro e até ao dentista.

Enfim, ele se tornou o propósito de suas vidas. Finalmente encontraram alguém que precisava da ajuda que elas tanto queriam dar. E os sonhos daquela noite foram diferentes, coloridos, quentes, vivos, cheios de perspectiva.

Clara foi a primeira a levantar-se e logo acordou sua irmã. Arrumaram-se , colocaram a melhor roupa que tinham e prenderam seus cabelos de forma que os brincos pudessem ser vistos. Quando correram literalmente para a sala para desejar-lhe bom dia, encontraram um bilhete e nem sinal do recente amigo.

Ana com os olhos marejados abriu o bilhete e o leu em voz alta para irmã. Nele estava escrito:

— Desculpe-me! Lembro-me agora. Adeus e obrigado.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

ETERNA LEMBRANÇA

Ana Paula Mayumi Okamura

A lembrança mais preciosa que possuo, por mais que tente tirar de minha memória, é o belo sorriso de minha irmã mais nova, Diana. Na verdade, não possuímos laços sanguíneos, já que foi a minha mãe que se casou com o pai dela. Nessa época, lembro estar com dez anos de idade e Diana com dois anos a menos. O início da nova família foi um mar de rosas para nós duas, tivemos uma infância saudável. Até o dia quando o pai de Diana faleceu inesperadamente, e ela teve de se mudar para morar com a mãe biológica em outra cidade. Quinze anos se passaram desde então, sem que eu tivesse ao menos uma única notícia de Diana.

Era mais um típico dia de aula na faculdade onde ministro aulas de matemática. Logo que cheguei, soube que uma antiga professora, a senhora Rosalie, da área de humanas, estava se aposentando, dando espaço a uma jovem professora. Assim que pisei na sala dos professores, um coordenador tratou de me apresentá-la:

- Chegou na hora certa, Joshua! Deixe-me apresentar a sua mais nova colega de profissão, a senhorita Helena.

De estatura média, a moça demonstrava um ar animado que acreditei ser pelo fato de estar no primeiro dia do trabalho. Educadamente cumprimentei-a e, em seguida, fui arrumar os materiais para as aulas do dia. Notei que ela me seguiu com o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

olhar.

Os dias foram passando e, pelo o que pude notar, Helena não tinha dificuldade alguma com as classes. Parecia ter nascido para aquilo. De minha parte, considerava um dom natural dela. No dia em que fomos apresentados, não trocamos muitas palavras, mas notei que ela estava me observando, o que passou a me incomodar. Certo dia, quando estava de saída da faculdade, encontrei em minha gaveta um anel de plástico, daquele que se ganha de brinde. Pela cor desgastada, parecia ser algo velho. Intrigado, guardei em meu bolso e tomei o caminho para casa. No dia seguinte, Helena veio falar comigo:

— Estou realmente animada com as aulas. Você, pelo o que sei, ministra aulas de matemática, certo?

— Sim. — respondi.

— Nunca consegui me entender com os números! Como consegue?

De certa forma, aquela energia alegre dela me contagiou, e acabei respondendo em tom animado:

— Sou eu que não entendo a senhorita. Letras!

Ambos rimos dessa eterna rivalidade entre a área de humanas e a de exatas. No decorrer dos dias seguintes, tornei-me mais próximo de Helena. Em uma de nossas conversas, ela disse:

— O que o fez querer se tornar um professor?

— Vejamos...não sei muito bem. Só lembro que desde que era estudante gostei de matemática. Mas, e você?

— Eu?

— O que a fez querer seguir essa profissão?

— Foi por causa do meu pai que também era professor, o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

estranho é que nunca pensei que fosse seguir a mesma profissão.

— Nunca pensou? A primeira impressão que tive da senhorita foi que nasceu para isso!

No dia seguinte, encontrei um bilhete em minha gaveta, com o seguinte: “06 de abril, 1995”. Aquilo não me fazia o menor sentido. Na manhã seguinte, cumprimentei Helena que disse em tom irritado:

— Já não sei mais o que faço.

— O que houve?

Mas parecia que Helena nem me estava escutando.

Continuou:

— Será que errei naquilo?

Percebendo que ela continuaria naquele debate consigo mesma por um bom tempo, dirigi-me à primeira aula do dia. No final do expediente, Helena logo me procurou:

— Tenho uma pergunta que preciso fazer-lhe, posso?

— Claro. — respondi um tanto confuso.

— É apaixonado por alguém?

Essa pergunta direta me pegou de surpresa. Constrangido, respondi:

— Há uma pessoa, mas acho que ela já se esqueceu de mim.

— Um amor não é algo que se esquece tão fácil.

— Por que está dizendo isso?

— Não pensei que fosse tão lento. Ande! Devolva o meu anel!

— Anel? Espere...aquele anel de plástico era seu?!

— Parece que com os anos ficou lerdo! Tive até que deixar recadinho com a esperança de que lembrasse de algo!

— O recado também?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Mas quando disse essas últimas palavras, Helena já não estava mais lá.

Ainda confuso, voltei para casa e procurei tentar unir as peças desse estranho quebra-cabeça, mas nada fazia sentido. Afinal, de onde poderia conhecer Helena? Não poderia ser a Diana, já que o nome não era o mesmo. Na mesma noite, passei a admirar a única foto que tinha junto de Diana, que havia sido tirada em um parque de diversões. Passado um bom tempo, notei que havia uma data marcada no canto inferior esquerdo. Foi nesse momento que notei o quanto fui insensível.

Ao encontrar Helena no dia seguinte, tentei falar algo, mas ela fingiu não me ouvir. Foi nesse momento que tomei uma decisão, faria o mesmo que ela. Quando percebi que me encontrava sozinho na sala dos professores, peguei um pedaço de papel e escrevi uma mensagem. Usei o mesmo papel para embrulhar o anel de Helena. Em seguida, coloquei-o na gaveta dela.

Já estávamos em mais um final de tarde. Todos os professores já haviam ido embora, e eu aguardei pacientemente até que Helena viesse ao meu encontro no terraço da faculdade. Quando pensei que ela não viria mais, escutei uma voz:

— Joshua!

— Estava com saudades de ouvi-la pronunciar meu nome, Diana.

— Como descobriu?

— O fato de você estar com o nome diferente ainda não compreendo, mas, pensando com calma, me lembrei do anel que foi um presente meu.

— Deve ter esquecido que meu pai tinha mania de me

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

chamar de Diana, já que era esse o nome que ele teria me dado ao invés de Helena que foi minha mãe quem escolheu.

— Agora entendo. Mas por que não disse logo que era você?

— Porque queria que você lembrasse por conta própria.

— Sabe que sou lento para essas coisas.

— Mas fiquei realmente surpresa, quando abri minha gaveta e encontrei o anel com um bilhete dizendo “Me perdoa?”.

— E estou perdoado?

— Ainda pergunta?

Quando me dei conta, os lábios de Diana estavam nos meus.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

UMA CHANCE

Laila O. de Souza

I

O despertador tocou às seis e meia da manhã. Depois de um final de semana com a família, Dr. Augusto, estava mais que disposto a ir para o seu consultório. Naquela segunda feira, ele teria muitos pacientes para atender. Era muito respeitado por todos, um ótimo pai de família e um exemplo de profissional. Augusto sentia-se feliz.

No dia seguinte, seria a vez de ele ser o paciente. Nada fora do comum, apenas um check-up que fazia todos os anos. Sabia que tinha uma saúde de ferro. Mas ele não esperava que algo fosse encontrado em qualquer resultado. O médico o avisou de que havia aparecido algo incomum em seus exames, mas que talvez não fosse nada grave. Pediu que ele voltasse depois de duas semanas, para exames mais aprofundados.

Augusto não se preocupou. Chegou a casa para jantar com a família, mas não mencionou o que havia aparecido nos exames, estava tranquilo. Sua esposa ia bem no trabalho, os filhos tiravam boas notas na escola, nada poderia ser melhor na vida dele. Sabia que no momento, não pediria mais nada, pois nada lhe faltava.

Passadas duas semanas, Augusto foi fazer os exames de que necessitava. Os resultados saíram no mesmo dia, e ele foi ao

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

consultório de seu médico para finalmente ter a certeza de que estava bem, melhor do que nunca. Ao abrir os envelopes, o doutor não soube disfarçar seu desapontamento e preocupação. Augusto estava gravemente doente, apesar de não parecer pela sua aparência.

— O senhor precisa de um transplante.

— Quanto tempo ainda tenho? — perguntou assustado.

— Se conseguir alguém compatível, viverá muito.

Saiu de lá confiante. Com certeza, acharia alguém compatível com ele e se salvaria dessa. Tinha uma esposa, filhos, parentes. Todos com grandes chances de salvá-lo. Não havia casos de doenças em sua família, não foi algo que ele herdou de alguém, mas ele sabia que casos assim aconteciam o tempo todo.

Nem sempre tudo é tão fácil quanto parece ser. Aquele enorme número de pessoas que poderiam ajudá-lo foi diminuindo. Sua esposa ficou espantada com a notícia, foi impossível conter as lágrimas, mas Augusto pediu que ela se acalmasse. Seus filhos não tinham idade suficiente para doar nem sangue.

No dia seguinte, Marta, sua esposa, foi fazer os exames, para ter a certeza de que era compatível e faria a doação para o marido. Nada feito. Marta não poderia ajudar. Como seus pais já haviam falecido, pediu para que o irmão fizesse o exame. Este também não era compatível. Cunhado, tio, tia, ninguém tinha condições de ajudar. Nesse momento, Augusto e Marta entraram em desespero. Não sabiam mais a quem recorrer. Bom médico que era, nunca havia visto um caso em que membros de uma família não estivessem aptos para doar uma medula para alguém

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
da mesma família. Mas, pelo visto, acontecera com ele. Qualquer pessoa, na mesma situação que ele, já teria perdido as esperanças, e aceitaria seu fim, vivendo intensamente os últimos meses que lhe restassem. O que torna Augusto diferente é que sua vontade de viver era imensa, não queria perder esse momento tão bom em sua vida. Não foi fácil conseguir tudo o que possuía, lutou muito para conseguir o status que agora tinha.

II

A situação não era das melhores. Mas a esperança ainda alimentava Augusto. Voltou ao médico e, o que estava ruim, conseguiu ficar pior. Recebeu o prazo de quatro semanas para conseguir um doador. Era isso, ou o caso dele se agravaria, e nem um transplante o salvaria mais. A calma desaparecera. Marta vivia preocupada pelos cantos, mas sem contar o que estava realmente acontecendo para os filhos.

Mesmo as pessoas mais felizes, mais competentes em sua profissão, tinham algo a esconder. E Augusto sabia disso melhor que ninguém. Ele sabia que de algum jeito teria salvação. Sabia que acharia alguém, o problema agora era contar toda a verdade para a esposa. E uma verdade que abalaria qualquer casamento, mesmo o dele, que completaria quinze anos.

Pensou em não contar... Pensou em mil maneiras de contar... Mas não tinha coragem. Respirou fundo, e chamou sua mulher para uma conversa.

— Pode parecer difícil agora, mas eu não tenho mais para onde correr.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Você tem alguma ideia? Querido, sua saúde é mais importante que qualquer outra coisa. Seja o que for me diga.

— Eu sei de mais alguém para quem posso pedir ajuda.

— Ora, querido, mas isso é maravilhoso, por que não me disse antes? Quem é essa tal pessoa?

— Não há outra maneira de te contar, mas, são duas filhas e a com quem as tive. — foi o que conseguiu dizer.

Os olhos de Marta se encheram de lágrimas, não se conteve, e chorou. Era inaceitável que um pai de família, respeitado e querido por todos tivesse feito algo assim. Augusto abraçou a esposa pedindo perdão.

— Já pediu para ela fazer os exames? Se não, peça. O que me importa agora, é que você se salve e fique bem.

Ela não fez mais nenhuma pergunta sobre a mulher e as filhas, preferiu esquecer. Agora não era um problema de tanta importância. Foi mais forte do que esperava. Ela amava muito o marido, para brigar em um momento como esse.

Os dois decidiram que deviam contar aos filhos sobre o estado de saúde do pai. Foi uma decisão difícil, mas fazem parte da família. Eram novos, não haviam chegado aos quinze anos ainda. Choraram com medo de perder o pai. Mas ele afirmou para os pequenos que tudo daria certo. Pediu para que não se preocupassem. Afinal, ele tinha mais três chances. E sabia que uma delas o ajudaria.

Dois dias depois, foi visitar a outra mulher e as filhas, para a qual pagava pensão. As três aceitaram fazer os exames, sem dúvida o ajudariam. Ele estava afastado, mas era pai delas. Nunca lhes negou nada, sempre deu do bom e do melhor. Era hora de

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
retribuir. Os resultados ficariam prontos três dias após a data
marcada para fazer o exame.

III

É claro, que ele se sentia confiante. Diante de qualquer problema que fosse nunca perdia a esperança. Estava se preparando para fazer a cirurgia. Sua esposa estava melhor, com uma cor saudável, olhos desinchados. Estava ansioso. Recebeu uma ligação do consultório, pedindo que fosse buscar os resultados e passar em consulta. O dia estava ensolarado, céu azul, do jeito que gostava. Deu um beijo na mulher e saiu cantarolando. Entrou no carro, ligou o rádio, colocou quase no último volume. Suas músicas preferidas. Cantou alto. Seu sorriso ia de orelha a orelha. Assim que chegou ao consultório, deu bom dia a todas as pessoas que encontrou. Sentou e esperou sua vez.

Pegou o envelope, e esperou que o doutor o chamasse. Ouviu seu nome, e sentiu um frio na barriga. Levantou, foi em direção ao médico, o cumprimentou com um largo sorriso, e sentou.

Naquela mistura de alegria e medo, Augusto recebeu a notícia de que nenhuma delas era compatível, e ele tinha pouco tempo de vida. Não é preciso dizer o quanto ele ficou perdido, sem chão. Saiu do consultório, foi pra sua casa. Chegando lá, contou à esposa, que também ficou sem chão. Não havia mais nada que pudesse ser feito. Ele havia deixado seu nome em uma lista de espera no hospital, mas a essa altura, achava muito difícil conseguir alguém. Ele não deixou de trabalhar, de cumprir com suas obrigações, às vezes eles até esqueciam a tal doença nos

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

momentos muito bons que passavam juntos.

Passadas algumas semanas, Augusto estava em uma situação terrível, ele já não tinha forças para sequer levantar da cama. Sua esposa levava todas as refeições no quarto e o ajudava a tomar banho e a se vestir. Estava pálido, com olheiras escuras e fundas, não havia mais aquele brilho em seu olhar e nem aquele sorriso contagiante. Ele odiava estar naquela situação, mas não podia fazer nada para reverter isso.

Certa madrugada já estavam todos dormindo, quando o telefone tocou, Marta atendeu.

— Desculpe o incômodo dona Marta, é aqui do hospital e estou ligando para falar que achamos um doador para seu marido. Teria como a senhora trazê-lo para que fique internado esperando pela cirurgia?

Ela abriu um sorriso de orelha à orelha, havia semanas em que ela não recebia uma notícia tão boa.

— Mas é claro, vou acordá-lo e já estamos a caminho.

Assim que ela desligou, acordou Augusto, o ajudou a vestir um roupão, e pediu para que a vizinha olhasse os dois meninos enquanto estivesse fora. Os dois entraram no carro e partiram. No caminho, Augusto adormeceu, e ela não fez questão de acordá-lo, pois deveria estar cansado, e precisava estar bem para a hora da cirurgia.

Quando chegaram lá, ela o chamou para que levantasse e entrassem no hospital, mas Augusto não respondeu. E ela percebeu que ele não havia adormecido no caminho.

O que lhe restava agora era levar flores ao seu túmulo.

PORTA-RETRATO

Francine Felício Di Benedetto

Porta-retrato

Já era madrugada quando Rosalinda, após dopar-se de remédios, conseguiu finalmente pegar no sono. Após todos aqueles acontecimentos repentinos, não sabia mais se o que desejava era manter-se acordada punindo-se com a dor, ou adormecer eternamente. Optou por nenhuma das alternativas talvez por covardia, ou por saber que sua missão ainda não havia sido concluída. Preferiu embarcar naquele adormecer induzido por narcóticos e esperar que com o descansar de seus pensamentos lhe surgisse alguma solução.

Assim que passou o efeito sonífero, a senhora de 60 anos despertou querendo acreditar que aquilo tudo não havia passado de um grande pesadelo. Porém, a mancha de sangue que se arrastava para fora do corredor, comprovava a tragédia que acontecera na noite anterior. Levantou-se devagar como se quisesse adiar a visão que mais cedo ou mais tarde deveria encarar. Calçou os chinelos e foi de encontro ao leiteiro que batia na porta incansavelmente perturbando a mulher. Ao abrir a porta, Rosalinda presenteou o vendedor com um sorriso acompanhado de um cumprimento:

— Bom dia Tadeu!

— Bom dia dona Rosalinda. Como vai a senhora?

— Vou muito bem, obrigada. Agora se me der licen...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Não espere eu preciso lhe perguntar uma coisa...

Rosalinda estremeceu inteira ao perceber o som preocupado na voz daquele pobre rapaz. Para não levantar suspeitas indagou:

— Pois não?

— A senhora sabe se aconteceu alguma coisa com a família Moraes? Têm dias que vou a casa deles levar o leite e não se escuta nada. Ouvi dizer que o marido descobriu algo sobre Mercedes e a abandonou. Sabe-se que ela está lá pelo fogo na chaminé e as roupas no varal, mas, nunca mais foi à igreja ou ao mercado ou a lugar algum. Eu vi alguém saindo de lá ontem por volta das oito da noite, mas, certamente, não era o seu Juvenal. A senhora sabe né?! Juvenal é grande para cima e para os lados, inconfundível. Diferente do senhor magro e alto que saiu de lá trajando uma capa como que se escondendo entende?

— Entendo. Contudo, acho que o senhor não deveria cuidar da vida dos outros e apenas fazer o seu trabalho. Se Mercedes não recebe mais o leite não é da sua conta o porquê.

Bateu a porta no rosto do rapaz, porém, logo se arrependeu. Aquilo mostraria alguma importância, mas já havia sido feito, então deixou passar aquela preocupação e voltou a sua dor interna.

O bem mais precioso de Rosalinda eram aqueles quarenta anos de casamento. Não sabia como iria viver sem seu verdadeiro e único amor. Jacinto era um senhor esbelto, alto, magro, carinhoso com tudo e com todos, sempre atraiu os olhares das garotas deixando sua esposa irritadíssima e enciumada, o que era a principal causa das brigas do casal. Longe desses episódios, os “pombinhos” se amavam e embarcavam sempre em grandes

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

aventuras. Continuou sendo assim pelos trinta e nove anos passados, exatamente iguais em tudo até a possessão da mulher. Havia alguns meses que o príncipe encantado daquela senhora já não era mais o mesmo. Não demonstrava seu amor, nem permanecia em casa por muito tempo. Voltava do consultório, onde trabalhava como cardiologista, apenas para comer e dormir. Mal conversava com a esposa. Era triste e insuportável para aquela senhora apaixonada.

Rosalinda ficou apreciando sua fotografia com seu marido durante 2 horas e só depositou o porta-retrato na estante quando percebeu um cheiro desagradável vindo do quarto de vassouras. Aquele tempo de êxtase que estivera admirando a antiga imagem da melhor fase de sua vida, remeteu-a as lembranças de momentos bons e ruins com o Galanteador Jacinto. Lembrou-se de como conseguiu conquistá-lo. Além de seu charme feminino, foi preciso adoecer a primeira esposa de Jacinto que logo veio a falecer deixando o homem disponível para Rosalinda. Finalmente criou coragem para ir até a fonte do mau cheiro. Puxou a porta corrediça e percebeu que o corpo já estava em decomposição. Seu amor por Jacinto era tão imenso que nem naquele estado a viúva conseguia deixar de amá-lo. Arrancou o facão que ainda estava fincado no peitoral do marido, limpou alguns bichos que se encontravam na face do rapaz, deu-lhe um leve beijo aos lábios e despediu-se dizendo que logo retornaria.

Vestiu o casaco e também uma capa, pois naquela época do ano nevava muito na região onde morava. Já estava escuro quando partiu. Andou por cerca de uma hora até chegar a seu destino. Ao chegar à frente da casa dos Moraes, relembrou a cena

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

do dia anterior.

Escondida atrás da escada, Rosalinda escutou o marido dizer ao telefone:

-Não se preocupe meu anjo. Estou aqui para ajudá-la. Eu sei que é complicado, mas logo tudo passará fique tranquila. Você sabe que eu estou com você nessa, Mercedes. Confie em mim. A noite estarei ai. Até mais tarde.

Rosalinda piscou algumas vezes para tentar despertar da memória, mas não conseguiu evitar de reviver também o próximo momento, para ela, o mais doloroso.

Rosalinda saiu de trás da escada discretamente e perguntou a Jacinto:

— Vai jantar comigo hoje, meu amor?

— Não Rosa. Preciso trabalhar.

— Mas ultimamente você só trabalha, querido.

— Pois é, Rosa. Mas você precisa entender. Meu trabalho é minha vida. Eu já tenho uma certa idade não posso deixar de trabalhar. Sinto que morreria.

— Mas e eu, não sou sua vida? Não sou motivo suficiente para você viver?

— Rosa, por favor. Não temos mais 30 anos. Você tomou todos seus remédios hoje? Acho que preciso mudar sua receita.

— Era só o que me faltava além de dizer que não sou a alegria da sua vida, não sou mais seu amor, esta me chamando de louca?!

Jacinto não tente me enganar. Aonde você vai essa noite?

— Já disse Rosalinda! Estou atrasado. Quando eu retornar iremos conversar.

Rosalinda seguiu disfarçadamente o marido até o mesmo local

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

onde estava naquele momento. O senhor não demorou mais de 2 horas, mas já era suficiente para a esposa enfurecida saber da mentira do homem. Mercedes tinha sido abandonada pelo companheiro. O mistério havia sido desvendado para a mulher com o coração traído. Rosa Iria agir, pois Jacinto era e sempre seria unicamente dela.

Piscou seguidamente, dessa vez com mais força e vontade e por ultimo visualizou, antes de adentrar a casa de Mercedes, o golpe certo que deu com o facão no peito do marido fazendo-o agonizar e suplicar ajuda até falecer na entrada do quarto do casal.

Depois de reviver todos aqueles momentos, a raiva de Rosalinda havia se multiplicado. Não hesitou nem mais um minuto. Empurrou a maçaneta e entrou, deixando a porta bater com o vento a suas costas. Com o barulho, soa um grito do segundo piso:

— Jacinto, querido, é você? Suba logo, por favor!

Se havia ainda alguma dúvida nos pensamentos de Rosa, naquele momento tudo estava absolutamente claro. Subiu os degraus sem se importar com o barulho e a voz tornava a perguntar:

— Jacinto? Corra, por favor!

A cada passo, o ódio crescia no coração de Rosalinda, fazendo-a apertar o facão com tanta força que os dedos encostavam facilmente em seu pulso.

A porta do quarto estava aberta e se via a luz do fogo da lareira que fazia sombra ao único corpo que estava no local. A mulher estava debruçada tentando apanhar algo do chão. Não era

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

possível ver os cabelos da moça.

Quando Rosa entrou no quarto, constatou que a moça estava careca e com uma aparência lamentável. O que ela tentava pegar do chão era uma coberta e com dificuldade extrema conseguia chegar até onde a manta estava. Assim que a moça percebeu a presença de alguém, virou-se e perguntou surpresa:

— Rosalinda, o que faz aqui?

Respondeu não com palavras, mas sim com sua atitude, cerrando o pescoço da moça em três golpes seguidos.

Enquanto limpava o facão no lençol da cama, a viúva visualizou muitos remédios em cima do criado-mudo. Viu também alguns instrumentos médicos que por sinal eram de seu marido. Logo disse para si mesma:

— Que canalha! Vinha direto do consultório e deixava as coisas aqui.

A assassina, que agora cometera não apenas um e sim dois delitos, retornou para sua casa plenamente satisfeita.

Assim que chegou, foi direto ao armário onde estava o falecido marido e arrastou o defunto até a banheira da suíte do casal. Lavou o corpo junto ao seu e permaneceu ali acariciando aquela carniça que já era capaz de se ver alguns órgãos expostos. Após duas horas de banho, puxou o morto para cima da cama onde adormeceu tranquilamente agarrada ao cadáver.

No dia seguinte, levantou novamente com a perturbação do leiteiro e foi até ele radiante como se tivesse resgatado a época mais feliz de sua vida. Abriu a porta e disse:

— Bom dia Tadeu. Tudo bem com você?

— Comigo sim. Mas...a senhora ainda não sabe?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Do que, querido?

— O que aconteceu com a dona Mercedes. A pobre coitada foi assassinada ontem. Imagina que tragédia, ser abandonada pelo marido, estar com câncer no coração, e ser assassinada sem nunca ter feito mal a ninguém. É uma pena seu marido ter se esforçado tanto para salvá-la e de nada adiantou. A polícia viu todos os laudos e medicamentos que estavam lá. Seu marido estava cuidando dela em domicílio né?! Claro coitada! Uma mulher tão bonita naquele estado. Provavelmente estava morrendo de vergonha de ir careca ao hospital por isso ninguém a via. Grande homem o seu Jacinto. A propósito, mais tarde a polícia virá aqui, em sua casa, para conversar com ele. A senhora sabe né?! Procedimentos legais.

Rosalinda fechou a porta, sentou-se no sofá, e ali permaneceu estática, admirando o porta retrato com a foto do casal.

ESCOLHA

Camila Ferrarini Soares

Eram cinco e meia da tarde, estava no ônibus a caminho do metrô.. Aquele havia sido meu primeiro dia de trabalho e seria também o primeiro dia na faculdade. Eu estava nervoso, deveria passar pela Sé para chegar até a faculdade. Dizem que é um lugar caótico, alguns brincam dizendo que é mortal, mas aí é exagero. Meus primos do interior dizem que é loucura viver nesta cidade. Sempre que vamos visitá-los, aconselham meu pai a comprar uma casa por lá. Eles acham besteira viver aqui, só acaba com a saúde. Meus pais mudaram de vida quando vieram para São Paulo, mas agora pagam um preço muito caro na velhice. Até penso na possibilidade, mas o que esperar de uma cidade com dez, quinze mil habitantes?

O ônibus se aproximava da estação, levantei e dei sinal, muita gente desceu no mesmo ponto. Achei que, pelo horário, haveria muito mais gente, faltavam dez minutos para as seis horas, mas ali ainda era a linha azul do metrô. Ainda me sentia ansioso enquanto esperava na plataforma. Tudo parece demorar mais do que o normal quando é a primeira vez. Chega o metrô, embarco e fico em pé. Temo não chegar no horário, mas os professores devem saber disso, a maioria dos alunos estuda e trabalha.

Conforme passam as estações, o vagão vai se enchendo de gente. Aproximando-se da Sé, a maioria se acumula nas portas. Impressionante como as pessoas se tornam automatizadas com

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

o tempo, eu não queria ficar assim. O costume deixa as pessoas mais robóticas. Parando na estação, saio apressado atrás das pessoas que vão embarcar no mesmo sentido que eu. Vejo a placa escrita Corinthians-Itaquera, é para lá que a maioria vai. Subo a escada a pé, apressado, ansioso, sem rumo. Quando subo, vejo uma aglomeração geral, não há para onde escapar. O primeiro impacto era de dar medo, nunca havia visto nada igual e tão desesperador.

Procurei um vão que não estivesse tão cheio, mas todos pareciam lotados. Meu relógio já marcava seis e vinte e cinco. Entrei na multidão e segui um pequeno fluxo de pessoas que ia para o final da plataforma. Sentia um calor fora do normal, vi muitas pessoas com expressão de desânimo no rosto, havia agentes do metrô tentando organizar a situação. Pobres coitados, se houvesse uma revolta dos passageiros, eles seriam os primeiros castigados pelo povo. Avistei um vão onde a maioria das pessoas já estava prestes a embarcar assim que fosse possível, é claro. Aquilo me lembrava muito do cercado onde meu tio guarda os animais do sítio; havia dois agentes na entrada de cada cercado. Cada um de um lado segurando uma fita para controlar a quantidade de pessoas que entra. Parei naquele mesmo, aos poucos iam chegando mais e mais pessoas, para embarcar naquele mesmo cercado junto comigo.

Chegou um trem e ouvi gritos como se ouve num show, senti que estava sendo empurrado, e o nervosismo me pegou mais uma vez. Quando abriram as portas, a multidão entrou de uma vez só. A fita foi solta e eu, junto com todos os outros que estavam perto de mim, fomos levados para dentro do cercado. Lembrei-

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

me dos bois quando se empurram para entrar logo no pasto e comer capim. Cheguei quase até a porta do metrô, mas já não cabia mais ninguém e então pararam de empurrar. A porta se fechou com dificuldade. Um agente veio e nos pediu para dar um passo atrás. O trem saiu e vi aquele vão cheio de trilhos na minha frente, senti medo. Temia ser empurrado para dentro daquela cratera. Olhei para frente, o outro sentido quase vazio, pensei na faculdade. Aquilo tudo ia valer a pena algum dia.

Por um instante desejei estar em casa jantando, assistindo a televisão, fazendo qualquer coisa, menos estar ali naquela situação. O próximo trem se aproximava, estava repleto de passageiros, não conseguia imaginar como caberia mais alguém ali dentro. Apenas uma pessoa conseguiu embarcar, e o trem foi embora. Veio outro e eu consegui embarcar com muito esforço, senti-me esmagado, dentro de uma torta de carne humana. Nem era preciso segurar em nada, as pessoas eram o apoio. Senti enjoo com aquele calor excessivo e as portas fechadas. A porta por onde eu deveria desembarcar era do outro lado do vagão, ainda bem que na estação Brás muita gente desembarcou. Fiquei bem próximo à porta, na estação seguinte desembarquei e sentei em um dos bancos que havia lá. Tomei um gole de água e olhei o relógio: faltavam cinco minutos para as sete da noite. Ainda deveria tomar um ônibus até a faculdade, mas daria tempo mesmo assim.

Pensei no sítio, na minha família, na cidadezinha onde meus primos moravam, na casa que meus pais construíram aqui na capital, na saúde deles, na saúde de quem morava no interior. Eram dois lugares completamente diferentes, dois modos de vida

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

opostos. Quando pequeno, eu queria trabalhar no sítio, mas a cidade ganhou-me com seus encantos e facilidades. Tudo o que eu queria era evoluir, fazer que o esforço dos meus pais não fosse em vão e que eu pudesse ser bom no que eu escolhi para mim.

Levantei mais calmo e fui para o ônibus. Havia duas filas no ponto, perguntei a uma garota, e ela me disse que uma era para ir sentado e outra era para ir em pé. Vi um ônibus saindo e muitas pessoas se equilibrando lá dentro, era só o primeiro dia, não havia necessidade de tanta pressa. Fiquei na fila dos sentados. Depois do metrô eu só queria um pouquinho mais de conforto por hoje.

IRONIA DO DESTINO

Jessica Milograna

I

Quando nos apaixonamos, e essa paixão não é correspondida, acabamos sofrendo, esse foi o caso de Sara. Antes de conhecer seu amor, sua vida era só festas e bebidas, enfim, não se importava muito com trabalho ou responsabilidade. Mas isso mudou quando ela recebeu uma proposta de emprego para ser secretária em uma pequena empresa. Em seu primeiro dia de trabalho, estacionou seu carro na porta da empresa. Quando olha para o lado, vê um rapaz de cabelos negros aparentando ter uns vinte poucos anos de idade. Naquele momento, tudo pareceu parar a seu redor, entretanto ele não a vê.

Ao entrar na empresa sente-se completamente desorientada, mas logo encontra uma pessoa para ajudá-la. Seu nome era Maria, uma senhora simpática de estatura mediana que deveria ter uns cinqüenta anos, talvez um pouco mais. Ao olhar para Sara.

Ela pergunta:

— Você deve ser a nova secretária? Seja bem-vinda, querida!

Sara responde,

— Acho que estou um pouco perdida, você pode me ajudar?

— Venha comigo vou apresenta-lhe seu chefe o Sr. Sílvio ele a

ajudará.

Sara a acompanhou por um corredor que parecia não ter fim, quando finalmente chegaram, a uma pequena sala iluminada com janelas de vidro e uma linda vista para um belo jardim. Um homem olhava para o lado de fora. Então Maria apresentou-os:

— Sara esse é o seu chefe o Sr. Sílvio!

Quando ele se virou, Sara logo o reconheceu, era o rapaz que havia visto há poucos instantes. Ela ficou sem palavras e hesitou por alguns momentos e disse:

— É um prazer conhecê-lo!

— O prazer é todo meu, disse Sílvio

Maria se retirou da sala e deixou os dois sozinhos.

Então ele olhou para Sara com um sorriso e falou:

— Seja bem-vinda no seu primeiro dia e não se preocupe, não sou um chefe muito malvado, apenas exijo que faça seu trabalho.

— Farei a minha parte.

— Enquanto passo a rotina de trabalho, que tal tomarmos um café. Tenho uma reunião importante na parte da tarde.

— Claro, disse Sara!

II

Enquanto eles tomavam café, e Sílvio falava sem parar sobre a rotina de trabalho, Sara suspirava.

No mesmo dia, Sara começou a trabalhar, e quanto mais o tempo passava, mais se apaixonava por seu chefe, que nunca correspondia a suas expectativas.

Em uma sexta-feira chuvosa e fria, Sara estava fazendo suas

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

tarefas, e Sílvio havia saído e dado um dia de folga a Maria. Quando eram sete horas da noite, Sara ia se preparando para sair, mesmo com raios e trovões, Sílvio estava chegando da reunião.

Sara disse a ele:

— O Senhor precisa de alguma coisa, por que já deu meu horário e...

— Não pode ir, vou ficar bem. Tome cuidado com esse tempo.

— Sim, vou tomar obrigado pela preocupação.

Quando ela se virou e para abrir a porta ela estava emperrada e Sara conseguia sair de jeito nenhum, nesse momento Sílvio olhou para ela e perguntou:

— Precisa de ajuda?

Sara olhou com a feição assustada e disse:

— Parece que estamos presos.

— Calma, precisamos pensar, vamos ligar para alguém.

— Parece que telefone não funciona, esta em manutenção...

A noite vai chegando com frio e vento, não há mais nada a fazer, então os dois começam a conversar, e Sara cria novas esperanças. Eles acabam adormecendo, e no dia seguinte, Sílvio levanta apressado se lembra de que deixou um celular reserva dentro de umas das gavetas do escritório e liga para alguém. Quando a ajuda chega, Sara estava acordando, e sua cabeça estava virando, como se ela estivesse com tontura. Ainda com os olhos sonolentos, olha para a porta e a vê aberta.

— Venha moça, disse uma voz distante.

— Mas onde está meu chefe?

— Já foi resgatado, agora ele está bem não se preocupe.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Na segunda-feira, ao chegar ao trabalho, Sara depara Sílvio beijando uma mulher que conhecera um pouco antes dela. Sem pensar, Sara sai correndo, Sílvio corre atrás dela até a rua e grita seu nome, mas é tarde, pois ela é atropelada por um carro e fica estirada no chão. Quando ele se aproxima, ela já não está mais respirando e não pode ao menos dizer o que sente.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
PARA SEMPRE DE MÃOS DADAS

João Vinicius Nabarro Pavan

“O que é mais importante, a sua felicidade ou a de seu próximo?”

Durante o inverno, Henri, um adolescente que morava com seu avô, sofreu um acidente quando voltava para casa, foi levado imediatamente ao hospital quando atravessou a rua imprudentemente e um carro o atropelou. Após alguns dias inconsciente, Henri desperta e percebe o quanto foi irresponsável. Uma enfermeira entra na sala onde estivera o garoto e diz-lhe:

— Você teve sorte! Você teve sérias lesões nos braços, mas não é necessário se preocupar, dentro de alguns dias você poderá retornar ao seu lar.

Henri fica feliz de ouvir isso e agradece a Deus por não ter acontecido o pior.

Em dois dias, o garoto já estava se sentindo melhor, já andava para lá e para cá sem dificuldades, porém, seu braço que estava engessado, ainda era algo que preocupava os médicos, por esta razão, pediram-lhe que permanece-se por mais algum tempo no hospital para observação. Henri entediado dentro daquele lugar, começa a rondar o hospital em busca de algo para fazer, a enfermeira percebendo sua impaciência, apresenta-lhe uma garota que também estava hospitalizada. Seu nome era Sara, uma garota bela com cabelos eram lisos e seus olhos bem acentuados.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Esta menina despertara atenção de Henri. Pouco tempo depois começaram a conversar como se já se conhecessem a muito tempo e um forte sentimento nasceu a partir dali. Contudo, Henri tinha consciência que Sara estava hospitalizada assim como ele devido a alguma enfermidade, mas nunca perguntara antes. Movido pela curiosidade, pergunta a Sara:

— Qual sua doença?

— Você não pode saber, são informações restritas dos médicos. — Responde Sara com um tom de voz triste.

Henri desconfiado das palavras da menina, vai atrás de um dos responsáveis do Hospital e exige-lhe que responda qual o estado de saúde de Sara, o médico como bom profissional, se recusa a responder. O sentimento que Henri e Sara tinham um pelo outro começou a crescer até atingir o nível da paixão, a maior parte do tempo ficavam um com o outro conversando e passeando pelo hospital. Infelizmente, isto não duraria por muito tempo.

Poucos dias depois, Henri recebe a visita de uma mulher misteriosa, que intitula-se por Sofia, que diz-lhe:

— Por favor, afaste-se de Sara, você não tem consciência o que estava fazendo para essa menina!

— Mas por que? O que Sara tem? — responde Henri.

A mulher entra em prantos e começa a derramar lágrimas e retira-se da sala, o garoto totalmente transtornado com a situação sai da sala e vai em direção ao quarto onde estava Sara, porém, ao chegar lá, não havia mais ninguém. Um sentimento forte de incerteza começou a percorrer a mente de Henri, o pior passava pela sua cabeça e não estava querendo aceitar isto.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Revoltado com tudo aquilo o garoto corre pelo hospital em busca de Sara, mas a garota não está mais lá. Desamparado, encontra-se com sua enfermeira, que pergunta-lhe:

— Por favor, onde está Sara?

— Sara não está mais aqui. — responde a enfermeira.

Henri desespera-se, foi tirado-lhe não só a garota por quem estava apaixonado, também foi-lhe arrancado o sentimento forte que sentia. Um dia depois, o médico de Henri entra em sua sala e informa-lhe que em poucos dias já poderia retornar ao seu lar, que seu estável não é mais preocupante. O garoto até se esquecera do por quê estava hospitalizado, Sara fez com que toda aquela situação de dor se transformasse num ambiente de prazer. Aproveitando a situação, Henri pergunta ao médico:

— Doutor, você sabe para onde foi Sara?

O médico com uma expressão de tristeza, responde ao garoto:

— Filho, aquela garota esta hospitalizada pois seu estado é grave.

— Mas eu não consigo entender! Nós sempre caminhamos juntos, andamos por todo o hospital como se não tivéssemos nada. — responde Henri.

— Aquela garota possui uma doença que a medicina ainda não detectou. Quando era pequena, Sara sofreu um infarto, por muito pouco aquela menina não veio a falecer.

Henri ficou pasmo com aquilo que ouviu, tudo que queria era saber naquele instante era o atual estado clínico de Sara, foi quando o médico explicou-lhe que Sara nasceu com o coração diferente das demais pessoas, assim como sofreu um infarto anos antes, ela poderia sofrer agora. Por tal motivo, a família de

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Sara decidiu deixa-lá aos cuidados médicos fazendo o possível para diagnosticar sua doença, porém até o momento nada foi concluído.

Henri percebeu que Sara possuía uma bomba relógio dentro de si, que a qualquer momento poderia-lhe acontecer o pior, mas insiste ao médico que quer ver Sara; o médico informou-lhe que a garota havia mudado de clínica para fazer a operação do coração e ao ouvir isso, Henri insiste que o médico que diga-lhe onde se encontra o lugar. O médico informa-lhe e Henri ainda com o braço enfaixado deixa o hospital e corre em direção ao lugar onde estava sua amada. Chegando lá, Henri encontra a mulher que havia lhe dito para afastar-se de Sara quando percebeu que tratava-se da mãe da garota. Tentando se aproximar dela e conversar, a mãe desamparada informou-lhe que pouco antes de sair do hospital onde estivera Henri, Sara sofreu outro infarto e teve que ser levada a outro hospital imediatamente.

Naquele momento, Sara passava pela cirurgia de coração, mas Sofia estava convicta que a garota não suportaria a operação, os médicos disseram-lhe anteriormente caso isto voltasse a se repetir, as chances de cura seriam mínimas. Henri que agora sabia de toda a situação, olha para o chão e começa a pensar em tudo que passou com Sara, mesmo sabendo que a qualquer momento poderia acontecer aquilo, a garota jamais disse a ele sobre a doença que possuía, Henri então percebeu o quanto Sara o amava. A cirurgia prolonga-se por várias horas, a mãe da garota e Henri permanecem a noite inteira no local esperando o final da cirurgia, foi quando um dos médicos retira-se da sala e euforicamente a mãe pergunta-lhe:

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Como está minha filha doutor? Como ela está?

— A garota está bem no momento, a cirurgia foi um sucesso, mas tudo o que pudemos fazer naquele instante foi salvar sua vida.

Sofia entende que por mais que Sara estivesse bem, o médico quis dizer-lhe que sua doença ainda estava presente, que isto poderia acontecer mais tarde. Com o fim da cirurgia e já consciente em uma sala a parte, a mãe da menina fica em sua companhia e começa a dialogar com sua amada filha, mas impede Henri de entrar. O garoto começa a chorar desesperadamente e lamentar-se por aquilo, então percebeu que por mais que a cirurgia tenha sido um sucesso tudo seria uma questão de tempo até isso repetir-se, ficava imaginando o quanto ela estava sofrendo momentos antes de acontecer este infarto, e agora necessitaria passar por tudo isso novamente. Sofia fica a todo instante com ela, mas Henri foi impedido de entrar em quaisquer momento. Insatisfeito e totalmente movido pelo sentimento da paixão, o garoto espera pacientemente o momento que sua mãe sairia da sala para que mesmo por 1 minuto poder ver Sara, no exato instante que o médico chamou mãe da menina para uma conversa. Henri percebendo a enorme chance, entra discretamente na sala, e vê Sara deitada numa cama com os olhos trêmulos e cheios de lágrimas. Aquela cena mexeu não somente com o seu coração como também mudou o seu interior, que disse-lhe:

— Sara, posso ficar ao seu lado para sempre?

— Não será por muito tempo, será por tão pouco tempo que ficaremos juntos... - responde Sara.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Estou ciente disto, é por isso que quero ficar este tempo todo ao seu lado.

— Mas você terá que desistir de tudo por mim, eu não quero isso.

— Essa foi minha decisão, você não pode muda-lá. - responde o garoto.

Henri percebeu que naquele momento, para a felicidade de Sara, precisaria estar com ela o tempo todo, necessitando abdicar dos estudos e da carreira profissional. Enquanto isso na outra sala onde estava a mãe da menina e o médico, conversavam sobre o quanto mais Sara permaneceria viva. O médico bastante imparcial, informou a mãe que a garota é forte, mas o próximo ataque que vier a ocorrer será muito em breve, infelizmente, disse o médico, isto poderia acontecer tanto agora como futuramente. O doutor em um momento de compaixão disse a mãe da menina:

— Tudo que Sara precisa neste instante, é alguém que fique ao lado dela, por todo o tempo. É nessas horas que pergunto a senhora, o que é mais importante, a sua própria felicidade ou a felicidade daquele que amamos?

A mulher entende as palavras do médico, que facilmente deduz que Sara precisaria estar com aquele garoto para que pudesse viver intensamente todos os momentos restantes de sua vida, que não era importante aquilo que aconteceria com ele, o mais importante era fazê-la sorrir em todos os momentos que estivesse viva, isso seria o mais importante.

A mãe retorna a sala e quando abre a porta vê a cena mais linda de sua vida, sua filha abraçada com Henri e com um lindo

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

sorriso no rosto, um sorriso que ela nunca viu em todos os anos que esteve com sua filha, em um ato de amor e compaixão, Henri diz a Sara:

— Viveremos para sempre assim, abraçados e de mãos dadas!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

UM AMOR...

Raquel Fernandes Rodrigues

Catarina era uma moça muito jovem, solteira, encantadora, engraçada, tinha sorriso marcante, jeito cativante, pele rosada e macia como a seda, usava vestidos belíssimos, para que os olhares fossem dirigidos somente a ela, mas isso não era necessário. Apenas com um sorriso qualquer homem jamais seria indelicado com ela. Uma moça que eu amei no passado, mas isso foi antes de tudo, quando eu não podia sentar-me ao lado dela. E agora mudou devido a muitas circunstâncias.

Sou João Gomes da Costa, fui um rapaz humilde, meus pais não tinham condições de me dar uma estrutura melhor de ensino mas faziam o possível para me dar uma boa educação.

Num certo dia, apareceu um Conde na minha rua e o ajudei a encontrar a casa de D. Adelaide, que era a dois quarteirões de onde eu morava. Como agradecimento ele me deu algumas moedas.

No dia seguinte, encontrei-o na mesma rua e conversamos demoradamente. De uma hora para outra, ele se tornou um amigo e, com o tempo, ele me fez o convite de ir a Paris, estudar idiomas e melhorasse meus estudos.

Minha mãe ficou desconfiada, meu pai deu um salto de alegria, e eu decidi ir, pois estaria melhor apresentável para minha querida amada, talvez assim ela me aceitasse. Na verdade, sua família, pois ela já havia me aceitado da forma como sou.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Fui com o Conde no navio.

Para que eu não me perdesse, ele me ensinou tudo que prometera: línguas, matemática e outras matérias.

Depois, regressando, consegui entrar na faculdade de Coimbra, onde conheci diversas pessoas, mas a que não saía da minha cabeça era Catarina.

Eu comecei a escrever-lhe cartas todas as tardes com poemas declarando meu amor. Mande-lhe flores. E ela, em resposta, mandou outras tantas cartas e um fio de seus cabelos loiros, o que eu reconheceria até no escuro. Eram amarelos como o Sol.

Entretanto, o que eu menos esperava era que ela viesse a adoecer, com pneumonia, tosses fortes.

O Conde, agora meu grande amigo, disse:

— Vá, ver como está sua amada. Ela não suportará não tê-lo visto antes de sua partida para seus estudos.

Eu, preocupadíssimo com a notícia do telegrama que recebera dos meus pais, e com conselho do Conde, fui ver minha amada.

Cheguei a sua casa, fui muito bem recebido; era como se ninguém tivesse me reconhecido. Realmente eu parecia outro.

O Conde avisou à família dela que eu estava chegando, que eu era um grande amigo seu e que ajudaria Catarina.

Fiquei uma semana hospedado na casa dela. Depois de verme, parecia que a luz do Sol havia iluminado todo seu ser.

Ela era, cada vez mais, divinamente linda e encantadora.

Mas no que ninguém acreditava era em sua recuperação.

Com a minha presença a cada dia ela tinha uma melhora, a cada dia ela se alimentava melhor e começou a sair para caminhar comigo e com a moça que cuidava dela, pelo jardim.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Enquanto isso, Catarina pensava:

“João é deslumbrante, tão calmo e doce, que sua presença me alegro tenho vontade de ficar a todo o momento ao seu lado. Minha família está até conversando com ele, dizendo que ele parece ser um dos nossos. Eu quero casar-me com ele, mas será que já é hora para isso? Fico me perguntando se antes não teríamos de conhecer-nos melhor. Mas cada vez que o vejo, tenho certeza de que ele é o homem que sempre quis e esperei; ainda leio suas cartas quando ele não está comigo. Eu o amo muito e sinto que ele me retribui esse amor e meus afetos. É como se nós fôssemos almas gêmeas.”

Seus pais perguntaram-lhe se ela me queria como marido. Sua vermelhidão se fez presente, e ela disse que me amava, que eu era a pessoa com quem ela queria passar o resto de sua vida.

Eles atenderam o desejo da filha tão querida, pois sempre a apoiaram em tudo desde menina: das escapadas para os bailes, até das travessuras e brincadeiras das quais somente eles riam.

Mas agora era hora de assumir a própria felicidade.

Ela continuaria vendo os pais, mas sair de casa era diferente. Morar com quem ela escolhera, com a pessoa que desejara, era simplesmente maravilhoso.

E a sequência do meu encantamento por Catarina foi esta: estamos casados há 9 anos, temos uma filha linda como ela e um garotão igualmente encantador, que renovam, constantemente nossa felicidade.

O DIA

Elza Milena Maia de Matos

A noite se aproximava e Ana andava apressadamente. Em seu rosto, uma feição de raiva, e o que mais desejava naquele momento era chegar á sua casa. No trabalho, o dia tinha sido tranquilo, diferente dos outros dias, mas sentia-se cansada, desistiu do ônibus e pegou um táxi.

Ao entrar no táxi, falou para o motorista ir o mais rápido possível, olhava nervosa pelo vidro do carro, e no seu pensamento, passavam-se várias coisas. Abriu a bolsa e pegou um envelope que recebera no seu trabalho pela manhã, releu a carta várias vezes, sentia-se angustiada, desejava chegar a sua casa o quanto antes e queria entender o motivo de tudo aquilo. A letra era desconhecida, e sem remetente.

O caminho para casa parecia interminável e, por azar o transito estava intenso e, por mais que o motorista tivesse boa vontade, a viagem seria longa. As lagrimas lhe desciam pela face, e parecia estar perdendo o sentido. O taxista que a observava tentou um diálogo para amenizar o nervosismo de Ana, em vão, ela chorava cada vez mais.

Finalmente a viagem terminou . Ana pagou ao taxista, entrou com pressa em sua casa, procurava na bolsa a chave que não encontrava, aumentando sua ansiedade. Finalmente encontrou, ao entrar na casa tudo parecia tranquilo, como ela havia deixado pela

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
manhã. Sua amiga e empregada Sofia, já tinha ido embora. Não entendeu o motivo de sua saída. Seu marido não estava em casa também e nesse horário já estaria. Foi para seu quarto, olhou-se no espelho, seus olhos estavam vermelhos, Ana pegou o envelope e releu a carta, que dizia:

*Querida Ana, tão doce, delicada, tenho pena de ti.
Com uma vida pacata, marido, trabalho, casa.
Infelizmente você não tem o dom divino da maternidade.
E André, seu grande companheiro, procurou encontrar isso em alguém.
vamos construir uma vida aqui pra frente.
E, por favor, Ana, deixe-nos seguir em paz e siga a sua vida.
Boa sorte, querida Ana!*

Tudo coincidia, seu marido não suportava a dor de não ser pai, arrastavam o casamento de dezoito anos com sofrimento, Ana sentia-se culpada pelo seu casamento infeliz, e fazia de tudo para manter a relação, amava seu marido perdidamente, dedicava-se de todas as formas em nome de seu casamento. Foi então que respirou fundo, e por um minuto, sentiu-se uma idiota por acreditar em tamanha blasfêmia. Acalmou-se.

A companhia tocou, foi atender desesperada, esperava seu marido, que naquela hora já deveria ter chegado. Imaginou que poderia ser mais um problema no trabalho, atendeu à porta, era sua mãe, Ana a abraçou com carinho, e sua mãe que a conhecia

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

como ninguém notou que algo acontecia, e disse:

- Filha, aconteceu algo?
- Mãe, ainda bem que você apareceu.
- Me conte o que houve?
- Olhe isso.

Caterina começou a ler a tal carta, e por instante ficou muda e pasma.

- Meu Deus, eu sabia, esse seu marido é um canalha.
- Mãe, isso não é verdade.
- Ana, como você pode ter tanta certeza?
- Mãe, eu vou esperar o André chegar. Ele irá me explicar tudo, e tudo se resolverá.

— Ana, o André já não é mais seu marido, nos últimos dias nem ao seu lado ele tem dormido. Isso não é vida de um casal normal. Bom ,cadê a Sofia? Quero tomar um café, depois de tudo isso, estou nervosa.

— Não sei da Sofia, cheguei e ela já não estava mais, saiu antes do expediente, e não avisou, deve ter acontecido algo com urgência, a coitadinha não é disso.

- Esse criados estão cada vez mais folgados.

O tempo passava e André não chegava. Ana ficava mais aflita. continuou a conversa com sua mãe.

- Cadê seu marido, ele não vai chegar?
- Não falei com ele hoje, deve ter tido um dia cheio no trabalho.
- Claro, como sempre ,Ana,
- Quero que você entenda mãe, isso tudo vai passar.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Tudo bem, filha, mais torço que acabe logo e que principalmente você não se magoe, pra mim isso é o mais importante. Quer que eu durma com você essa noite?

— Não, mãe, vá pra casa, o papai deve estar preocupado, o André chegará logo.

Mãe e filha se despediram com um abraço. Ana foi pra seu quarto tentar descansar. Tomou um calmante para tentar dormir, já se aproximava das duas horas da manhã e André não tinha chegado. Olhava para o seu lado na cama, sentia falta do seu marido. Pegou um porta retrato que estava na escrivaninha, ficou triste ao ver a foto, e pensava como tinha sido feliz.

Adormeceu, acordou com o barulho do despertador, notou que seu marido não havia chegado, foi quando percebeu um envelope em cima da cama. Abriu-o e notou a letra de André. A carta dizia:

Ana..

Talvez você nunca me perdoe por isso, mas não tive forças de dizer pessoalmente. Estou de partida amanhã, eu e Sofia nos apaixonamos, e ela está grávida. Nesses dezoito anos de casamento, aprendi muito com você mas há muito tempo não me sentia feliz, como me sinto hoje.

Quero sua felicidade, e que prospere sempre.

Seja feliz.

André.

O REMÉDIO

Danielle Cardoso

Enquanto Pedro, camponês pobre, trabalhava diariamente ao lado de sua família, outro jovem, rico, nobre e ambicioso, andava pela cidade. O segundo, Miguel, apenas se divertia esnobando e maltratando pessoas mais humildes.

Os caminhos dos dois jovens se cruzaram no momento em que ambos se apaixonaram pela mesma mulher: a princesa do reino.

Pedro estava trabalhando, carregando cestos, quando a princesa passou por ele, a cavalo. Sempre muito educada, cumprimentou o camponês, ele por sua vez ajoelhou-se demonstrando respeito. A princesa Catarina pediu que não o fizesse, pois gostaria que, ao menos ali, fosse tratada como uma pessoa comum. A partir daí, Catarina passou todos os dias pelo mesmo lugar, apenas para conversar com seu novo amigo.

Certo dia, depois de um longo passeio, a princesa recebeu a notícia de seus pais que se casaria com Miguel. Catarina, muito obediente, acatou a ordem dos reis.

Depois de ficarem noivos, Catarina pediu para que seu noivo a acompanhasse em seus passeios pela cidade. Foi num desses dias que Miguel conheceu Pedro, e, como era de se esperar, não aprovou a amizade entre os dois. Ordenou que a princesa jamais conversasse com o jovem camponês.

Miguel pensou ter convencido sua noiva, mas ela nunca

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

deixaria de conversar com Pedro, que já estava perdidamente apaixonado por ela, e ela, por ele, mas ainda não sabia disso.

Quando Miguel descobriu que sua noiva ainda se encontrava com o jovem pobre, decidiu falar diretamente com Pedro. Foi até a casa de seu rival. Ao chegar lá, ameaçou o trabalhador, que prometeu nunca mais se aproximar da princesa.

Sofia continuou indo até o local de trabalho de Pedro, mas não mais o encontrou.

De uma hora para outra, a princesa caiu doente, ficou de cama durante dias e mais dias, e nenhum médico do reino conseguia fazê-la melhorar. Foi preciso chamar um bom médico do reino vizinho. Ele diagnosticou uma doença pouco conhecida, mas que uma nobre de seu reino havia tido há alguns anos e que a única solução era uma planta. A pior parte da situação era que essa planta era apenas encontrada em uma distante e perigosa floresta, e que somente uma pessoa de coração e alma nobre poderia achá-la.

O rei imediatamente se candidatou, mas já estava velho e poderia não agüentar a longa viagem. Miguel, quando solicitado, foi logo desistindo do casamento e, conseqüentemente, de salvar a princesa.

Logo que Pedro soube da notícia, foi até o palácio e disse que poderia ir até a floresta e achar a planta que salvaria a vida da princesa Catarina. O rei e a rainha não acreditaram que aquele simples camponês pudesse salvar a vida de sua filha, mas decidiram arriscar, pois ele havia sido o único homem a candidatar-se a tal ato sem pedir algo em troca.

Pedro partiu. Passou por muitos problemas até chegar à

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

floresta, como tempestades, animais perigosos, mas conseguiu seguir graças à sua força de vontade e sua esperança em ver a princesa novamente.

Ao chegar à floresta, procurou a planta que o médico lhe havia descrito, que exalaria um cheiro muito doce e forte sob a luz de lua cheia. Após muitos dias embrenhado na mata, Pedro finalmente achou a planta que curaria sua verdadeira paixão. Levou-a de volta ao reino.

Quando retornou, ficou muito aliviado porque sabia que havia feito algo heroico e decisivo. Mas as pessoas nem ao menos lhe agradeceram, apenas o ignoraram, como se o que ele fez não passasse de sua obrigação. Pedro voltou para casa e continuou sua vida pacata e sossegada.

A princesa, após muitos dias de sua cura, sadia e alegre como antes, soube da história e quem havia conseguido achar tal planta. Saiu apressadamente do palácio e foi atrás de seu amado.

Assim que Pedro avistou Catarina, saiu correndo ao seu encontro. Sofia contou que havia descoberto que ele a salvou somente naquele momento, por isso não o havia procurado antes.

A amizade dos dois voltou a ser como era, e Pedro logo declarou seu amor por Catarina. Os dois convenceram o rei a autorizar o casamento. Logo, Pedro tornou-se rei, mudando completamente o tratamento que havia entre a realeza e os camponeses, tornando o reino mais harmonioso.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

DEVANEIOS

André Astroiani

Todas as manhãs, quando eu saía para rua a caminho do trabalho, minha vizinha ficava me olhando. Debruçada sobre a janela, observava-me atentamente com um olhar ávido, até, promíscuo. O sorriso era esticado no canto da boca, a mão surgia sob o queixo, para não deixá-lo cair, o cabelo jogado para trás era amarrado com uma fita vermelha, de certo para mostrar o rosto de quem já se aventurou muito por essa vida e que nada tem a perder. O seu comportamento não era comum como o de outras mulheres, eu sentia algo desequilibrado naquela face meio entorpecida. Acho que ela deveria ter uns trinta e dois anos. Mostrava-se totalmente segura, não tinha vergonha, nem ao menos disfarçava. Quando queria alguma coisa que a deixasse excitada, expelia. Era assim todos os dias, todas as manhãs, naquele mesmo horário.

Quando eu batia o portão, ela aparecia na janela, com um som decisivo, “psiu”, “psiu”. Quando eu a olhava, ela esticava os lábios e soerguia uma das sobrancelhas como se estivesse me chamando para uma batalha na qual eu ganha perde-lo. Olhava meio de soslaio e, educadamente, eu falava um “bom dia” indesejado, como se aquilo fosse resolver o meu caso. Tinha de ser prudente, não podia passar desonra à minha mulher, pois eu era casado, com dois filhos, cujos nomes foram dedicados ao meu sogro e ao meu avô. Lembro-me uma vez, nas reuniões de

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

família, o pai da minha mulher falava para os seus irmãos mais novos que eu era o genro que ele tanto admirava, talvez por ser dedicado ao trabalho ou por não debochar dos princípios alheios, ou, talvez por ter quitado a dívida que ele tinha num banco perto de casa. Não obstante, acredito que os méritos nunca vêm por acaso, sempre há algo misterioso quando agradam demais. Por isso, duvidava da vizinha, era uma presa fácil, como se um coelho fosse jogado numa jaula de lobos famintos. Contudo, não lhe restaria nada, apenas a alma tardia queimada pelo inferno. Sentia algo ruim nisso tudo, passavam pela minha cabeça todos os pecados do mundo em um único “psiu”. Talvez eu sentisse medo da explosão bilabial que saía da sua garganta, entrava em meus ouvidos, e percorria o meu corpo como se fosse uma droga injetada.

Quando voltava do trabalho, lá estava ela, não perdia sequer um minuto — calculava todos os meus passos, mirava com os olhos de águia o meu peito, colocava o dedo indicador no canto da boca, dava um sorriso lascivo, pousava os seus seios redondos e viçosos no peitoral da janela e, quando eu passava, era cada vez mais estridente o seu “psiu”, “psiu”. Aquilo me ia intranquilizando, ficava cada vez mais perigoso, ela decidiu brincar com novas palavras, ousou dizer “gracinha”, “gostoso”, “te pegou”. As palavras enchiam o meu ego, sentia tesão nisso tudo, mas fingia. Não podia ceder. Passei e, outra vez, fingi não ter percebido nada.

Noutro dia, saía para o trabalho e lá estava ela, as mesmas palavras se repetiam, às vezes, mudava uma ou outra, mas o ritmo era o mesmo, a mesma sensação, a volúpia do corpo, o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

desequilíbrio mental aflorado, tudo em grande escala. Passei por ela como se nada tivesse acontecido, como se tudo estivesse em perfeita ordem. A situação indubitavelmente controlada. Fui em direção ao ponto de ônibus, quando, de repente, percebi que tinha esquecido a minha carteira e voltei para buscá-la. Roberta estava na porta da sua casa, espantei-me ao vê-la no portão, como se tivesse percebido todos os meus movimentos, como se tivesse uma sensibilidade para adivinhar onde seria o meu próximo passo. Uma espécie de guru do amor. Sem suplicar, Roberta agarrou-me pelos braços, jogou-me pelas paredes e falou:

— Não quer entrar, gracinha? Apontando a porta que dava acesso à sala.

— Fiquei sem jeito de falar que estava morrendo de vontade, mas disse que não podia.

— Não é a resposta que eu quero escutar, ela falou.

— Minha mulher vai sair para trabalhar daqui a pouco, e nos pegará aqui, retruquei.

— Não tem problema!

— Como não?

— E só uma rapidinha. Você me deixa toda excitada.

— Roberta pegou minha mão, colocou-a dentro da sua calça de laica bem apertada, fazendo que eu sentisse toda a maciez da sua pele. Olhou para o meu rosto e mordeu ligeiramente os seus lábios.

Minhas mãos tremiam, meu rosto estava pálido e desfigurado, parecia à primeira vez. Não estava acreditando que tudo aquilo estava acontecendo bem próximo à minha casa. Minha garganta estava apertada, senti o suor frio descendo pelas minhas

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

entranhas, imaginei mil coisas, das mais pervertidas até as mais lúdicas. Pensei na minha mulher, nas crianças, até no meu sogro, olhando para mim e sussurrando, “fode gostoso”, “fode gostoso”, como se tudo isso fosse incensurável.

Entrementes, mantive a pose de macho e dei a ela um sorriso louco. Agarrei-a por trás, deslizei a mão sobre os seus seios e percebi que o bico estava todo enrijecido. Colei meu corpo no da Roberta, ela sentiu todo o volume rígido que saía entre as minhas pernas sobre as pernas dela. Contudo, fomos para o seu quarto, joguei-a na cama, fui tirando o cinto de couro que estava meio apertado, joguei a camiseta pólo amarrotada perto do criado mudo, o sapato de bico fino italiano se perdia naquele emaranhado de roupas que estavam por ali jogadas a esmo. Pensei alguns momentos... Falava em alguns instantes... Mais nada iria adiantar, era tudo muito rápido, frenético, exíguo, cada movimento nós levava ao ápice da loucura em exagero, a adrenalina em seu estado maior de ambição. Minhas mãos escorregavam rápidas sobre aquele corpo escultural, meus olhos se enchiam de desejo, meus lábios trêmulos beijavam com exatidão cada lugar que Roberta pedia. Eu me tornara seu escravo. Ela me dava tapinhas na cara, pedia que eu falasse palavrões em seus ouvidos, colocava os dedos dos pés na minha boca e mandava cada vez mais eu obedecer-lhe. Sentia um cheiro acre vindo da sua pele, mesmo assim, o meu nariz obedecia cada curva do seu corpo. Roberta dava risada da minha cara, mastiga chiclete e fazia bolinhas até estourá-las. Minha mente estava apagada, tudo parecia ser um sonho acordado. Roberta debochava de mim, tinha o poder sobre tudo o que estava acontecendo, até que se

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

levantou da cama e pediu para esperá-la, foi até o banheiro e voltou toda fantasiada. Disse que tinha comprado a fantasia para estrear comigo, queria ver o diabo na cama, tomando chicotadas e suplicando beijos do inferno. Fiquei inerte ao vê-la. Ela me olhava como se eu fosse o último homem que queria seduzir. Roberta me agarrou loucamente, subiu sobre o meu corpo quase nu, tirou toda a sua roupa, pediu para eu segurar a calcinha com a boca. Ela parecia pagar uma promessa que não estava sendo cumprida há anos. Tudo estava acontecendo naquele quarto, todos os desejos, todas as promessas, todas as dívidas, todas as culpas e tudo se resumia a devassidão.

As horas passaram ligeiramente. Acordei. Senti um cheiro de sexo selvagem naquele quarto. Acendi a luz do abajur que ficava próximo a mim. Percebi que Roberta estava deitada na cama ao meu lado. O quarto estava todo revirado, a sujeira espalhada pelo chão mostrava o desequilíbrio mental da noite, objetos sexuais estavam em todo o cômodo. Coloquei a mão na cabeça para pensar o que tinha acontecido ali. Ainda não estava seguro, respirava ofegante, coloquei minha roupa e saí. Estava cambaleando de um lado para outro, arrastava a mão sobre a parede para me apoiar. Quando dei dois passos para fora do portão, olhei minha casa e lembrei-me de tudo, cada segundo que passei com a moça do oitenta e sete, minha vizinha, aquela que eu ignorava para não aflorar meus sentimentos, para não aguçar os prazeres da carne, que eu tanto temia, e para não dizer que eu era somente um rapaz frágil. Não tive escolha, minhas reminiscências temiam em aparecer. Andei em direção à minha casa, adentrei num silêncio cômodo para que ninguém percebesse

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

os meus movimentos. O carro da minha mulher estava na garagem. Lembrei que havia esquecido a carteira em meu quarto. Subo sorrateiramente degrau por degrau sem fazer barulho. Vou até o banheiro para ver se eu tinha algum hematoma. Saio. Vou em direção a meu quarto, crispo a mão sobre a maçaneta da porta, abro-a e vejo minha mulher seminua, fantasiada, rebolando em cima da cama, com um chicote preto na mão, falando palavras de carinho para o meu vizinho. A cena se repete na minha cabeça, olhei atônito para o movimento dos dois, fechei a porta e mirei o relógio, ainda não passava das dez horas.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
QUEM PARIU MATHEUS QUE O

BALANCE

Yago Marcos Santos da Silva

18 de Fevereiro de 1945. Foi justamente no dia do aniversário de papai que Zezé resolveu apresentar o namorado à família. Papai não queria que namorássemos antes dos vinte e um anos, porém se o rapar tivesse uma boa qualidade financeira...

— Esse é Gregório, meu namorado: Disse ela com um ar de superioridade.

— E quem autorizou? Disse meu pai já estava vermelho.

— Vim pedir sua filha em namoro, Sr Nunes: O rapaz estava tremendo mais que vara verde.

— Acompanhe-me.

Morrendo de medo, aqueles minutos em que papai e Gregório estavam no escritório se transformaram em horas e para nós em milênios. Quando a porta abriu, o rapaz pálido quase não falava. Minha irmã o levou até a saída da casa para que ele pudesse tomar um ar, enquanto mamãe pediu para que papai lhe contasse o ocorrido, mas ele não o fez.

No outro dia, papai chamou-me e disse que eu deveria tomar conta da minha irmã. Ele estava ressabiado que com o namorado que ele não proibira antes de falar-lhes, ela engravidasse. Disse que sim a assim o fim.

Numa certa quarta-feira, disse a ela que tinha de ir à feira e

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

perguntei se ela queria me acompanhar. Não quis, insisti mais um pouco, ela retomou o que estava fazendo antes que eu chegara e não me respondeu...

Fui, mas desconfiada. No meio do caminho, resolvi voltar. Ao chegar em casa, ouvi alguns vindos do quarto de Suzana e subi as escadas correndo já imaginado o pior, nesse mesmo estante papai chegou e perguntou-me.

— O que está havendo?

— Nada papai? Disse tentando conter-me, mas deu para notar meu ar de desconfiança.

Ao abri a porta, minha irmão estava trocando os móveis de lugar. Aquilo me deu um tremendo alívio. Meu pai subiu logo depois e, ao chegar, ofegante nos fitou um pouco e foi para o quarto. Não disse nada, mas ela entendera o que nós estávamos pensando.

Dias depois, precisei ir ao mercado e saí. Só que desta vez mais tranqüila, porém quando voltei, havia carros de polícia e saí correndo, quando encontrei minha mãe perguntei o que havia ocorrido.

— Seu pai encontrou Gregório e Zezé na cama juntos e matou o rapaz com dois tiros na cabeça: Chorando muito.

No fim papai ficou preso e Suzana havia de cuidar de Almeidinha sozinha. E como dizia minha avó “Quem pariu Matheus que o balance”.

O ÚLTIMO SUSPIRO

Gabrielli Lima Pereira

A noite estava chegando. Dois jovens em silêncio, um olhando para o outro, rapaz impaciente andava de um lugar para outro. Seus planos corriam bem, mas uma nova notícia estava por vir. Ele se virou e sorriu para a garota:

— Você tem certeza de que está grávida e de que quer ter este filho?

— Sim, tenho disse ela que o médico afirmou que estou com dois meses de gravidez. Ela voltou a chorar.

— Não chore, tudo vai ficar bem.

Ele sorriu novamente

A garota parou de chorar e disse:

— Nós temos que nos casar, você sabe que eu te amo.

— Sim, eu sei, mas você não pode ter este filho. Eu sei quem pode nos ajudar.

— Como assim, você quer que eu faça um aborto?

— Não é isso, mas você não pode destruir sua vida. Sua família é rica, e não tem ideia do que é ser pobre, seu pai ficaria furioso.

— Vá para casa e tente dormir, amanhã daremos um jeito.

Quando sua namorada se foi, Brian colocou a mão no rosto, desesperado e com muito ódio pensou:

— Oh, meu pai! Que garota estúpida, eu tenho que dar um jeito nessa situação, não quero este filho e nem vou me casar com

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

aquela imbecil de maneira alguma.

Ele planejou tudo com muito cuidado. Fez amor com Inna uma única vez e queria fazer-la acreditar que ele a amava.

O jovem estava desesperado porque se fosse para casar com ela seria apenas por ser rica. Seu pai era dono de empresas milionárias. Mas não a amava.

Inna tinha uma irmã Diane com quem não fazia contato há alguns dias. Ela trabalhava na perícia na cidade de Londres, era a única pessoa que sabia do bebê, mas estava aguardando uma resposta de Brian que prometeu que, se as pílulas funcionassem tudo ficaria bem.

E foi atrás disso que ele correu no dia seguinte. Foi á farmácia e conseguiu as pílulas. Deu-as a Inna. Ela, aflita perguntou:

— E se não funcionar o que faremos?

— Não se preocupe querida, disse ele, se não funcionar estarei ao seu lado sempre, e sorriu disfarçadamente.

— O que você irá fazer esta noite, meu querido?

— Irei fazer alguns exercícios de Espanhol, e vou dormir.

— Você não quer ajuda?

— Não. Obrigado, disse friamente.

Inna estranhou a reação do namorado. Ele não era nada bom em espanhol e não era costume dele se preocupar com lições, aliás, quase nada o preocupava.

No dia seguinte, na Universidade Crambhy, Inna apareceu pálida, colocou seus livros sobre a mesa, sentou-se e escreveu um bilhete a Brian.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

*As pílulas não funcionaram,
eu não dormi a noite toda,
passei mal e ainda estou grávida.*

Mais tarde, Brian foi até a Biblioteca da Universidade e procurou livros sobre toxicologia. Fez algumas anotações em sua caderneta.

Estava decidido a matar Inna, já que ela representava perigo para seus planos. Tinha de fazer isso com muito cuidado. Ninguém podia desconfiar, todos teriam que achar que ela se suicidou.

Então começou a pôr seus planos em prática. Voltou á Universidade Crambhy, mas desta vez para ir até ao laboratório de química. Com suas anotações feitas, pegou o necessário e saiu.

Durante a noite no quarto perto da Universidade Crambhy, Brian começou a prepara as pílulas, porém ele não havia pensado na próxima parte do plano. Se ele a matasse, a polícia iria cercar a Universidade e talvez descobrissem a verdade a policia começaria a procurar por pessoas próximas a ela, e ele não poderia estar envolvido de jeito algum.

No outro dia Inna, recebeu uma carta de sua irmã Diane que dizia:

Querida irmã

Tenho péssimas notícias; desculpe-me mais tenho que falar-

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

lhe ontem estava fazendo pesquisas e descobri algo terrível sobre o Brian. Descobri que ele faz parte de um grupo de assassinos daqui de Londres. Tome cuidado com o Brian, ele não é tudo o que você pensa ser, ele pode estar querendo matar-la. Ai vão algumas provas do que estou dizendo. Não faça nenhuma besteira nós cuidaremos de tudo.

Beijos

Inna não podia acreditar no que estava lendo, artigos que diziam sobre:

Beed Armoovizt, seu verdadeiro nome, um assassino psicopata. Ela percebeu Brian, ou seja, Beed era um mentiroso, que havia feito outras vítimas, mulheres como ela, ricas, bonitas e de boa índole.

Neste momento, Inna que planejou uma vida inteira com ele, revoltou-se.

Estava desnorтеada, não sabia o que fazer, o único jeito seria fazer Brian se entregar, e isso seria muito difícil, mas estava disposta a isso.

Então tratou de arrumar-se e ter uma conversa com ele. Fez um jantar para os dois, tudo muito lindo...

Na noite do jantar, quando Inna tocou no assunto e disse que sabia de tudo e queria ajudá-lo, Brian se transformou e começou a ficar violento, acertando um tapa no rosto dela, jogando-a ao chão.

Inna desatou a chorar.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Brian viu o que havia feito, pegou-a do chão e pediu-lhe desculpas, dizendo que não faria mais.

Ela disse:

— Tudo bem, querido, você sabe que eu o amo, não sabe?

— Sim, eu sei, e eu também a amo, minha linda.

— Espere um momento aqui na sala que eu vou pegar um vinho, está bem.

— Ok

Ao chegar á dispensa Inna tomada de raiva, pensou; tenho de tomar uma atitude agora, ou esse louco vai me matar hoje mesmo.

Inna chegou com a garrafa de vinho nas mãos.

— Cheguei querido.

Brian estava jantando, quando começou a tossir e sufocar.

No seu último suspiro, voltou-se para Inna e disse:

— Eu estou morrendo, meu amor, me ajude.

Ela falou:

— Eu sei, foi por isso que eu te trouxe aqui e o envenenei. Antes que você me mate eu o mato, seu desgraçado.

O FRUTO SECRETO

Bia Macedo Cavassa

A campainha soou. Carlos, esposo de Marisa e médico do hospital da cidade, saíra para o trabalho há meia hora e só retornaria depois das doze badaladas do relógio. Marisa dirigiu-se até o portão e deparou-se com um menino que aparentava dez anos de idade. Esse ela ainda não tinha visto por aquelas bandas, antes quem lhe trazia os recados enviados por Bento era um garoto conhecido, mas isso não importa.

— Pois não? O que deseja?

O garoto, esticando o braço em direção à dona da casa, respondeu:

— É para a senhora. Disseram-me que saberia quem lhe enviou o bilhete.

Marisa entregou ao garoto algumas moedas e entrou ansiosa para abrir o papel. Subiu as escadas, trancou-se no quarto, e finalmente começou a ler o bilhete. O recado dizia:

Encontre-se comigo, hoje. Em minha casa. Às três da tarde.

Preciso muito falar com você. Estarei esperando.

Bento

Marisa alegrou-se com as palavras do amado. Sabia que Carlos só retornaria à casa mais tarde, portanto teria tempo suficiente para conversar e matar as saudades que sentia de Bento. Já não

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

o via há quase uma semana. Aprontou-se, parou uma charrete e dirigiu-se ao encontro. Ao chegar à casa de Bento, bateu à porta desesperadamente, logo ele apareceu e os dois entraram. Ela foi dar-lhe um beijo, mas ele recuou deixando-a sem entender o que estava havendo e indagou, com a voz um pouco trêmula:

— Há uma coisa que tenho de contar-lhe.

— Que coincidência, eu também, meu amor. Mas, diga primeiro. Você marcou o encontro. Vamos, diga! — insistiu Marisa.

Bento não sabia como dizer o que havia acontecido; afinal, os dois tinham planejado uma viagem à Europa para o próximo mês e agora, talvez, não fosse mais possível.

— Lembra-se de nossos planos? Da viagem?

— Sim, como poderia esquecer? O que mais desejo é viver contigo, longe daqui, longe de Carlos. — ela respondeu rapidamente e com entusiasmo na voz.

— Pois bem — continuou Bento — não poderemos mais seguir adiante com nossos planos.

Marisa boquiaberta não compreendia o porquê de aquilo estar acontecendo. Justamente agora, quando ela acabara de descobrir que estava grávida de Bento.

— Como assim? — retrucou com os olhos arregalados e as mãos trêmulas.

— Minha fortuna, perdi-a na mesa de jogo. Perdoe-me, meu bem, perdoe-me!

Decepcionada, desistiu de contar as boas novas e decidiu voltar para casa. Bento a segurou pela mão e pediu que esperasse.

— Ainda precisamos conversar.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Ela responde com objetividade:

— Deixe-me pensar no que acaba de me dizer. Volto a procurá-lo em breve.

Ela vai embora. Sem despedidas, sem afeto.

Em casa, não consegue acreditar que não viajaria mais, ou melhor, não fugiria. Marisa começa a conformar-se e entender que Bento não é nada além de uma paixonite, um fricote seu. Agora, a realidade pede mais maturidade de mulher e não fantasias de moça.

— Um filho — pensa ela — Um filho. Talvez, Carlos fique contente. Tratarei de contar a ele e terei um casamento completo, sem mais nenhum delírio. Viverei à moda da sociedade. Serei uma mulher digna. Serei merecedora de Carlos.

Após essa reflexão, a única dúvida que pairava em sua cabeça era: o que seria de Bento?

Na manhã seguinte, Carlos estava no dia de sua folga do hospital. Sua esposa resolveu preparar-lhe alguns agrados. Cozinhou seu doce favorito para a sobremesa depois de servir-lhe o café. Ele nunca a vira assim, tudo sempre ficava por conta da cozinheira. Mas, de todo modo, gostou do que via e começava a acreditar que ela estava se acostumando com a vida de esposa, pois parecia contente.

Almoçaram e estavam iniciando a sobremesa. Aquele momento parecia ser o mais adequado para contar-lhe sobre o bebê.

— Como está o doce? — perguntou a esposa com uma voz delicada.

— Muito saboroso. Pode parecer uma bobagem, mas, fiquei

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

muito contente hoje. Seus agrados no meu dia de folga fizeram-me bem. Você não imagina como são os meus dias naquele hospital.

— Posso imaginar. — respondeu serenamente. — Mas, esqueçamos o hospital por hoje, o que acha?

A proposta saiu acompanhada por um leve sorriso. Deixaram a mesa e foram à varanda. O clima estava agradável lá fora. Marisa encostou a cabeça por alguns segundos no ombro do marido, algo de que ele se não lembrava como era. Deu-lha um beijo na testa.

— Passei alguns dias pensando em como contar algo que aconteceu comigo, mas, você é médico e... — Carlos interrompeu.

— Você está doente?!

— Não. — respondeu ela tranquilizando-o. — Apenas gostaria que me fizesse alguns exames. Desconfio de que esteja grávida e não gostaria que outro médico me tocasse.

Nesse momento, Marisa abaixou os olhos.

— Eu não posso acreditar. Isso não é possível! — as palavras rojavam felicidade. — Amanhã mesmo iremos ao hospital! — concluiu ele ainda surpreso.

A noite foi tranquila, a manhã também. Marisa estava mesmo grávida. A vida do casal corria bem. Carlos havia contado a todos os outros médicos que seria pai.

Passaram-se mais de quinze dias e Bento já não entendia a ausência de Marisa. Nenhum bilhete. Nenhuma carta, como fazia no início. Nada. Decidiu procurá-la em uma tarde qualquer. O dia seria aquele. Não aguentava mais esperar.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Marisa tricotava algumas peças do enxoval de seu bebê naquela tarde. Bento bateu à porta, a empregada atendeu e mandou que entrasse.

Ao dirigir-se à sala, avistou a dona da casa e logo em seguida as roupas. Não entendeu nada naquele momento. Ela ficou surpresa com a presença dele em sua casa. Mandou a empregada voltar aos afazeres.

— O que faz aqui?

— Ainda pergunta! — silabou Bento — Você sumiu desde a nossa última conversa. Fiquei preocupado, e estou morto de saudades. — concluiu dando-lhe um abraço. — Não vai me dar ao menos um beijo?

— Enlouqueceu?! — sussurrou. Esqueceu-se de onde está?

— Então, venha. Precisamos conversar. — sugeriu ele.

— Receio não poder. E, fale baixo, os serviçais podem nos ouvir.

— Não me importo. Não me importo com mais nada. Você vem comigo ou não? E, diga-me, para quem são essas roupas? Não diga que está...

— Terei um filho de Carlos. — interrompeu.

— Como? — indagou com indignação. — Pois, duvido que ele seja o pai!

— Por favor, retire-se. — pediu Marisa com delicadeza.

— Agora vai me deixar para trás? — indagou ironicamente.
— Sem nada, nem você.

— Sinto em dizer, mas, você cavou sua própria cova. Como pôde perder tudo. Diga-me? O que quer que eu faça, agora? — sussurrou ela.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Acredita mesmo que será feliz vivendo uma mentira?

Não deixarei que meu filho fique nesta casa. Você não terá uma família feliz e me deixará na desgraça. — sua voz saía com um tom ameaçador.

— E o que pretende? Não poderá provar nada! Nada!

— E suas cartas? Acha que seu marido não reconhecerá sua grafia? Eu não teria tanta certeza!

— Você não faria isso. Não...

— Você e meu filho vão voltar para mim. Acredite.

Bento deixou a casa do médico pouco antes de escurecer e foi a um bar. Seu ódio lhe tomava o peito e cada gole de bebida aumentava o delírio. Deixou o bar e foi a caminho de casa embriagado. Com muita dificuldade, notou que estava sendo seguido por três homens. Virou-se e gritou:

— O quê é que vocês querem? Vieram me levar para casa? — e gargalhou.

Eles se aproximaram e um deles respondeu:

— Vimos cobrá-lo. Ou já se esqueceu de que nos deve muito dinheiro? Vai nos pagar ou...

Bento não teve tempo de pensar. Um deles sacou uma arma e perguntou, nervosamente:

— Como é? Vai nos pagar?

— Não tenho dinheiro. Outro dia, quem sabe.

Pois bem. O homem mirou em Bento e disparou. Acertando o tiro no estômago. Os vizinhos ouviram o disparo e saíram para ver o que estava havendo. Um deles reconheceu o ferido e chamou imediatamente por uma ambulância.

No hospital, Bento chegou delirando ainda, devido à bebida.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O médico chega para examiná-lo. Mas, por uma trama do destino, Carlos era o médico do plantão e foi atendê-lo. Bento o reconheceu, e sabia que se morresse não teria mais chances de destruir a vida de sua ex-amante.

Levaram-no para um leito reservado, pois estava bem no meio do corredor. Carlos estava à espera das enfermeiras e dos outros médicos que o auxiliariam na sala de operação. Bento começava a agonizar e a todo o momento resmungava:

— Tenho algo para contar, Carlos.

— Espere até depois da cirurgia. Permaneça quieto. Não se esforce, por favor. — repreendia o médico.

— Você será pai, não é?

Carlos não entendia por que um paciente à beira da morte falaria algo assim. Mas, não viu problemas em responder.

— Sim, serei. Agora, repouse.

— Pois, o que tenho a lhe falar é sobre seu... filho, Marisa.

— Marisa? Minha mulher? Você a conhece? Olhe, não estou entendendo o curso da conversa. Aonde quer chegar?

Carlos, depois de ouvir o nome de Marisa ficou intrigado. Não entendia o motivo de um paciente qualquer saber desses fatos. Ficou curioso e acabou esquecendo-se de que era médico e encorajou Bento a fazer o que tanto queria.

— Esse...

As palavras eram difíceis de sair. As enfermeiras chamaram pelo doutor, mas ele não atendeu. Chegou bem perto de Bento para tentar ouvir.

— Vamos, diga!

— Esse bebê não é...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Bento deixou a frase inacabada e seu plano também. No leito de morte, a verdade se foi com ele. E, a família foi protegida pela mentira que nunca mais se tornaria verdade na boca de ninguém.

O OUTRO HOMEM

Greicy Machado Pedrão

Eram três e eram inseparáveis. Faziam tudo juntos: brincavam, estudavam, passeavam e não sabiam, mas eram felizes assim.

Aurélio era o mais velho, Bernardo, o mais novo e, no meio, ficava Isabel. Aurélio era o mais maduro. Bernardo, por não ter irmãos, sempre se espelhou nele, ele era um herói, um ídolo, era quem Bernardo queria ser, tudo o que ele fazia para Bernardo era maravilhoso, até que Aurélio comesse a namorar o grande amor de sua vida.

Isabel era uma menina meiga, extremamente inteligente e simpática, loira de olhos claros, tinha um rosto marcante com traços perfeitos e fortes, que ao mesmo tempo passava uma suavidade incrível. Não havia quem não notasse Isabel. E para Bernardo não era diferente, ela era uma deusa, perfeita, linda e intocável.

O amor de Bernardo não foi à primeira vista. Quando a conheceu, via Isabel como mais uma amiga. Com a convivência, acabou se apaixonando, seus olhos viam muito além de sua beleza física.

Com Aurélio foi amor à primeira vista, para ele, Isabel era a menina mais linda que conhecera e, desde a primeira vez que a viu, teve certeza de que um dia namoraria a moça.

Isabel por sua vez sempre foi apaixonada por Aurélio, mas,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

com o tempo, começou a olhar Bernardo com outros olhos.

Bernardo sabia da paixão de Isabel e Aurélio, por isso se culpava pelo que sentia. Guardava seus sentimentos para si, e tinha esperanças de que com o tempo o amor que sentia acabaria.

Agora já tinham terminado a escola e começaram a trabalhar. Todos tinham planos de ingressar em uma boa universidade, mas apenas Aurélio havia prestado vestibular, pois ele era o único cuja família tinha condições de pagar os estudos.

Bernardo e Isabel eram de famílias menos favorecidas e por isso, se quisessem estudar, teriam que pagar seus estudos.

Nessa época, Isabel e Aurélio já namoravam. Aurélio além de dedicar-se aos estudos, ajudava o pai a administrar a empresa da família, e assim não tinha muito tempo livre para namorar ou sair com os amigos.

Bernardo trabalhava perto do serviço de Isabel. Isso, somado ao distanciamento de Aurélio, fez que os dois ficassem mais próximos. Eles saíam juntos, conversavam mais e acabaram se aproximando. E, como Bernardo temia, mesmo depois de alguns anos ainda amava Isabel.

O tempo passou e havia dez anos que Isabel e Aurélio estavam juntos. Eles começaram a namorar na adolescência e agora já pensavam em casamento.

Aurélio havia terminado os estudos, formando-se em Direito. Isabel e Bernardo já não pensavam muito em estudar, com tantas contas para pagar, pois ajudavam os pais em casa, não conseguiam pensar nos estudos.

O casamento seria uma saída para Isabel. Aurélio era bem sucedido e a ajudaria, assim ela poderia ter sua própria casa, sua

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

família e, talvez, até parasse de trabalhar.

Eles mantiveram contato todos esses anos e continuavam bons amigos.

Certa vez, saíram os três. Foram a um bar que costumavam frequentar. Era um lugar calmo, ótimo para conversar.

— Então, Bernardo, como vai sua família? Há tempos que não os vejo.

— Vai bem, Aurélio. Minha mãe pergunta sempre de vocês.

— Precisamos aparecer para vê-los, não é, meu amor?

— Sim, Aurélio, precisamos. Sinto saudades dos bolinhos de sua mãe Bernardo.

No meio da conversa, Isabel levantou-se para ir ao banheiro. E então Aurélio aproveitou sua saída para desabafar com Bernardo.

— Bernardo, queria lhe fazer uma pergunta.

— Pode falar, Aurélio.

— Estou pensando em pedir Isabel em casamento. O que você acha? Afinal ela conversa muito com você.

— Pelo o que eu sei, ela é totalmente apaixonada por você. Tenho certeza de que ela dirá sim.

— Ótimo! Então a pedirei em casamento este final de semana. Esteja em minha casa às oito horas no sábado. Quero você presente, isto é muito importante para mim.

— Claro, Aurélio. Estarei lá, sábado às oito em ponto.

Depois daquele dia, Bernardo não conseguia tirar de sua cabeça o que Aurélio lhe dissera. Ele sabia que não podia fazer nada para impedir, mas seu coração dizia o contrário.

A semana parecia arrastar-se. E quanto mais se aproximava

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

do final de semana, mais Bernardo sofria e se perguntava se realmente deveria fazer o que o seu coração mandava.

Quando finalmente chegou o dia, Bernardo decidiu que falaria de seu amor para Isabel. Ele sabia que isso poderia acabar com o casamento do amigo, mas não conseguia mais mentir para si mesmo.

Então ele marcou um encontro com Isabel na manhã de sábado, e pediu a ela que não contasse a Aurélio sobre o encontro deles.

Isabel ficou um pouco confusa com o pedido do amigo, mas sentiu certa tensão na voz de Bernardo, então achou que era algo importante e não relutou em dizer que iria.

Eles marcaram em um parque que costumavam frequentar desde crianças. O lugar trazia paz a Bernardo, por isso ele achou que seria o local ideal para aquela ocasião.

Quando Bernardo chegou ao lugar combinado, Isabel já estava lá. Estava sentada e parecia ansiosa, como se já soubesse o que ele iria dizer.

— Oi, Isabel.

— Olá, Bernardo.

— Me desculpe se te fiz esperar muito tempo, mas acabei me atrasando um pouco.

— Tudo bem, Bernardo. Então o que está acontecendo?

— Sabe Isabel... Há coisas que eu quero te contar a muito tempo... Apenas não sabia se tinha esse direito.

— Sobre o que você está falando?

— Eu te amo, Isabel, sempre te amei. Não consigo mais esconder isso de ninguém.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Isabel ficou muda, não conseguia expressar o que sentia.

Então, Bernardo continuou:

— Sabe, desde criança, você era a luz dos meus dias, como uma deusa, intocável, absoluta. Sei que não tenho o direito de acabar com o seu casamento com o meu melhor amigo, mas precisava que você soubesse.

— Eu sempre soube, Bernardo. Você nunca foi bom com mentiras.

Isabel com um sorriso meigo no rosto continuou:

— Eu preciso te contar algo também... Sempre te amei. Mas Aurélio é meu porto seguro. Porém, se você tivesse tomado a iniciativa antes, certamente nós estaríamos juntos.

A revelação de Isabel foi um choque para Bernardo. Ele não sabia o que dizer a moça e sequer imaginava que ela sentia o mesmo por ele.

— Não quero magoar Aurélio, ele é meu melhor amigo e vai te pedir em casamento esta noite.

— Eu também não quero magoá-lo, mas queria te pedir algo: Beije-me. Será nosso primeiro e último beijo. Depois esqueçamos que tudo isso aconteceu.

Bernardo ficou relutante, afinal, a cada minuto Isabel o surpreendia mais. Mas acabou cedendo ao pedido dela.

Os dois se beijaram como nunca haviam feito. Era como se o fundo se desfocasse, tudo eram luzes e sons ininteligíveis. Os dois eram um. A Terra parou de girar apenas para que aquele momento fosse eterno para os dois.

E realmente foi eterno para um deles.

Quando finalmente eles pararam, Bernardo disse a Isabel que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

ela nunca mais o veria. Pediu à moça que se casasse com Aurélio e nunca contasse a ninguém o ocorrido.

Ela tentou dizer-lhe algo, mas ele não permitiu. O rapaz preferia não saber o que aquele beijo significara para ela. Apenas queria que ela esquecesse.

Naquela noite, ele apareceu no noivado, e aproveitou a ocasião para anunciar que conseguira emprego em outra cidade, e que partiria no dia seguinte.

Depois daquele dia, Bernardo desapareceu. Ele sabia que não conseguiria olhar Aurélio como antes, e aquele beijo só fez que seu amor por Isabel aumentasse.

Bernardo achou que amara a pessoa errada, quando na verdade o seu único erro foi nunca pensar na própria felicidade.

ETERNO

Patrícia de Lacerda Barros

Eu abri bem os meus olhos, porque eles não poderiam perder nada do que estava acontecendo naquele momento. Eu pisquei várias vezes para ter a certeza de que aquela imagem em minha frente era real. E no fim era verdade. E lá estava o meu melhor amigo, que eu não via há anos, na minha frente, a poucos metros de distância, sorrindo, com os braços abertos, pronto para me receber. Talvez isso não pareça grande coisa, encontrar um amigo que não se vê há anos, querendo te dar um abraço para matar a saudade, mas quando o motivo pelo qual não se vê esse amigo é a sua morte, as coisas começam ficar confusas.

Eu tinha 15 anos quando Lucas e eu fomos viajar para a praia. Tudo estava bem. No carro estávamos felizes... eu, meu namorado, Lucas e a namorada dele. Embora ela não gostasse de mim, nada poderia tirar a minha felicidade. Era começo de férias e eu queria tirar qualquer preocupação da minha cabeça. Lucas estava dirigindo, e eu no banco de trás com Júlio conversando.

— Verônica, que blusa de frio é essa? Pensei que estávamos indo para a praia! Disse Júlio.

— Meu amor, só por que vamos para a praia não quer dizer que o Sol irá aparecer por causa disso, ou o tempo nebuloso não deu alguma dica? E aponteí para fora do carro mostrando as nuvens negras no céu.

— Se você não fosse tão pessimista, talvez pudéssemos ver o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Sol! Disse Laís, olhando para nós no banco de trás com cara de quem não gostou da conversa.

Realmente ela não tinha gostado, porque não gostava de mim. Como se a vontade dela pudesse fazer alguma diferença, com Sol ou chuva, nós iríamos curtir as férias. Lucas sempre tentou que fôssemos amigas e, quando não conseguia uma conversa entre nós duas, ele mudava de assunto. Como eu queria agradecer ao meu amigo e ela ao namorado, aceitávamos.

Talvez tivesse sido melhor que houvesse desistência por parte de alguém quando vimos a previsão do tempo para aquela semana. Mas não houve! Então, foi nesse dia de estrada que a chuva caiu de uma forma tão violenta que nosso carro derrapou na pista e capotou. Claro que na hora eu não entendi nada, só fiquei sabendo 3 dias depois quando acordei do coma no hospital e recebi um informe completo sobre o que havia acontecido naquele dia. E então eu chorei. Não é só chorar, eu chorei durante dias, semanas, meses, parecia que nada estava certo, por que só o Lucas tinha que morrer? Quer dizer, não que eu quisesse um desastre em massa, mas o Júlio, a Laís e eu fomos salvos. Por que não salvar mais um?

O tempo foi passando, e o Júlio já não aguentava mais minha depressão, meu choro, meus remédios, afinal ele já não aguentava mais a mim. Foi quando decidimos terminar nosso relacionamento. Achei melhor, pois assim ele vivia a vida dele sem se preocupar comigo e me deixar pior do que eu já estava. Laís se mudou para outra cidade, para não ficar lembrando do Lucas a todo tempo, o que me fez gostar dela menos ainda.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Porque em minha mente, nós tínhamos que nos lembrar dele sim! Simples! Mas ela não, ela tinha que seguir a vida. E é o que todo mundo começou falar para mim, e a cada dia ouvindo isso eu ficava mais triste. Até que um dia meus pais me ameaçaram de colocar em uma casa de repouso, e então eu tive que seguir minha vida, fingindo que estava feliz. Porém parecia que nada estava como antes, dentro de mim, minha cabeça, nada parecia estar certo.

E nada estava certo mesmo, coisas estranhas começaram a acontecer. Ao longo do dia no colégio e da minha vida feliz que era totalmente uma farsa.

A primeira vez que eu ouvi vozes vindas de lugar nenhum foi na aula de História:

— Vamos estudar História do Egito hoje, página 178 por favor ... 2551 a.C. disse o professor.

— História sempre foi a aula que eu mais odiava!

— O que? Indaguei para a menina ao meu lado, pois ela sempre respondia todas as perguntas da matéria, era muito chata, como ela não poderia gostar?

— Por favor, eu quero ouvir a aula, do que está falando menina? Disse ela irritada para mim por causa da pergunta.

— Você quem começou falar comigo garota! Eu me virei para o outro lado e me irritei. Que garota insuportável aquela.

— O que vocês duas estão conversando? Posso saber? Perguntou o professor interrompendo a discussão, logo eu que estava pensando em avançar no pescoço dela.

— Nada professor! A Verônica que está me atrapalhando!

Eu pensei novamente em avançar nela, quando ela quase

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

colocou o dedo na minha cara.

— Então Verônica, por favor, responda-me: Qual é a maior das pirâmides de Gizé? Perguntou o professor.

Legal, ela tinha conseguido me prejudicar. Lógico que eu não sabia a resposta, eu não sabia nem quais eram as pirâmides, quanto mais a maior delas. Mas veio uma voz em minha mente e eu olhei para os lados, já não era uma voz de menina, o que era um pouco estranho de se ouvir em uma classe que só havia meninas. Então ouvindo o que a voz me dizia, já que eu não tinha nada a perder eu disse:

— A pirâmide de Quéops, professor!

O professor olhou-me surpreso e aquela garota que logo iria se arrepender do que me fez fuzilou-me com o olhar. Eu imaginei que tinha dito a pior besteira do mundo! Mas quando o professor abriu um sorriso e disse: - Muito bem! Eu sabia que algo estranho estava acontecendo, porque não é normal nomes como “Quéops” virem a minha mente do nada.

Como se não bastasse isso, as coisas continuaram piorando. Eu comecei a ouvir vozes no meu cotidiano. Cheguei a pensar que eu era esquizofrênica. Mas quando uma das vozes me impediu de me matar, porque eu estava ficando louca, comecei a dar ouvidos a elas. Aliás, comecei conversar com elas. Não era coisa de gente com uma saúde mental equilibrada, mas que mal poderia ter nisso? Eu já tinha perdido meu amigo há 1 ano e estava vivendo uma mentira, nada feliz, mas sempre com um sorriso no rosto. E as vozes não tentavam dizer para eu me matar, ou matar alguém, então não via mal nisso. Também não queria saber muito de onde elas vinham, sou uma pessoa normal e senti

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

medo, normal não seria a definição certa, mas algo de humano eu ainda tinha.

Então comecei a ver vantagem em tudo isso, quando elas começaram a me ajudar no colégio, em provas, perguntas ou trabalhos. Estava tudo muito bom, até que comecei a ter dores constantes de cabeça, liguei os fones de ouvido no último volume, a fim de silenciar as vozes. Eu podia falar com elas de vez em quando, mas estava beirando a dependência delas para comigo. Por que precisavam de mim para desabafar?

Foi em uma viagem de verão que tudo começou a ficar pior, estava quente demais para ficar na cidade. Então eu e meus falsos amigos, que só saíam comigo por interesse ou porque não tinham nada melhor para fazer, decidimos ir à praia. Não preciso dizer que comecei a pirlar dentro do carro, vozes vindas de todos os lados, e eu lembrava do acidente, do Lucas, eu não sabia como pude ter aceitado ir até lá de novo. Mas dessa vez a viagem deu certo, nenhuma perda, só a minha sanidade. Mas isso eu já tinha perdido há algum tempo. Foram dias inteiros de diversão, bebidas, conversas, aborrecimentos e vozes! E quando na quinta noite já não dava mais para aguentar o calor dentro do quarto, meus amigos haviam saído e eu não queria mais a companhia deles, mas pelo andar da carruagem eu teria que encontrá-los, pois não dava para ficar um minuto a mais dentro daquele quarto.

Saí e fui à procura deles, andando pela orla da praia, rodeada de gente bêbada, chata e que pareciam extremamente felizes, minha mente fluía a mil, pois eu escutava vozes vindas de todos os lados, não só vindas do desconhecido. Mas quando eu esbarrei

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

em uma menina na praia, percebi que realmente eu estava pirando.

— Menina retardada! Não sabe por onde anda? Disse ela enfurecida.

— O que você falou sua baixinha? Eu sempre tão simpática, mas com vozes constantes o meu mau humor estava piorando.

— Nada sua louca! Disse ela.

— Ok! Desculpe-me! Respondi.

Continuei minha caminhada, e ela estava indo em direção a um grupo de amigos, escutei outra voz, como sempre.

— Por que uma menina sozinha de 1,50cm de altura iria discutir com outra menina de 1,75cm em pleno pico de mau humor?

Porém quando comecei ouvir as vozes ao meu redor dizendo:

— Nossa que menina linda!

E eu não via a boca se mexer, constatei então que, se antes eu era meio aberração, agora eu era por inteiro. Minha cabeça doía tanto, que lágrimas caíam dos meus olhos sem que eu pudesse impedir. Eu tinha esquecido meu MP3 no apartamento, e decidi voltar para buscá-lo. Chegando lá, todos estavam em casa, e minha mente que era um detector de mentiras também. Então pelo resto dos dias que fiquei por lá, eu podia ler cada pensamento sortido dos meus amigos, podia ouvir vozes do além, e eu simplesmente queria fugir, mas aguentei firme. Até o dia em que uma menina que eu não suportava, resolveu pensar que eu era esquisita desde o acidente, que eu tinha pirado sem o meu amigo, e mais um monte de coisas ruins que eu nem preciso lembrar. Resolvi sair correndo sem a mínima vontade de parecer

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

normal. Afinal, normal eu não era mesmo!

Quando sentei a beira da praia chorando desesperadamente com os fones de ouvido no último volume, comecei pensar que eu deveria ter ido junto com meu amigo, há 2 anos atrás, eu tinha que ter ido com ele. Não me restavam dúvidas que eu deveria ter ido no lugar dele ou com ele, e que isso era um castigo por eu ter ficado e ele não. Então, olhei para o mar, e na minha mais alta loucura, não tive dúvidas. Eu não sabia nadar, iria me afogar. A praia estava quase deserta, morrer e ver meu único amigo, parar de ouvir vozes de todos os lados. Foi quando aconteceu a maior das loucuras, se eu achava que tudo de ruim havia acontecido, a Lei de Murphy começou a agir.

Foi quando eu vi o Lucas, parado em minha frente, bem a beira do mar. Esperando-me com os braços abertos, eu que achava que mais uma loucura não faria diferença, logo eu iria me matar!

Quando sai correndo ao seu encontro, tudo escureceu. Quando consegui abraçá-lo, era só ele e eu, em uma escuridão interminável. Então mais uma vez eu não tive dúvidas, eu tinha morrido. Eu corri direto pro mar, e me afoguei.

— Você não morreu meu amor! Disse Lucas com a voz mais calma do mundo.

Minhas lágrimas rolavam como se eu nunca tivesse chorado antes.

— Me desculpe! Você não está louca minha menina! Dizia ele, segurando minha cabeça entre suas mãos, olhando-me com aqueles olhos azuis cheios de ternura.

Tomei um fôlego, tentei formar algo em minha mente e disse:

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Bom, se eu estou abraçando você e não estou morta, eu estou louca certo? Eu tentava enxergar através das minhas lágrimas.

— Não! Quer dizer que você não pode viver sem mim e eu não posso ficar aqui sem você! Disse ele

De alguma forma eu tinha certeza disso, porque uma amizade que começou na maternidade não era para ser diferente. Mas então quer dizer que, ou eu tinha que morrer, ou ele que reviver. Qualquer uma das duas estava boa para mim, contanto que eu pudesse ficar de novo ao lado dele.

— Você não tem que morrer e eu também não posso ficar bem aqui!

Ele podia ler meus pensamentos?

— Sim! Tem uma vantagem em estar morto! Disse ele.

— E você está comigo agora? Quer dizer que não precisamos desses extremos para estar juntos não é? Perguntei aflita.

— Transcendemos a vida e a morte. Disse ele com um sorriso exultante.

— Então, por que demorou tanto? Sabe o que eu passei nesses dois anos? E bati contra o peito dele com menos força do que eu poderia conseguir.

— Porque eu não sabia como fazer isso. Eu sabia que não poderia ficar aqui sem você, eu conseguia ver você sofrendo na sua vida. Dediquei todo esse tempo para tentar me comunicar com você, mas eu queria mais que isso. Quando eu abri a porta para você me ouvir, fiquei com medo de não acreditar que era eu, então esperei conseguir aparecer para você, mas eu não conseguia de jeito nenhum!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Ele me olhou para ver se eu estava chocada, mas eu não estava. Se havia uma explicação para aquilo tudo era o nosso amor.

— Quando eu vi você tentando se matar, bem, eu não sei de onde tirei forças para abrir a porta para que você pudesse me ver.

Não era uma pergunta inteligente, mas era a única que me veio a cabeça e disse:

— Mas e agora? Eu vou conseguir te ver sempre? Ver todos os mortos por aí? São de mortos essas vozes? QUE HORROR LUCAS!

E ele deu a gargalhada que eu mais senti falta nesses dois anos que fiquei sem ele.

— Sim, são! Porém pelo que vi, você não estava se importando quando eles te passavam as respostas nas provas né?

Ele respirou, me olhou, me largou e sentou-se no chão negro. De alguma forma conseguia me ver, e eu a ele. Éramos nós dois a luz.

— Sente-se aqui. Apontou para o lado dele e me sentei na mesma hora.

— Verônica, eu fui bem egoísta, sabia que não podia ficar sem você e sei que isso está lhe atrapalhando e eu não sei fechar a porta. Podemos tentar juntos regular isso, mas eu vou entender se quiser que eu a feche de vez. Eu já te vi mais de uma vez...

— Cala a boca!

Eu sabia que ele podia ler meus pensamentos, então formulei toda minha revolta em meus pensamentos.

— Se você não percebeu ainda, o que me deixou louca de verdade foi ficar sem você. Nada mais me importa! Vamos fazer

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

isso juntos e agora que eu tenho você por aqui, só vejo vantagens nessas vozes, ser amiga só de quem é sincero, ter você por perto, e entrar para a universidade sem problemas. Então NÃO FALE MAIS BESTEIRAS!

Ele me abraçou e ficamos lá em silêncio por um tempo, até que começamos a conversar sobre meu comportamento nos últimos dois anos. Que eu deveria voltar a ser morena e tirar aquele bronzeado que havia conseguido nesses últimos dias de praia. Nós dois concordávamos que eu era melhor antes. Começou a palpitar sobre meus amigos atuais, e como uns eram realmente sinceros com as intenções. Eu fiz questão de gravar em minha mente o nome de cada um deles, afinal eu tinha que ter outras pessoas sem ser meu amigo morto, embora ele seja o mais verdadeiro.

Por mais que isso tenha parecido a maior das loucuras nos últimos anos, foi a que me trouxe a sanidade de volta. Eu podia me comunicar com os mortos e ler a mente dos vivos podia conviver com isso se no final do dia pudesse ver o Lucas.

Ao longo dos meses com Lucas, fui aprendendo controlar as portas abertas da mente das pessoas, até que eu só podia ouvir quando eu quisesse, os mortos ainda continuavam a me incomodar, mas agora que eu sabia que eles eram pessoas mortas, podia pedir para eles me darem um descanso, de alguma forma todos eram gentis, e claro o meu amigo... Ah! Ele tinha uma vida nova lá, no mundo de eternidade dele. E ao longo dos anos, nós nos víamos para conversarmos sobre tudo. Ele palpitava meus relacionamentos de amizade e amorosos, e como ele era a pessoa mais confiável para isso, eu o ouvia. E também como eu podia

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

ouvir a mente de todos, não tinha o porquê discordar.

Um dia ele me pediu para fazer um favor a ele. Entregar um colar para Laís, que embora eu achasse que seguiu a vida, não havia esquecido ele como eu.

E eu consegui seu novo endereço pela internet e fui de encontro a ela. Chegando lá, toquei a campainha e quando ela abriu a porta, eu nem a deixei falar. E disse exatamente o que ele me pediu:

— Ele te amava muito, creio que se estivesse vivo, tudo o que ele queria é que você fosse feliz! E entreguei o colar com um coração e uma foto dos dois dentro.

Ela encheu os olhos de lágrima e fui embora.

Diz o Lucas que funcionou, que ela começou tocar a vida para frente. E eu fiquei feliz por ela, já que eu tinha meu amigo ainda, mas ela não tinha mais o namorado. Quanto aos meus relacionamentos, eu comecei namorar o Daniel, e depois de semanas de sondagem em sua mente, por minha parte e do Lucas decidimos fechar essa porta, já que eu gostava dele e não precisava disso.

Quando fui pedida em casamento, corri para o banheiro antes de dizer sim. Claro que o Daniel a essas alturas já sabia que eu era estranha o suficiente para fazer isso, mesmo querendo dizer “sim”. Quando contei ao Lucas dentro do minúsculo banheiro do restaurante, ele me abraçou tão forte que não pude conter minhas lágrimas.

Quando descobri minha gravidez, não tive dúvidas que o nome do meu filho seria “Lucas”, como Daniel sempre soube do

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

que eu sentia pelo meu amigo falecido, aceitou. Lucas disse que ele não seria maluco de me contrariar, rindo como um anjo, aliás é o que ele havia se tornado, um anjo... Que eu podia ver, tocar e ter por perto sempre que preciso.

E claro que tudo isso, foi a prova irrevogável de que uma amizade como a nossa não podia acabar por uma simples coisa como a Morte. Que nós estaríamos ligados pela eternidade. E eu sigo minha vida com uma felicidade que de vez em quando, penso que não mereço, mas o Lucas vem sempre me dizer que sou maluca quando penso isso, então tudo fica bem, tudo fica como deveria estar.

Minha vida com o Lucas daria um soneto, uma poesia, uma prosa, uma música, sei lá! Ele sempre ri quando eu digo isso, mas vejam que com tudo que lhes contei e com tudo que vivo até hoje se resume na música de “O Teatro Mágico”:

“Enquanto houver você do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete, a cena se inverte
Enchendo a minh'alma d'aquilo que outrora eu deixei de
acreditar

Tua palavra, tua história

Tua verdade fazendo escola

E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar

Metade de mim

Agora é assim

De um lado a poesia, o verbo, a saudade

Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim

E o fim é belo incerto... Depende de como você vê

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só...

Mas só enquanto eu respirar

Vou me lembrar de você

Só enquanto eu respirar...

Pois sei que depois que eu partir terei ele ao meu lado como um todo. O meu melhor amigo. Lucas o Eterno.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
MARINA, O BOLO E A VIZINHA

Loise Alves Silva

Durante três anos, o casal João Carlos e Marina viveram em um condomínio. O dito apartamento foi um presente do padrinho de casamento. Eles escolheram um bom bairro, na cidade de Curitiba (SP), desejavam um lugar tranqüilo onde, futuramente, pudessem criar seus filhos.

Os primeiros anos no novo lar foram perfeitos. Os vizinhos eram educados e o local transmitia toda a calma desejada. O quinto andar do bloco A começou a ter sua paz abalada com a chegada de Rebeca. Era uma mulher bonita, aparentemente solteira.

A nova moradora tinha uma vida agitada. O entra e sai no apartamento 51 era completamente normal. O real causador de murmúrios entre os outros condôminos era o fato dela estar sempre acompanhada com um homem diferente. Para Marina, Rebeca ainda não incomodava.

João Carlos ia trabalhar ao meio-dia e só voltava à sua casa quando já era noite. Estava empregado em uma empresa de TV a cabo e era responsável pelas instalações, manutenção e todo tipo de serviço feito diretamente na casa dos clientes. Enquanto isso, sua esposa trabalhava como atendente em uma farmácia, no período da manhã. Na maioria das vezes, ao chegar à sua casa, João encontrava a mulher dormindo no sofá.

— Levante-se, querida. Já está tarde.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Ela não pensou duas vezes em disparar reclamações:

— Realmente está tarde, a cada dia você chega mais tarde!

— Hoje a culpa não foi minha!

— Foi do seu chefe, mais uma vez. É claro!

— Está enganada. Encontrei a Rebeca quando entrei no prédio. Ela pediu que eu a ajudasse com a televisão, que não estava funcionando.

Marina até aquele momento, nunca havia desconfiado do marido.

— E desde quando você concerta televisões? Seu trabalho é com TV a cabo, com hora marcada e com clientes da empresa.

— Quanto nervosismo! Eu só quis ajudar a mulher, só isso.

Naquela noite, os dois foram dormir sem trocarem nenhuma palavra. Depois do favor prestado por João Carlos, a nova vizinha começou a incomodar Marina, que não tinha gostado nada da “visita” do marido ao apartamento 51. Rebeca era uma mulher bonita e despertava interesse nos homens.

As discussões entre o casal se tornaram parte da rotina. João agora tinha muitas justificativas para não chegar cedo à sua casa:

— Quando penso que ao chegar aqui, você irá me interrogar e fazer suas insinuações a respeito de onde e com quem eu estava, perco a vontade de vir para meu próprio lar.

— Agora a culpa é minha? Acorde para a vida João Carlos! Eu que fico aqui, todas as noites, sozinha. Não foi pra isso que me casei com você! E se o “senhor” não sente minha falta, é porque tem quem “lhe agrade!”.

— Marina, guarde esses comentários falsos para si mesma! Eu não sou obrigado a ouvir tudo isso. Vou dormir.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Se um dia, eu descobrir que você está me enganando...

Acabo com ela!

— Qualquer dia farei isso. Ai você poderá me acusar de algo que realmente fiz!

Um relacionamento que antes era repleto de amor, agora era dominado pelo ciúme de Marina. Rebeca começou a cumprimentar a sua vizinha quando a encontrava, mas Marina não deixava passar disso, pois não suportava o que a imagem daquela mulher lhe remetia.

Uma noite, a esposa de João Carlos decidiu esperá-lo no portão do condomínio (ela estava determinada a descobrir o que o marido fazia depois do trabalho). Horas se passaram e seu esposo não chegava. Então, Marina retornou ao apartamento. Quando saiu do elevador, notou que a porta do apartamento de Rebeca estava entreaberta e dessa fresta saía muita fumaça.

Sem hesitar Marina empurrou a porta e entrou, dirigiu-se a cozinha onde um bolo que estava sendo preparado foi esquecido no forno e, o que restou dele, estava totalmente queimado.

— Rebeca, você está aí?

Não obteve resposta. Ela ouviu o barulho do chuveiro e caminhou até o banheiro dizendo:

— Sua louca, quer incendiar o prédio? Preste mais atenção...

Espantada com o que via, sua voz sumiu completamente. Seu marido avisou que um dia acabaria acontecendo, graças às acusações feitas por ela. Rebeca e João Carlos tomando banho juntos e trocando carícias, não perceberam de imediato a presença de Marina.

— Sua salafrária!! Seu traidor!!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Marina, o que faz aqui?

Os primeiro minutos foram de perguntas sem respostas e palavras. Os dois pegaram uma peça de roupa, tentaram se vestir e foram para a sala.

Eu não aguentava mais suas crises de ciúme sem motivo. Há um mês não temos uma conversa civilizada.

Marina sem dar atenção nenhuma ao que João dizia, chegou bem perto de Rebeca, que não sabia o que fazer.

— Hoje eu não pedi a ajuda de ninguém. Foi ele quem bateu na minha porta, dizendo que precisava da retribuição do favor daquele dia.

— E a senhora, muito prestativa, não poderia negar, estou certa?

Rebeca gozou da situação.

— Está coberta de razão.

A fúria se estampava nos olhos de Marina e o ciúme a consumia.

— João... Eu disse a você, que mataria a mulher que entrasse no meu caminho e não estava brincando.

Rebeca notou a veracidade daquela declaração, deu alguns passos para trás, mas não foi o bastante para salvá-la. Sutilmente a esposa traída pegou um vaso, que estava ao seu lado em cima de uma mesa, e acertou a cabeça de João Carlos que cambaleou e desmaiou. Rebeca procurou algo para se defender, mas não havia nada próximo para lhe ajudar. Marina agarrou o pescoço dela e a empurrou até a sacada, que não tinha proteção. Rebeca tentou livrar-se, porém foi tudo em vão. Rebeca foi jogada do quinto andar e morreu na hora. João acordou dez minutos depois,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
atordoados. Apressou-se em ir atrás de sua mulher que, depois de perceber o crime cometido, fugiu antes que ele tivesse pensado em acordar.

Hoje, havendo cinco anos se passado, João Carlos, divorciado, vive sozinho. Está namorando há quase dois anos. Já Marina não ficou muito tempo foragida e cumpre pena pelo homicídio. Foi constatada em seus exames uma debilidade mental, a depressão. Por este fato, hoje é tratada em uma clínica psiquiátrica. E indícios levaram a perícia a crer que seu estado mental foi decorrência da separação com seu ex-marido, e não a morte de Rebeca.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

OS DIÁRIOS DE ANNE

Tatiane Talita Silva

Certa vez, Anne, uma mulher dedicada ao lar, arrastava a mesa da cozinha para limpar, quando percebeu um pequeno buraco no chão.

Ficou muito cismada ao ver aquela abertura, então por curiosidade, Anne percebeu que se tratava de um quarto escuro e entrou. Era um porão.

Enquanto descia as escadas, observava a quantidade de coisas que havia naquele porão sujo, cheio de ratos. Mas, o que lhe chamou atenção foi um baú.

Muito curiosa, disse a si mesmo:

O que será que tem nesse baú? Será que existe jóias, muito ouro, alguma coisa de valor?

Então com cuidado abriu o baú. Nesse instante viu que não era nada do que estava pensando, dentro do baú havia muitos diários. Anne nem se interessou em saber o que havia naqueles diários. Simplesmente foi embora, subiu as escadas e trancou o porão novamente.

Mas, ao anoitecer, já preparada para deitar-se, ficou se perguntando:

O que será que tem naqueles diários? Quem os escreveu? Quem morou aqui?

Tudo um mistério, ao amanhecer, começou a fazer as tarefas de casa, porém, olhava sempre para o chão.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Hoje irei descobrir o que há naqueles diários.

Ao anoitecer, Anne abre o porão e entra com uma lanterna. De repente, ela sente um arrepio, mesmo assim segue em frente. Então, ela abre o baú e começa a ler um dos diários. Eram histórias extraordinárias.

No decorrer de sua leitura, descobre que os diários foram escritos por uma mulher que se chamava Sarah Ferguson. Essa mulher era rica e carregava consigo um nome de CONDESSA.

Anne ficou se perguntando:

Por que o baú com seus diários estariam aqui no porão e numa casa humilde e simples como a minha?

Então, ela retornou à sua leitura.

Descobriu ao decorrer da história que Sarah era casada com um conde de aproximadamente 50 anos. Lembrando que Sarah só tinha 25 anos. Ela casou-se muito nova, com apenas 16 anos, por um acordo que o próprio pai fez com o conde Edward.

Edward só queria casar com Sarah por puro interesse. Logo, foi marcada a data do casamento. Finalmente, se casaram.

Depois de casado, o conde tornou-se grosseiro e prepotente, ameaçava-a de morte, batia em sua esposa, porque ela não conseguia dar filhos homens. Sempre que engravidava, perdia os filhos.

Anne, cansada da leitura, resolve fechar o diário, porém leva-o consigo.

Nossa, que história interessante! Ela disse.

Ela vai para seu quarto e cai em um sono profundo.

No dia seguinte, acorda e começa a realizar suas tarefas. Ao terminar, pega o diário e continua a leitura (p.56)

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Sarah estava com muito ódio de seu marido, pois toda vez que chegava a casa, estava sempre bêbado e começava as agressões física e verbal, sempre cobrando um filho dizendo:

Você não vale nada, não serve nem para dar um filho homem para mim.

Seus olhos se enchiam de lágrimas, pois não conseguia engravidar.

Foi quando ela resolveu tomar alguma atitude já que seu marido a maltratava muito, encheu-se de coragem e fugiu para bem longe.

Naquele momento, Sarah estava pensando como faria para sair daquele lugar sem ser vista.

Na noite seguinte, ela saiu para marcar uma passagem de navio para Inglaterra, a fim de sair daquela situação constrangedora.

Marcou sua viagem para o dia 3 de novembro de 1896, às 20:00 horas da noite. Estava tão ansiosa para sair daquela situação que para ela essa uma semana parecia uma eternidade.

Anne não se cansava de ler os diários de Sarah Ferguson, pois lhe deixava mais curiosa e também revoltada pelas atitudes do conde Edward com relação à sua mulher.

Nessa altura, Anne já se mostrava cansada, então resolveu guardar o diário e ir se deitar, mas não parava de pensar no sofrimento da Condessa.

Passou-se dois dias sem que Anne pegasse o diário, pois suas tarefas de casa a impediram de ler. Anne estava para retomar a leitura, pois faltava apenas 4 dias para a viagem de Sarah.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Sarah chamou sua mucama Adelaide para acompanhá-la. Mas havia um porém, Adelaide tinha medo do que poderia acontecer no caminho e de seus pais ficarem preocupados. Enfim, ela aceitou a proposta de sua ama.

Finalmente chegou o grande dia, as duas saíram às 20:00 horas como o combinado. Chegando ao porto, Adelaide desiste de fugir juntamente com a Condessa. Então, Sarah perguntou:

Tem certeza de que não quer ir comigo? Ao chegar à Inglaterra escreveremos para seus pais.

Não, meus pais precisam de mim! Não dá, não posso!!! Disse Adelaide com lágrimas nos olhos.

Tudo bem, não irei forçá-la, pode ir! Fica com Deus! Não se esqueça, não comente à ninguém sobre a minha fuga.

Está bem! Vá em paz! Respondeu a mucama.

Depois que se despediram, Sarah entrou no navio. Para chegar ao seu destino lhe faltavam 9 dias.

Enfim, chegou à Inglaterra e foi direto procurar uma casa, no interior da Inglaterra, num lugar que ninguém a reconhecesse.

Conseguiu uma casa de sua preferência, simples, sem qualquer luxo, pois ela nunca ligou para bens materiais. Arrumou-a, deixou-a limpa.

Alguns dias depois, conheceu um rapaz, cujo nome era Gerald Cullen. Ao vê-lo, seu coração pulsava cada vez mais rápido. Se apaixonaram completamente, se conheceram e resolveram dar um passo maior, o casamento.

Sarah Ferguson aceita se casar comigo? Disse Gerald.

– Aceito, aceito...! Respondeu Sarah muito feliz. Entretanto,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

nesse mesmo dia, soube que seu “ex-marido” havia falecido por prática de caça. Ficou aliviada ao saber dessa notícia, pois nada a impedia de se casar novamente. Não sentia nenhum remorso, mesmo sabendo que ele foi seu marido. Apenas se lembrava de seus sofrimentos com aquele homem.

Marcaram o casamento e em um mês se casaram e finalmente Sarah conseguiu engravidar, pois pensava que era estéril, porque sempre perdia os filhos.

Os dois viveram uma grande paixão, a Condessa conseguiu ter mais 4 filhos com o seu amado e assim seguiu levando sua vida simples e modesta.

Finalmente, Anne conseguiu ler todos os diários de Sarah, mas com frequência, sentia um grande arrepio, era Sarah que estava presente em todo o tempo. Chegou a ver vultos pela casa, mas nunca esquecerá das histórias que lera, onde haviam começado triste e terminado no final feliz. No entanto, não sentira medo, pelo contrário, gostou de saber que naquela casa morou uma Condessa com o seu grande amor. E com isso, deixou marcos e fatos históricos através de suas escrituras.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

DISCUSSÃO NO TRÂNSITO

Elziane de Cássia Neves de Almeida

Tudo começou em uma noite de quinta-feira. Renato resolveu fazer um passeio com sua esposa.

Estava tudo muito bem, quando de repente surgiu na frente do seu carro uma moça. Ele, para não atropelá-la, joga o carro para a esquerda atingindo um Fiat Uno azul, Renato desce rapidamente para ver se a moça estava bem. Ao perceber que ela estava bem, volta para seu carro, para tentar acalmar sua esposa grávida que estava chorando desesperada. De repente, começam a bater no vidro. Ele abre a porta e, antes mesmo de descer do carro, começa a ser agredido verbalmente.

— Seu merda, você bateu no meu carro.

Renato desce do carro e diz:

— Calma, rapaz, vamos conversar, quem é você?

— Meu nome é Aurélio.

Renato, preocupado com estado de saúde da esposa, pede para conversarem depois, pois sua esposa estava grávida e não estava passando bem, mas Aurélio não quis saber de nada e continuou chingando.

— Seu mané, você vai ter que consertar o meu carro, quero três mil reais.

Renato explicou a ele que ainda estava pagando o financiamento do carro. E que não tinha todo esse dinheiro. Aurélio levanta a blusa e da sua cintura tira uma arma e diz para

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Renato:

— Acho três mil pouco, quero seis mil reais dentro de uma hora. Apontando a arma para a esposa de Renato, ele diz: __Ou você pode dar adeus a sua querida esposa.

Renato, com medo, diz a mulher:

— Amor vai até um orelhão liga para o Alencar e pede para ele trazer seis mil reais agora.

Atendendo ao pedido do marido, ela se dirige a um orelhão para fazer a ligação.

Depois de quarenta minutos, aproximam-se quatro viaturas. Como a rua era escura, eles não perceberam a movimentação da polícia. Devagar, Alencar se aproxima e diz:

— Mãos para cima.

Para surpresa de Alencar, Aurélio estava sendo procurado há bom tempo pela polícia. Era ex-policial, expulso da corporação por corrupção. Aurélio com raiva fala para Renato:

— Então esse é o Alencar, você me enganou, safado.

Aurélio é algemado e juntos vão até o carro para verem a batida. Ao chegarem até o Uno azul, uma surpresa, apenas um arranhão no para-choque. O policial Alencar olha para ele e pergunta:

— Você não tem vergonha de querer tirar dinheiro de uma pessoa sem ela ter causado nenhum estrago no seu carro?

Aurélio permanece em silêncio, não respondendo à pergunta. Para surpresa de Aurélio, Alencar diz que é sogro de Renato. Aurélio abaixa a cabeça e pensa:

— Tô ferrado.

Aurélio é levado preso, Renato retorna para casa com sua

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
esposa felizes por tudo ter sido resolvido e por terem colaborado
na prisão do ex-policia! corrupto.

SEXTO SENTIDO

Roberta Gomez

Áramis acabara de formar-se em arqueologia e, como presente de formatura, ganhou de seus pais uma viagem ao Egito.

Ele e seu amigo Bob decidiram viajar o quanto antes para colocarem em prática algumas de suas teorias.

Ao chegarem lá, ficaram encantados com tudo. Especialmente, é claro, com as pirâmides do Egito.

Como chegaram tarde, deram um pequeno passeio pela cidade, foram para o hotel, e enquanto tentavam conciliar o sono, faziam planos para os próximos dias.

— Aonde iremos amanhã de manhã, Áramis? —Disse Bob.

— Bem, já que o nosso passeio nas pirâmides está programado para depois de amanhã com o guia turístico, acho que poderíamos ir até o Vale do Nilo e explorar a região. Dizem que a alguns quilômetros de um dos principais braços do Nilo, o Roseta, há uma região muito fértil e algumas tribos migraram para lá há muitos anos. Desde então, poucos arqueólogos têm se aventurado pela região. Há muitas grutas, e muitos objetos antigos já foram encontrados antes do povoamento. De repente, pode ter sobrado alguma coisa para nós. O que você acha?

— Você decide, meu amigo, a empreitada é sua.

No dia seguinte, bem cedo, partiram em direção ao Nilo, para iniciar suas investigações arqueológicas.

Durante todo o trajeto, Áramis sentia intuições que nunca

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

havia sentido antes, mas, para não assustar o amigo, apenas sorria e dizia que era o seu sexto sentido.

Já haviam passado pelas tribos há mais de três horas quando Áramis sentiu um sopro forte no seu ouvido esquerdo. Virou-se na direção, mais curioso do que assustado. Ao seu lado, uma rocha que parecia diferente das demais o atraiu e, por segundos, pareceu brilhar.

— Venha comigo, Bob, acho que tem algo por aqui.

Bob o seguiu sem entender. Ao se aproximarem, Áramis se abaixou e começou a mexer na rocha inerte próxima ao chão, que em sua visão se iluminara. Teve o pressentimento de empurrá-la com as duas mãos pelas laterais. Ao fazer isso, ela se moveu. Arrancaram a pedra e entraram pelo buraco. Ficaram estarecidos ao descobrir que se tratava de uma gruta bem espaçosa e comprida.

— Áramis, acho que é perigoso entrarmos aqui sozinhos.

— Não se preocupe, Bob, confie no meu sexto sentido.

Enquanto caminhavam, Áramis não dizia nada, e algumas vezes, parava para analisar alguns buracos que mais pareciam esconderijos. Na primeira vez que fez isto, encontrou um anel e o colocou no dedo. O anel serviu perfeitamente, e ele sentiu-se mais forte fisicamente. Na segunda parada, viu no alto de uma rocha alguns escritos em hieróglifo. Fotografaram para decifrar mais tarde e continuaram caminhando.

— Áramis, acho que deveríamos voltar ou vamos acabar perdidos nesta gruta.

— Já estamos chegando, está logo ali.

— O que está logo ali? Do que você está falando, Áramis?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Não sei. Na verdade, nem sei o porquê disse isso, apenas tive vontade de dizer.

— Ah sei, o seu sexto sentido.

Áramis não respondeu, ficou sério e, de repente, começou a correr. Pulou sobre algumas pedras para a outra lateral da gruta e, ao mesmo tempo em que corria e pulava, alcançou um ponto mais alto da caverna e parou estupefato.

— Áramis, o que tem aí? O que você está fazendo aí em cima? Fale comigo, Áramis.

Áramis não respondia, apenas olhava, Sua fisionomia havia se modificado e ele se sentia cada vez mais poderoso e confiante.

— Áramis, por Deus, desça já daí.

— Acho que você é quem deve subir aqui e me ajudar com estas coisas.

Bob, conseguiu subir com muita dificuldade. Não entendia como Áramis havia sido tão veloz e ágil.

Quando subiu, ficou encantado. Havia vários objetos, como roupas, sandálias, armas, jóias, uma máscara, um cajado e ossos. Apanharam tudo e saíram da gruta. Bob que já não se lembrava mais do caminho de volta, deixou-se conduzir pelo amigo que dizia, é claro, que Bob confiasse no seu sexto sentido.

Saíram da gruta e terminaram a viagem sem mais novidades. Retornaram para suas casas. Entregaram os pertences ao museu da cidade, porém, Áramis ficou com o anel, e Bob prometeu nunca contar a ninguém, nem do anel, nem que seu amigo nunca mais fora o mesmo.

Descobriram, pelos ossos e principalmente pelos hieróglifos, que todos aqueles objetos haviam pertencido a um guerreiro

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

egípcio de nome Amoy.

Amoy era muito conhecido pela forte intuição acerca dos acontecimentos futuros e por representar uma ameaça ao prever certos ataques. Foi perseguido pelo exército inimigo. Descobriu aquela gruta e se escondeu, porém nunca mais encontrou a saída e acabou morrendo.

Áramis que nunca mais tirou o anel do dedo, continuou a ter pressentimentos cada vez mais fortes e, sempre que alguém perguntava como ele sabia de determinado assunto, ele simplesmente respondia:

— Sexto sentido.

INCUBUS

Laís Simões

Um vulto escuro estava parado ao lado de uma árvore. Um homem alto, com vestes escuras, observava algo em uma casa que estava com a luz acesa, onde uma jovem despia em frente à janela, sem perceber que a figura negra ao lado da árvore estava decidida a entrar na casa.

A moça estava sozinha em sua residência, seus pais haviam saído para comemorar o aniversário de casamento. Ela não tinha mais do que dezessete anos, corpo firme e bem torneado, com quadril largo e seios de porte médio, pele clara e cabelos longos e negros ressaltavam a beleza e o mistério por trás dos grandes olhos castanhos. A jovem era popular no colégio e namorava o astro do futebol, o típico “cara mais lindo do colégio”. Um barulho a tirou de seus devaneios. Assustada puxou um lençol para cobrir o corpo e se debruçou no parapeito da janela para ver se conseguia ver a origem do barulho. Na casa da direita pode ver que os vizinhos jogavam uma partida de basquete em frente à casa. Imaginou que um deles tivesse jogado a bola acidentalmente em uma das latas de lixo. Aliviada e se sentindo tola por achar que alguém estava invadindo a casa, ela voltou para o espelho.

Enquanto isso, o vulto negro pulava um muro e entrava sorratamente pela porta dos fundos. Ele passou pela cozinha cautelosamente para não esbarrar em nenhum objeto e colocar todo o plano a perder. O homem, que vestia um casaco preto,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

já vinha observando a garota há dias, todos os seus passos, seus amigos, seus pais e o namorado da jovem. Foi absolutamente fácil descobrir quando ficaria sozinha por um tempo altamente considerável. Ele aguardava ansioso o “Grande Dia” em que enfim conseguiria colocar as mãos em algo muito precioso. Ele passou pela sala de estar e parou ao pé da escada que levava para os quartos. Ao ver que não ouvia nada, subiu lentamente degrau por degrau, agradecendo por as escadas não denunciarem os seus passos. Na metade do caminho já podia ver o quarto da jovem, estava com a porta fechada, mas a luz escapava por debaixo da porta. Ele continuou a subir e, ao aproximar-se do quarto da garota, pôde ouvi-la conversando animadamente ao telefone.

Aguardou pacientemente escondido na escuridão até ouvir a garota despedir-se e desligar o telefone. Poucos minutos depois, ela saiu do quarto. Estava enrolada na toalha, ia em direção ao banheiro. Foi cantarolando algo que estava ouvindo no *iPod*, tão distraída que nem se deu conta do vulto parado no canto do corredor.

O homem continuou onde estava e só saiu de seu esconderijo quando ouviu o barulho do chuveiro e a água a cair. Ele se aproximou, a jovem havia deixado a porta aberta, o que lhe garantia uma boa visão de seus movimentos. Ele teve de se segurar para não pôr o plano em ação tão cedo, porém logo se lembrou de que não podia agir de maneira irresponsável ou então iria pôr tudo a perder.

Ela desligou o chuveiro e se enrolou com a toalha. Enquanto se secava despreocupadamente na frente do espelho, distraída nessa atividade que não notou parado ali na porta um homem

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

alto e forte, vestido de negro, um estranho que não apresentava ter boas intenções.

O homem sabia que era hora de agir, então se aproximou da jovem e se posicionou atrás dela no espelho. Ela secava o rosto e ao abaixar a toalha e ver que o seu reflexo não estava mais sozinho, seu coração disparou, seu corpo começou a tremer descontroladamente, os olhos esboçavam terror. Ela ameaçou gritar, mas o estranho foi mais rápido e, com a mão direita, tampou-lhe a boca, com a mão livre colocou o dedo indicador na frente dos lábios indicando que era melhor ela fazer silêncio. Lágrimas brotaram dos olhos da jovem e ela começou a chorar descontroladamente. Ao lembrar que estava sendo protegida apenas por uma toalha, o medo se aponderou mais uma vez, mas ela não podia se dar por vencida e tentou encará-lo pelo espelho, fingindo coragem. Seu olhar o ameaçava, dizendo, “você não ousaria...” mas o medo a denunciou quando ele se aproximou de seu pescoço. Ela podia sentir o hálito quente, escapando pela sua boca. Ele parecia tentar sussurrar algo, porém, simplesmente a encarou pelo espelho com os seus olhos provocantemente azuis, como se a desafiasse a fazer qualquer coisa para se defender.

Ele a arrastou para fora do banheiro e a jogou no quarto que estava com a luz acesa. Ela caiu, sem tempo de reagir. Ele a segurou pelos cabelos e a arrastou para a cama. Ele segurava algemas. Sejam quais forem as suas intenções, não havia como pedir socorro. Numa vã tentativa, a jovem novamente tentou gritar, o agressor a esbofeteou.

O atacante a jogou na cama. Ela tentou escapar, mas ele a segurou pelos calcanhares e a puxou para si. A jovem tentou

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

chutá-lo, mas o estranho era muito mais forte. Ela avistou uma raquete de tênis no chão. Com certa dificuldade, alcançou-a, e, com um olhar feroz e colocando toda a sua força na arma, atingiu-o primeiro no braço, depois na cabeça. Ele a largou, e ela saiu correndo segurando a toalha contra o corpo. Entrou no quarto de seus pais, trancando-o para fora. A jovem, tremendo loucamente, pegou o telefone na cabeceira da cama e discou o telefone de seu pai, o telefone estava fora de área. Enquanto tentava discar outro número, alguém falou ao telefone:

— Não adianta Jenifer, seus pais não voltarão para casa e não querem ser interrompidos. — era a voz do homem que a esbofeteara, a voz grossa e assustadoramente confiante.

Ela tremeu da cabeça aos pés. Como ele sabia o seu nome, seria um seqüestro premeditado? Desesperada, implorou:

— Pelo amor de Deus, moço, pode levar o dinheiro, mas por favor, não faça nada comigo, eu imploro, deixe-me em paz.

— Acho que você ainda não entendeu qual é o meu verdadeiro interesse na casa. — sua voz era extremamente ameaçadora. Ele deu um murro na porta, fazendo-a gritar de pavor.

— Por favor... te-tenha misericórdia. Eu não s-s-sirvo para nada... n-não tenho di-di-nheiro... as jó-jóias estão na ga-gaveta... — disse aos soluços.

— As jóias não serão necessárias, você é necessária! Venha para mim, seja uma boa menina. — disse calmamente.

Ela telefonou para a polícia. Tudo ficou silencioso demais. Depois de segundos intermináveis, a voz da atendente surgiu:

— Departamento de polícia...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O telefone ficou mudo. “O desgraçado deve ter cortado a linha”, ela pensou.

— Você quer estragar a brincadeira que nem começou, vamos brincar, vai?! — o agressor voltou, ele brincava com o seu medo.

Jenifer soluçava, enquanto o homem batia na porta e falava em tom infantil.

— Me deixa entrar, brinca comigo, vou brincar com você, hein. — seu tom de voz mudou para um tom ameaçador — ME DEIXA ENTRAR!

Ela se afastou lentamente em direção a janela. Pensou em pedir ajuda ou gritar, mas o rapaz poderia estar armado, e num seu primeiro movimento em falso poderia atirar nela. Olhou para rua, não havia uma santa alma, os vizinhos que jogavam basquete haviam desaparecido. Da janela do quarto para o jardim era muito alto, se não morresse com o pulo, com certeza quebraria uma perna. Ela olhou novamente para a porta, tudo se silenciou, por mais que soubesse que ele não havia desistido, sentiu esperanças de conseguir e conseguir ajuda. Virou-se novamente para a janela e dá de cara com o agressor parado bem a sua frente e sorrindo demoniacamente. Como ele conseguira entrar, não havia explicações lógicas para isso, era impossível escalar, pois as paredes eram lisas, a porta ainda estava trancada, aquele homem não era humano.

— Sentiu minha falta, querida? — ele passou a mão em seus cabelos úmidos. Jenifer fechou os olhos, tentando pensar que tudo não passava de um pesadelo, mas a dor em sua bochecha esquerda ainda era intensa, fazendo-a lembrar que não era um pesadelo.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Com apenas uma mão, ele a segurou pelo pescoço e a levantou alguns centímetros do chão. A garota começava a perder o ar e a tonalidade da sua pele estava se avermelhando adquirindo uma tonalidade roxa. As veias em suas têmporas saltavam. Ela tentava em vão soltar-se, estava quase desfalecendo, quando ele afrouxou a mão e a jogou na cama de casal. Debruçou-se sobre ela e arrancou-lhe a toalha. A menina tossia tentando puxar ar para os pulmões. A visão estava embaçada, mas pôde vê-lo se aproximando lentamente de seu pescoço, ele tinha caninos enormes. Ele a mordeu. Ela sentiu as presas furando a sua pele e o sangue começar a se esvaír. A princípio tudo ficou confuso em sua mente, mas logo conseguiu associar o que estava acontecendo-o agressor era um vampiro, que sugava seu sangue com grande voracidade. Sentia que estava perdendo a consciência por causa da perda de sangue. O vampiro também havia percebido isso e tirou a boca de seu pescoço. Com um fio de vida, ela o olhava suplicante. Ele com a boca suja de líquido vermelho apreciou a imagem da pré-morte. O sangue ainda vertendo de seu pescoço, se espalhando pelo seu corpo e manchando a roupa de cama.

— Agora... É a hora que você morre.

Ele enterrou as presas mais uma vez na pele branca coberta de sangue da jovem. Sugando-lhe o que sobrara da vida. Logo ela perdeu a consciência e seu coração diminuía o ritmo até não bater mais. Delicadamente ele cortou o peito da jovem e arrancou-lhe o coração. Guardou-o em um saco de pano preto e o colocou no bolso do casaco.

Ele saiu de cima do corpo sem vida da jovem nua e apagou

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

as luzes. Fechou a porta ao sair do quarto, saiu da casa da mesma maneira que entrou e caminhou lentamente pela rua, com um grande sorriso no rosto. Havia valido a pena, realmente o sangue dela era delicioso, a jovem o enchera de energia novamente. Agora era preciso pesquisar quem seria a próxima vítima, o que não seria difícil apesar de ele gostar de apresentar-se às vítimas de uma maneira deliciosamente cruel, só para poder sentir o gosto do medo e do prazer andando juntos. O *Incubus* é assim, ele necessita do medo do mesmo jeito que necessita do prazer, ambos andam juntos lado a lado para satisfazer o demônio que está dentro de cada um.

No quarteirão seguinte, uma mulher o abordou, ela loira, cabelos na cintura, pele invejável, seios fartos e usava um vestido curto que realçava suas curvas.

— Vejo que está satisfeito, bonitão! — ela disse sedutoramente.

Ele sorriu e perguntou maliciosamente:

— Quer me satisfazer ainda mais?

— Desculpe, mas não me satisfaço com vampiros da ralé. — ela o provocou. — consegui o que eu pedi, Steven?

— Você sempre arrogante, não é Ana, consegui sim, foi fácil para um vampiro da ralé.

— Então por que demorou tanto? — ela perguntou ironicamente.

— Porque eu estava me divertindo com a comida.

— Onde está o meu prêmio? — Ana perguntou.

Steven retirou o saco preto do bolso e entregou a Ana.

— Aqui está! Como você me pediu. — ele respondeu, dando-

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

lhe as costas.

— Espere um pouco. — advertiu. Steven paralisou no mesmo instante. — quando você arrancou esse coração ela já estava morta, de nada me vale um coração virgem, arrancado depois de morto.

— Desculpe, mas não quis estragar o sabor da refeição.

Ana atirou o coração ensanguentado no rosto do vampiro.

— EU TE CRIEI, SIGA AS ORDENS OU IRÁ PARA O INFERNO! — sua voz era mais ameaçadora do que a de Steven. — é melhor conseguires outro coração virgem antes do amanhecer ou então fuja para bem longe, o mais longe que puder, pois se eu te encontrar, vai preferir estar morto. Ela virou as costas e foi embora. A ameaça ainda pairava no ar. Era melhor Steven correr, pois faltavam duas horas para o amanhecer.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
AMOR, MEU GRANDE AMOR

Tatiane Nunes de Araújo

Sempre fui apaixonado por Gabriele, minha vizinha e amiga há mais de vinte anos. A moça mais encantadora que já vi. Ela não suspeitava desse sentimento que me corroía o peito, e nossa amizade era uma das coisas mais sólidas que poderíamos ter na vida.

Crescemos juntos em uma cidadezinha do interior de São Paulo. Brincávamos com outras crianças às tardes, quando voltávamos da escola. Assim os anos foram passando. Gabriele tornou-se uma jovem meiga que, inocentemente, começou a despertar em mim certos sentimentos amorosos. Às vezes percebia-me quieto a olhar aquela linda mulher que me fazia rir ao contar como havia sido o seu dia.

Aproximei-me ainda mais de minha amada. Notei que ela não saía com as amigas e não namorava havia um bom tempo. Pensei logo de cara que poderia estar apaixonada por mim também, já que ao meu lado, quando nos falávamos, minha doce amiga retraía-se com timidez.

A paixão tomou conta de mim. Decidi fazer algo a que somente os românticos desesperados apelam. “Vou me declarar”. Essa, sem dúvida, fora uma ideia impensada, mas tantos anos de angústia teriam que me trazer uma boa recompensa. “E minha Gabriele pode estar sofrendo por mim sem coragem para viver esse amor abertamente”.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Liguei para ela a fim de marcarmos um encontro. Disse que precisava urgentemente lhe contar algo muito importante. Minha querida escolheu o lugar. Fomos a um pequeno restaurante no centro da cidade.

Aquela era a hora perfeita. Ensaíara um belo texto, repleto de frases carinhosas e cheias de emoção. Meu coração batia forte.

— Preciso falar uma coisa — disse, impaciente.

— Eu também preciso conversar com você — Gabriele falou.

Percebi que havia hesitação em seu rosto terno.

— Então fale primeiro. Respeito a regra de dá vantagem às damas — brinquei.

— Tudo bem — disse ela. — Faz algum tempo que venho refletindo sobre a minha vida e sentia um grande vazio tomar conta de mim.

A cada palavra dita mais meu coração palpitava.

— Sim, querida, me conte tudo.

— Eu levava uma existência sem amor, sem motivos concretos que fizessem enxergar o verdadeiro sentido da vida. Por isso, tomei uma atitude que irá me ajudar a encontrar a felicidade.

Não conseguia conter minha alegria diante de palavras tão belas. Já estava pronto para beijar Gabriele.

— estou aqui para ouvi-la — disse emocionado.

— Entrei para a Ordem das Freiras de Santa Teresa. Vou me dedicar à vida do convento, buscar o amor de Jesus Cristo. Quero cuidar dos necessitados. Isso irá me cobrir de satisfação.

Ao escutar todo aquele discurso, fiquei mudo, sem nenhuma reação.

— Ricardo, você está bem? — ela perguntou — O que tem

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
para me falar?
— Esquece.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

SURPRESAS DA VIDA

Camila Barberis Zampar

Naquele ano a estiagem na Caatinga estava mais dura do que de costume.

Temperatura próxima de 40° C. Fome e sede fazia parte da rotina dos poucos habitantes que ainda restavam naquele local.

A menina Joana nasceu naquele sertão e desde pequena andava de um canto para o outro na incessante busca de um lugar mais digno para se viver. Uma casa, um pedaço de terra onde pudessem plantar suas refeições e sem dúvida, um pouco de água eram os seus maiores desejos.

— Mãe, pai, vamos parar um pouco. Não aguento mais! Estou fraca... — antes de terminar a frase, a garota caiu desmaiada no chão.

A mãe acostumada com aquela situação apenas segurou a cabeça da filha e esperou ela se reanimar. Até suas lágrimas haviam secado.

— Vamos, vamos. Não podemos parar agora. Venha cá menina. — o pai carregou sua filha nos ombros por alguns instantes até que ela acordasse.

E assim, continuaram sua árdua caminhada por longos dias.

Ao fim de um mês, e muitos quilômetros percorridos uma visão tão esperada apareceu ao longe. Era um casebre.

— Enfim, um pouco de sombra e descanso — disse a mãe.

— Eu te disse mulher. Eu sabia que ia achar um lugar pra

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

gente viver. — redarguiu o pai.

A esperança reluziu no âmago de cada um deles.

Ao chegarem, constataram que ali só havia cadáveres de animais. Nem sinal de pessoas.

— De certo, não aguentaram o calor e foram embora. — falou a matriarca - Essa será a nossa casa. E nesse pedaço de chão vamos plantar nosso sustento.

Dessa forma, instalaram-se na nova moradia.

Não tardou muito e os primeiros sinais de chuva começaram a aparecer.

— Mãe, pai venham ver. Olha a chuva. Corram, corram! — A garota não cabia em si de tanta felicidade.

À medida que as gotas caíam, o cenário se enchia de vida. A chuva era grossa e ao passar de poucos dias os rios iam se formando e a terra ganhava nova cor.

Mas aquela alegria durou pouco. Com a força da água a casa não resistiu e foi arrastada. E junto com ela foram também todos os sonhos e as esperanças. A menina Joana e seus pais não tiveram como fugir. Morreram todos.

Eles sobreviveram à miséria, à precária condição de vida, à dura vida sertaneja. Mas morreram na mão daquela que sempre lhes faltou: a água e a sorte.

SONHOS

Aline Alves de Souza

Eu estava caminhando sozinho, pensando o que faria da minha vida quando voltasse para casa. Naquele dia eu havia perdido o emprego, um emprego muito bom, no qual trabalhei por 42 anos, e agora tinha sido mandado embora simplesmente porque estava velho e já não era bom o bastante para D^a.

Carmem, a proprietária da mansão.

Como dizer isso a minha mulher e meus três filhos? Eu não sabia!

Minha mulher não trabalhava desde juvenzinha, quando decidimos que ela ficaria em casa para cuidar de nossos filhos. Meus filhos já eram casados e moravam cada um em uma cidade.

Depois de muitos pensamentos que vieram em minha cabeça, cheguei em casa.

Minha esposa estava fazendo o jantar, e quando entrei, ela mais que depressa veio me receber.

Maria era uma mulher e tanto, e o tempo a deixara cada vez mais linda.

Àquela noite, fui dormir cedo. Não tive coragem de contar para Maria que o emprego que nos sustentava havia sido perdido. Foi Também naquela noite que tive um sonho estranho, eu estava na velha mansão de D^a. Carmem quando um sujeito que eu não conhecia falava baixo com ela, eu curioso cheguei mais perto para ouvir.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Tenho certeza de que foi ele, D^a. Carmem. Dizia o sujeito.

— Isso é impossível, ele trabalha comigo há 42 anos e tem sido um ótimo motorista.

— Mas eu o vi!

— Temos que investigar isso, não posso simplesmente dispensá-lo sem ter certeza disso.

Neste momento despertei, fiquei um tempo sentado sem saber o que pensar.

Quem era aquele sujeito? Seria este sonho um sinal?

Eu até agora não entendia porque D^a. Carmem havia me dispensado, ela veio com aquela história de que eu já estava muito velho e não poderia ajudá-la e blá, blá, blá...

Mas agora este sonho... Eu tinha que descobrir quem era o rapaz, só assim descobriria a verdade.

No outro dia levantei cedo, disse para Maria que iria trabalhar.

Fui até a mansão e fiquei espiando do lado de fora, neste momento vi o mesmo rapaz do sonho entrando com o carro de D^a. Carmem na mansão.

O carro que eu dirigia, ele estava em meu lugar. Quem era esse rapaz? Eu ia descobrir a qualquer custo.

Fiquei um tempo lá fora e quando já estava desistindo e indo embora, vi o portão se abrir, o carro de D^a. Carmem saiu da mansão, e lá estava, o rapaz e D^a. Carmem dentro do carro.

Como ela pôde me substituir por um rapaz que nem conhecia direito. Eu que dediquei anos da minha vida a servi-la.

Sem pensar me atirei na frente do carro parando-o bruscamente.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

O rapaz que dirigia o carro ficou assustado, neste momento D^a. Carmem desceu do carro e veio em minha direção.

— O que pensa que está fazendo? Disse ela:

— Quero saber o que este rapaz te falou que a fez me mandar embora depois de tantos anos de dedicação.

— Esse rapaz é filho de uma amiga muito querida, e porque está agindo desta forma?

— Eu sei que ele te disse alguma mentira ao meu respeito, pode contar.

— Do que está falando?

— Foi por causa dele que me mandou embora?

— Mas é claro que não, ninguém jamais teria esse poder sobre mim. Sempre o tratei muito bem, para mim você foi meu melhor funcionário.

— E por que me dispensou?

— Não posso dizer! Disse ela.

— Diga-me, por favor, esta dúvida está me matando.

— Tudo bem, vamos lá para dentro que te conto tudo.

Entramos em silêncio e o rapaz ficou lá fora.

Fomos direto para o escritório, nos sentamos e D^a. Carmem começou a falar:

— Motivo pelo qual o dispensei não tem nada a ver com o rapaz que está lá fora, ele na verdade esta me ajudando muito nos últimos dias.

Eu estou com uma doença muito grave, e não tenho muitos dias de vida, soube há alguns meses e desde então tenho me dedicado a organizar minhas coisas. Como você sabe não me casei e não tive filhos, precisava de um tempo sozinha para

pensar.

Não tive coragem de te contar, pois, para mim você é muito mais do que um simples funcionário, te considero como um irmão, você sempre cuidou de mim e estive ao meu lado nos momentos mais felizes e mais tristes da minha vida.

— Como pôde esconder isso de mim? Sabe que te ajudaria no que precisasse, eu também te considero muito.

— Mas não queria que tivesse pena, gostaria que se lembrasse de mim, feliz e viva, e não como uma doente a beira da morte.

Depois deste dia não demorou muito para que D^a. Carmem falecesse, e que eu soubesse que tudo o que ela tinha, havia sido deixado para mim em seu testamento.

Nem sempre os sonhos dizem a verdade, apenas querem nos mostrar algo oculto.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

AMIGOS À PARTE

Kelly Cristina Silva

Noite de lua minguante. Estava tudo escuro do lado de fora, e ele ali, sentado em sua cama, enrolado no cobertor, segurando uma lanterna para a sua “proteção”.

Christians era um garoto de 12 anos. Tinha começado a ler livros de ficção científica; com experimentos em animais, principalmente aquele do Frankenstein . Andava assim, assustando-se facilmente. Pois, sempre cogitava a ideia de coisas como as que ocorriam nos liros de ficção, estar acontecendo na floresta ao lado de sua casa durante a noite. E sempre que ouvia uivos, corria feito feito um louco para o quarto dos pais com a desculpa de que ouvia um lobisomem uivando na floresta, vindo em direção ao seu quarto. Ou de que havia um mago tentando fazer experimentos com ele.

Porém, seus pais tratavam de acalmá-lo e colocá-lo para dormir em seu próprio quarto novamente. Mas ele continuava inquieto toda a noite.

Um dia Christians foi brincar com sua vizinha Constança, uma linda garota de dez anos de idade.

Constança possuía longos cabelos loiros; olhos negros como uma noite sem estrelas; lábios fininhos e pele quase translúcida, baixa estatura para sua idade, porém, compensava tudo com sua inteligência e astúcia.

Quando Christians percebeu que os dois estavam sozinhos,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

começou a conversar com ela sobre algumas recentes suspeitas em sua tão imaginativa mente:

— Constança, preciso conversar com você, acho que somente você pode me ajudar. Ele sussurrou em tom preocupado.

— Pois diga! – Constança possuía grande conhecimento, em tudo, e ainda se expressava muito bem.

— Eu queria saber se você pode me ajudar. Da floresta que há do lado da minha casa, durante a noite, ouço vários ruídos, e não são normais, e muito menos ruídos de animais normais. Bom, você sabe mais do que ninguém que nada para mim é normal

— Sim, eu sei. Você é paranoico. Sabe muito bem que na floresta existem diversos animais, e muitos ainda desconhecidos dos mais renomados cientistas. Não se preocupe à toa ou criará rugas antes da hora, somos jovens demais para ficarmos nos preocupando com coisas tão inúteis como essa. — Ela disse com um sorriso honesto no rosto e um olhar de benevolência.

— Paranoia não ... estes dias ouvi ruídos além da minha compreensão, eram demasiado fortes. Como gritos desesperados. Eu não pude ir atrás e ver do que se tratava, porque meus pais estavam em casa, e meu pai teria um filhote de um animas ártico pela boca. – Christians riu imaginando a situação de seu pai.

— Você provavelmente ri, porque para você não seria nada demais ver isso. Mas voltando ao assunto sério...

Christians fez uma careta para ela.

— O que você acha que era? – Ela perguntou curiosa.

— Eu não faço ideia, por isso eu quis vir aqui hoje, para contar, eu queria pedir-lhe um favor._Christians ficou vermelho, sabia qual seria a resposta de Constança.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Absolutamente não, não vou te ajudar em nada. – Ela respondeu bufando de raiva – não vou me encrencar novamente por você. Lembra o que aconteceu comigo da última vez? ... não se lembra?

— Eu me lembro muito bem. – respondeu ele cabisbaixo.

— Pois, então? Por que ainda me pede ajuda?

— Porque eu só conheço você... Não vê? As pessoas ao meu redor acham que sou louco, você é a única que sabe que não é loucura minha. Eu só posso contar com você para me ajudar.

Christians olhou em volta, depois fixou o olhar nos olhos dela, e disse, estendendo as mãos para ela:

— Amigos até o fim, lembra?

Constança, que pensou poder ignorá-lo, não pôde. Quando viu as mãos dele estendidas na direção dela, ela se lembrou do que já havia sentido por ele. Pegou as mãos dele, olhou-o nos olhos, respirou fundo e sussurrou:

– Lembro!, Amigos até o fim.

Ouvindo estas palavras, era como se um tremendo peso tivesse saído das costas dele, pois ela era a única com ele podia contar. Os dois se mantiveram unidos, abraçados por alguns minutos. Recordando as diversas aventuras que passaram juntos.

— Bom! – Disse ele saindo do abraço – Acho que podemos ir investigar a floresta não!?

— Ah! Bem, acho que sim; mas, você terá que arrumar uma boa desculpa para os meus pais. Eles não me deixarão ir, se souberem o real motivo.

— Pode deixar, já tenho tudo maquinado. — Ele piscou e deu uma pequena risada.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

— Oh, Deus! O que ele está aprontando hein?...

Um tempo depois, lá estavam os dois completamente equipados na floresta. Bom, Christians estava. Ele estava carregando todo o seu quite de caça: estacas, balas de prata, lanterna e, para sobrevivência: uma barraca de e barras e cereal. Constança estava usando um vestido amarelo, botas pretas, e seus cabelos em um rabo de cavalo, com um laço vermelho amarrando-os.

— Pra onde você pensa que vai assim, Constança? Estamos em uma caçada e não saindo para fazer compras!

Christians tinha ficado abismado com as roupas dela. Tudo bem, ela tinha ficado bonita; mas, também, precisava exagerar na produção?

— Eu não tive culpa de você ter dito aos meus pais que nós iríamos ao shopping com seus pais. — Ela respondeu em tom irônico, parada na frente dele com os braços cruzados. — Você bem que poderia ter arrumado desculpa melhor, não é, senhor Einstein?. — Ela disse com todo o sarcasmo.

— Está certo, desculpe-me... Olha, vamos esquecer isso e voltar à procura.

— Certo. — Ela ainda estava vermelha de raiva, quando-lhe respondeu, mas tinha um plano para vingar-se, e sabia muito bem o quê, e como fazer, para se vingar.

Andando por um certo tempo, os dois começaram a sentir um cansaço muito grande. Andaram mais um pouco e viram uma caverna pouco iluminada.

— Vamos entrar e descansar um pouco e depois voltamos a andar, tudo bem?. — Ele perguntou, olhando para Constança,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

sabendo que a resposta não seria nada boa, já que sua feição também não era nada boa.

— Você está louco?... Estamos andando há horas, já está entardecendo. Iremos entrar e descansar um pouco, e depois voltar para nossas casa. Não quero aparentar cansaço quando voltar para minha casa. O que direi aos meus pais? Que estava tudo em liquidação e teve uma guerra no setor de agasalhos e por isso cheguei toda acabada? Não, não e não. A gente entra, descansa, e depois vamos embora. Já fomos longe demais nisso!. E você sabe.

— Tá certo, me desculpa, eu estava empolgado. Pensei que estava no caminho certo; mas, foi somente a minha imaginação novamente.

Ele se desculpou, e depois conduziu-a até a caverna.

Entraram na caverna e no início era tudo escuro, quando de repente alguns flashes de luz brilhavam no fim . Foi aí, então, que houve uma descoberta! Acharam o que pensavam ser inacreditável ali dentro.

— Minha nossa!Exclamou Constança. Isto é um laboratório... mas, co... como pode ser?

— Eu sabia que não estava louco!. — Disse Christians eufórico com sua descoberta. — Sabia que não podia ter sido tudo imaginação minha!.

Eles adentravam mais e mais... Quando, de repente gritos começaram a ecoar pela caverna.

— Nossa! Está tudo muito escuro aqui!

Constança percebendo a chance que tinha para vingar-se. Pôs em prática o plano que tinha em mente. Agrande fenda que tinha

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
visto à sua frente. A apenas algumas passos de Christians.

Constança escondeu-se atrás de um monte de pedras,
silenciosamente.

— Constança a a!! — Exclamou Christians. — Cadê você?
Está muito escuro aqui! — Disse ele apavorado.

— Bem aqui, hora do show, Einstein!

Ela disse empurrando-o diretamente para a fenda. Para um
destino que o aguardava ansioso no fundo do buraco.

— Bons sonhos! — Disse ela, virando-se e indo embora.

Cantarolando, e dançando inocente como a lua, como se nada
tivesse acontecido.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

UM AMOR TUMULTUOSO

Natália Santos Marques

Uma tarde, eram quatro horas, um jovem de boa aparência, muito bem vestido, na beleza de seus 25 anos, voltava de sua empresa quando resolveu parar em um restaurante requintado da cidade para beber um drink e relaxar um pouco.

Seu nome era Richard, era filho de um rico senador e morava em um bairro muito elegante, em Laranjeiras, uma pequena cidade do interior de São Paulo.

Richard foi criado na alta sociedade, rodeado por pessoas arrogantes dentro de uma família que o faziam acreditar que o poder e o dinheiro o tornavam superior a qualquer outro ser humano. Apesar desta criação, era um jovem que carregava um bom coração e via todo mundo de maneira diferente dos seus familiares e amigos.

Rachel, era também moça rica, melhor amiga de Richard. Era dona de belos olhos azuis e sua beleza chamava a atenção de todos. Mas tamanha beleza escondia a arrogância de uma menina criada no mesmo ambiente que seu amigo.

Deixando um pouco de lado as apresentações, voltamos ao fato do restaurante.

Richard estacionou seu carro em frente ao local, entrou devagar, avistou uma mesa perto do balcão, fez sinal para uma garçonete que estava de costas, quando foi surpreendido. Foi surpreendido por uma garçonete de feição delicada, mãos que lhe

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

pareceram suaves, olhos amendoados e um longo e bonito cabelo loiro, seu rosto esbanjava simpatia. Foi clara a troca de olhares e o interesse imediato de ambos.

— O que deseja?, perguntou Janeth, a garçonete.

— Encantado!, respondeu Richard.

Janeth sorriu envergonhada, mas feliz com o elogio.

Depois daquele dia, Richard ia todos os dias ao restaurante, sempre pedia o mesmo drink e passava horas a fio admirando a beleza e sutileza da humilde garçonete. Lisonjeada com a cortesia do rapaz e diante de um homem tão educado, gentil e bonito, no coração de Janeth começava a florescer uma paixão.

Era o começo de um amor conflituoso e quase impossível.

A família de Richard queria que o rapaz se casasse com Rachel, seria um bom casamento, onde famílias nobres de Laranjeiras ficariam mais poderosas e unidas num mesmo ideal. E assim também era a vontade da interesseira Rachel, que só pensava em se casar, mesmo que sem amor, não a importava, com Richard para manter as aparências e multiplicar suas fortunas.

Um dia qualquer, no final do expediente de Janeth, ela se depara com Richard de braços cruzados, encostado em seu charmoso carro, que lhe disse:

— Passei horas aqui, em pé, incansável, precisava te ver. Mais que isso, quero que aceite que eu te leve até sua casa e me dê a honra de sua companhia.

— Desculpe-me, Richard! Estou muito cansada, trabalhei o dia inteiro, servindo pessoas de um lado para o outro e...

Richard a interrompe.

— Entre no carro, Janeth! Nada de desculpas hoje, por favor...

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Hoje este carro é sua carruagem e vou te levar em casa como os príncipes encantados fazem!, ele brinca.

A moça não teve chances de recusas e tratou de aceitar a gentileza.

Mas a história de amor desse jovem casal estava longe de ser como uma daquelas que lemos nos livros de romance por aí.

Logo, a assiduidade de Richard ao mesmo restaurante e a felicidade repentina do rapaz despertou a curiosidade de Rachel, que não demorou em descobrir o amor proibido em qual Richard estava se envolvendo.

- É difícil entender o que um homem elegante, de gosto refinado como você conseguiu enxergar em uma empregadinha de quinta como aquela, Richard!, esbravejava Rachel. Sem conseguir esconder sua indignação, raiva e pior, sua dor de cotovelo, Rachel planejava destruir aquele romance de qualquer maneira.

- Não se meta mais na minha vida!!! Você sempre soube que de você quero apenas a amizade e nada mais. Não quero e não vou me casar com uma mulher idealizada pelos meus pais. Eu gosto da Janeth...

Rachel começa a gritar enlouquecida, perde totalmente o controle e a pose de menina rica. Mas o rapaz não se importou, não queria saber dos devaneios de uma pessoa mimada e sem limites.

Saiu andando a passos largos, deixando-a ainda mais contrariada.

Foi ao encontro de sua doce, Janeth; mas teve uma desagradável surpresa. A pobre jovem estava irreconhecível,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

se mostrou agressiva, despenteada e aqueles tão lindos olhos amendoados estavam vermelhos e perdidos.

Após algum tempo, Janeth adormeceu ao lado de alguns cadernos que tinha em sua casa. O apaixonado rapaz, em choque, resolveu mexer nos pertences da moça e descobriu o segredo mais triste da vida de Janeth.

Janeth teve uma infância sofrida, foi maltratada pela mãe na infância, que a obrigava a trabalhar noite e dia para sustentar seu vício em drogas. Convivendo com o vício da mãe e sem nenhum apoio psicológico durante a infância, a menina não resistiu e caiu na mesma armadilha que sua mãe, se tornou dependente.

Ela cresceu, mudou de cidade, tentou por várias vezes abandonar o vício, mas não obteve sucesso.

Quando acordou e se deparou com Richard lendo suas anotações sobre as terríveis crises que tinha, Janeth se mostrou mais uma vez descontrolada.

— Some daqui! Some daqui! Eu não quero que você me veja desse jeito, não quero, não quero...

Depois de tomar consciência sobre a sofrida história de sua amada, o amor do rapaz só aumentava e a vontade de ajudá-la também.

Foi um escândalo no mundo em que Richard vivia. Seus pais, amigos, sua prometida Rachel fizeram de sua vida um inferno, o atormentavam com severas críticas e garantiam que nunca iriam aceitar tal tumultuoso romance.

Queriam obrigá-lo a se casar com Rachel o quanto antes e assim, fazer com que ele esquecesse aquela desprezível menina pobre.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

As tentativas de Richard para afastar sua amada de dependência eram infinitas e ele se mostrava incansável. Internações, acompanhamento com médicos renomados, o próprio amor de Richard, nada foi suficiente contra o vício de Janeth.

Mas o rapaz lutava. Lutava todo segundo, toda hora, todo dia... Lutava com tudo, contra todos, contra ele mesmo.

Depois de alguns anos, a convivência com o vício de Janeth ia se tornando insuportável, a menina doce se contradizia a toda hora com a dependente em drogas.

Logo, Janeth adquiriu má saúde e ficou por demais debilitada. Acabou por falecer, em uma linda noite de outono. Foi um duro golpe para Richard, que passava dias sozinho, trancado em seu quarto, sem querer ver mais ninguém.

Foi um amor espontâneo, forte, capaz de ultrapassar barreiras e preconceitos, mas foi veloz, temporário.

Richard não se casou com Rachel, mesmo depois do acontecido. Se tornou um homem solitário e trazia tristeza no olhar.

As lembranças do amor que viveu com Janeth, ele nunca esquecerá, pois acima das dificuldades que enfrentou ele amou. E amou de verdade.

VIAGEM DIVERTIDA

Tiago Mendes

Aos 15 anos de idade Rafael e seus amigos; João, Sandro e Marinaldo saíram para acampar em uma fazenda bem distante da cidade em que viviam. Os jovens rapazes estavam planejando uma inesquecível viagem.

O local escolhido pelos jovens foi o sítio do tio Leu; um lugar muito bonito e cercado de montanhas. Ao chegarem ao local desejado os meninos já estavam entusiasmados com o que iria acontecer.

Passaram o dia muito bem, brincando e se divertindo na piscina. Todos estavam felizes, pois há algum tempo já estavam programando essa tão esperada viagem.

Ao anoitecer os adolescentes e os donos do sítio foram deitar-se, mas Rafael por querer ser aventureiro, teve uma idéia, e disse aos seus amigos:

— Ei meninos, que tal se formos por essas montanhas espiar o outro lado.

Sem pensar duas vezes os meninos concordaram com a idéia e saíram da cama.

Rafael gostava muito de levar algumas bombas a todos os lugares em que ia, e desta vez não foi diferente, ele encheu a mochila de bombas e levou-as.

Então os meninos aventureiros saíram pela noite fria interiorana em busca de algumas descobertas e durante o

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

caminho conversavam.

— Ouvi dizer que do outro lado do vale tem um vilarejo e que nele moram alguns homens, e estes por sua vez têm muito medo de serem surpreendidos por uma invasão.

— É isso mesmo, o tio Leu disse a mesma coisa para nós.

— Mas a questão é que por esses lados não há ninguém que possa invadir um vilarejo tão pequenino.

E seguiam em frente subindo montanha... Passada meia hora os rapazes chegaram ao topo, e de lá conseguiam ver todo vilarejo que ficava do outro lado. Mas não satisfeitos acharam que deveriam descer mais um pouco, e assim foi.

— Daqui de cima consigo ver algumas luzes acesas lá em baixo e vocês?

— Eu também consigo “Rafa”.

— Falando nisso, eu trouxe algumas bombas comigo. Vamos estourá-las?

— Sem dúvida!

Os meninos acendiam uma a uma das bombas e sendo um vale o ruído ecoava por todo o vilarejo e com isso eles se divertiam as três horas da manhã enquanto todos estavam assustados com as bombas.

Rafael era um menino inteligente e percebeu algo estranho no ar.

— Amigos, eu tenho a leve impressão de alguém estar subindo a montanha ao nosso encontro.

— Não se preocupe “Rafa”, não há ninguém.

— Apenas sua imaginação.

E continuaram a explodir as bombas. Mas mesmo assim

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Rafael continuava preocupado, pois os latidos dos cachorros e as luzes ficavam cada vez mais perto. Foi quando os meninos ouviram cochichos de homens subindo na direção deles.

— Vamos correr

— corram, corram!

Rafael e seus amigos correram como nunca e estavam descendo a montanha, quando Marinaldo esbarrou em uma vaca e caiu, pois a noite estava escura e não conseguiam enxergar nada. Os amigos correram para ajudá-lo e continuaram a corrida para chegar ao sítio novamente.

Os meninos desceram em apenas quatro minutos o que subiram em trinta.

Ao chegar ao sítio, os jovens deitaram-se e dormiram.

No dia seguinte, após o episódio ocorrido, os meninos ouviram alguns comentários sobre a noite anterior.

— Ei rapaz! Ouvi dizer que ontem à noite tentaram invadir o vilarejo do outro lado.

— Pois é eu também ouvi muitos ruídos parecidos com tiros de canhão.

Todos os que estavam hospedados no sítio do Leu ficaram muito assustados com a notícia sobre a invasão. Os únicos que estavam tranquilos e felizes eram os meninos.

Apenas depois de algum tempo os meninos confessaram o que tinha acontecido naquele vilarejo.

— Tio Leu!

— Sim, o que você quer?

— Lembra aquela vez em que fomos ao sítio do senhor, então: Na verdade não houve invasão, eram apenas bombas e nós

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

que as soltamos no vale.

Tio Leu por um momento ficou nervoso, mas como era uma historia passada apenas advertiu os meninos.

— Bem, já que vocês estão me contando a verdade, quero pedir que não façam mais isso, pois estes homens sempre andam armados e se tivessem os visto vocês não estariam aqui para me contar.

Assim os meninos ficaram sem reação ao saber da notícia, e Rafael não mas usou bombas para sua diversão.

A HORA DO CRIME

Thaís H. C. Stéfano

Todos os domingos, no caminho para a igreja, dona Júlia passava em frente a uma joalheria e, por longos minutos, observava as belíssimas peças expostas na vitrine.

Como fazia todas as semanas, foi ao bingo depois da missa, mas nesse dia em especial ganhou um prêmio em dinheiro. O total de mil reais foi igualmente dividido entre ela e uma segunda ganhadora. Depois de refletir sobre o assunto, decidiu ir até a joalheria. Lá ela se interessou por um lindo relógio de pulso. O vendedor lhe assegurou;

– É uma peça muito valiosa. Tem detalhes em ouro e um brilhante no ponteiro que indica as horas.

Convencida de que seria um bom negócio, pagou ao comerciante e saiu da loja satisfeita.

No dia seguinte, dona Júlia tomou o metrô para ir ao médico. A cada exatos sete minutos, ela conferia as horas. Algumas vezes por receio de atrasar-se, outras por pura vontade de apreciar sua mais recente aquisição.

Depois de algumas estações, um rapaz negro de aparência humilde, sentou-se a seu lado. Não que dona Julia fosse preconceituosa, mas começou a reparar nos modos e nas roupas do jovem. Lembrou-se de que em seu tempo as pessoas se arrumavam mais para sair de casa. Sim, bons tempos aqueles. Antigamente não havia tantos assaltos. Naquele mesmo dia havia

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

passado no jornal da manhã a história de uma mulher morta por um malfeitor que lhe furtou a bolsa.

Naquele momento um pensamento terrível lhe passou pela cabeça. Talvez fosse só uma impressão, mas aquele moço poderia perfeitamente tentar roubá-la. Não havia muitas pessoas no metrô e, se o pior acontecesse, ela não teria como reagir.

A situação era perfeita, os dois afastados dos demais passageiros, sentados bem perto da porta, ele poderia até mesmo ter uma faca escondida na mochila. Era só uma questão de tempo para que tudo acontecesse.

Quando se deu conta, ela estava olhando fixamente para o rapaz, que se encolhia no banco, desconfortável com a situação.

Ainda desconfiada, mas determinada a disfarçar, ela virou o rosto para a janela, tentando manter a calma. Finalmente estava chegando, sua estação era a próxima. Foi quando, virando-se para conferir as horas antes de sair, que dona Júlia percebeu que em seu pulso, onde antes estava o relógio, não havia mais nada.

Como era possível? Ela nem havia percebido. O rapaz ainda estava sentado lá. Cínico! Júlia estava decidida a não fazer escândalo.

Depois de tomar coragem, sussurrou ao mancebo;

— Preste atenção, me dê o relógio, e eu desço, fingindo que nada aconteceu.

Ele, com ar de desentendido, respondeu;

— Desculpe, do que a senhora está falando?

Mais uma vez, agora mais alterada ela disse;

— O relógio, garoto. Dê-me, e vamos acabar logo com isso.

Então, assustado e olhando para os lados o garoto entregou

o objeto, e observou a mulher que saía apressada pela porta do vagão.

Chegando à plataforma, satisfeita com o modo com resolvera a situação, ela segurou firmemente o artefato nas mãos e percebeu que havia algo errado. Olhando com calma percebeu que não era seu relógio que segurava, mas sim outro, digital, já um pouco gasto. E na verdade aquele com detalhes em ouro e um brilhante no ponteiro que marcava as horas havia escorregado por seu braço, chegando quase no cotovelo.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

SUPERAR É PRECISO

Vanessa Couto

Carolina, uma jovem simples e sonhadora, morava com seus pais em uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul. Eram de classe baixa e passavam por muitas dificuldades. Seus pais faziam o que fosse possível para vê-la feliz. Sabiam que o maior sonho dela era tornar-se dançarina de balé clássico e conseguiram uma bolsa na escola de dança de Pelotas uma cidade vizinha.

No período da manhã Carolina estudava e à tarde ia para aula de balé, e ficava até à noite se dedicando. Após cinco anos, um professor recém-chegado à cidade, ao vê-la dançando, falou que ela teria um futuro brilhante, e passou a dedicar-se mais a ela. Inscreveu-a em todos os concursos que eram promovidos.

Suas apresentações eram espetaculares, todos a aplaudiam de pé. Em uma apresentação em São Paulo, uma senhora falou que gostaria de ser a patrocinadora dela, e queria conversar com os pais dela. Carolina super-empolgada aceitou, levou-a para conhecer e conversar com seus pais.

Dois dias se passaram e lá estava a senhora. Após uma longa conversa, decidiram que ela seria sua patrocinadora. Viajariam pelo Brasil, e todas as despesas seriam por conta da patrocinadora. A partir daí, Carolina Fonseca se tornou uma grande dançarina de balé clássico, e pôde dar uma vida mais justa para seus pais, retribuir tudo o que eles haviam feito por ela.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Porém um grande obstáculo estava por vir. Em viagem para visitar seus pais, sofreu um grave acidente e passou a usar cadeira de rodas. Sua recuperação foi longa, mas progredia cada vez mais, e não via a hora que de voltar aos palcos.

Seu médico deu-lhe uma triste notícia, a cadeira de rodas seria para o resto da vida. Mesmo assim, com sua enorme força de vontade, voltou para o balé, e treinava todos os dias, pensando que algum dia voltaria a fazer o de que mais gostava.

Ao passar três meses, fez sua primeira apresentação com cadeira de rodas. Foi um espetáculo! Nomeada primeira dançarina de balé sobre cadeira de rodas do Brasil. Fundou uma escola de dança para pessoas especiais e continua fazendo apresentações de dança por todo o mundo.

INDEPENDÊNCIA

Eia Rodriguês

Ela nunca sabia qual seria o fim da noite, se bem que nunca planejava fins de noite, na verdade nunca foi de planejar nada, gostava de surpresas, gostava mesmo era de viver e ver, talvez por isso tomava tantas decisões erradas.

Chegava em casa às vezes com um sorriso e um buquê de flores. Um buquê para si mesmo, pois morava só, ou melhor, com gatos, discos, livros e bebidas para todos os tipos de sentimentos às vezes para um mau humor amargo e um maço de cigarros amassado. Já não suportava mais sua solidão, a única companhia naqueles anos todos eram seus discos e o bom e velho uísque, que tomava em momentos em que se sentia só, quase sempre, lendo Clarice Lispector, ela adorava como a escritora olhava para vida. Sentia-se lida por Clarice.

O telefone toca, no clímax da musica “quando você me quiser rever já vai me encontrar refeita pode crer”..., era Fernando, seu velho amigo dos tempos de escola, eles tinham uma ligação que quase cósmica, quando mais precisava de alguém o outro aparecia.

–Tive muitos pesadelos durante a noite e a procurei em todos os momentos para acalmar-me. Levantei cedo, fiz café e comecei a ler o jornal. O tempo não passava e meu coração batia cada vez mais fora de compasso.

– Como?

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

– É só pra avisar que eu estou aqui na casa dos meus pais, vou passar uns dias aqui.

– Como você é dramático, Fernando, sempre estive aqui – Nunca tinha sido tão difícil segurar o choro.

– Eu sei, mas é andei pensando mais do que eu deveria em você, continua morando sozinha?

– Nunca morei sozinha! Agora estou eu, o Chico, os gatos, uísque e Clarice

– Você tem umas intimidades com sua imaginação – E riu

– Claro, tantos anos de convívio

– Amanhã passaremos a noite juntos, pode ser?

– Minha casa sempre estará de portas abertas para você.

Despedem-se, e ela fica tépida agora ao som da linha, nem acreditando que iria ver seu bom e velho amigo. Um pouco de nostalgia começa, mas ela sempre detestou esse tipo de coisa, então coloca o pijama e vai dormir, esperando que chegue logo a noite seguinte.

No dia seguinte estava mais que animada para receber Fernando, e tinha tomado uma decisão contar tudo amor que sentia por ele, aquilo estava engasgado como um pequeno espinho que não mata, porém machuca e demora a ser devidamente digerido.

Arrumou o apartamento, selecionou a música. Aquela noite ouviria David Bowie, pois ambos gostavam, limpou a agulha do toca disco, para nada dar errado, selecionou, bebida, o ambiente, providenciou tudo.

A campainha toca, seu coração dispara, Fernando chega com flores. Como sempre gentil, ela o abraça fortemente, ficam

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

tão feliz que até choram. Fazia tempo que ela não chorava de felicidade, ainda mais por causa de gente.

– Você mudou de novo o cabelo?

– Faz anos que não nos vemos sabia? Você sabe não aguento um mês com a mesma cara. Seu signo está ótimo hoje!

– Ainda gosta de astrologia?

– Isso já é uma característica minha, esqueço o nome das pessoas, mas nunca o signo. Eles riem, a afinidade é tão clara e poética, que são perfeitos juntos. Ele era a única companhia que agradava a ela de verdade, o único capaz de entendê-la.

Coloca o Bowie pra tocar com a velha musica onde tudo começou “ The World Falls Down”. Eles começam a se lembrarem dos velhos tempos de escola. O disco, tocando, a bebida fluindo querendo atingir a mente de ambos. Até que ela se levanta e diz em um tom bem claro e suave, talvez para não aparentar desespero e ansiedade com o que poderia acontecer

– Preciso te contar uma coisa.

Ele ri e brinca perguntando qual é o novo vício dela.

– Para de brincar é sério. Esse tempo todo eu escondi uma coisa que é muito importante e que precisa saber.

Ele fica sem reação e começa beber suas palavras como aquela sede que sentimos no verão, após andar dois ou três quarteirões debaixo de um sol de trinta e cinco graus.

– Eu sempre te amei desde o primeiro olhar, nas primeiras palavras. Sempre te amei.

– Como pôde esconder de mim, esses anos todos?

– Eu não tinha escolha, éramos muito amigos não queria que tudo virasse poeira, não queria acabar com a nossa amizade,

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

por um desejo que poderia esperar passar, mas não passou, não agüento mais precisava te contar .

– E nem se preocupou com o que eu pensaria?

– Por isso mesmo que estou te contando a verdade!

Ela não sabia que nesses anos todos, ele vinha sofrendo por ela, e por isso tinha sumido tanto tempo. Eles se correspondiam inconscientemente, porém ela preferiu os amigos a bebidas, enquanto ele já estava cansado da vida sem limites que ela tinha, então decidiu partir.

Ele para, por alguns minutos olha para parede onde ela havia escrito uma de suas frases prediletas do Caio F. de Abreu “Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra.”

Reflete rapidamente e vai atrás dela, que havia corrido para o banheiro o lugar predileto para seus desesperos. Ela sempre corria quando tinha problemas isso todos haviam se acostumado.

Até que se depara com seu corpo caído no chão, com a maquiagem borrada. Talvez tivesse lavado o rosto para tentar esconder o choro demasiado.

Então a leva ao hospital, direto para a emergência. Depois de algumas horas, a médica o chama em uma sala. Ambos detestavam hospital ela talvez por detestar coisas que não tem cor (tudo na sua vida era muito colorido), as paredes do apartamento, as roupas, os sapados, as maquiagens, de tudo. Ele achava graça nas suas cores, e passaram a dividir esse gosto pegando nojo de coisas básicas.

A médica pergunta pela família dela. Ele diz que tem o telefone da mãe, mas nem sabe se ainda era aquele. Ela tinha

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

decidido morar em uma cidade distante de todos, gostava de sua independência. Pergunta se ela bebia há muito tempo. Ele dá uma risada e diz que nem sabe direito, mas desde que se conhece. Perguntou se sabia que ela usava drogas. Com ar de espanto, procura uma cadeira para sentar-se, começa a pressentir que a médica não lhe dará uma notícia agradável. Com o olhar sério, diz em tom frio e profissional:

– Será preciso trazer uma roupa e entrar em contato com a família, ela acaba de falecer.

Ele fica parado por cerca de uma hora no corredor do hospital, não chora, simplesmente silencia-se. Ela morreu sem saber que ele a amava tanto quanto ela sonhava, porém ela realmente tinha escolhido sua independência.

EULÁLIA

Silmara Rocha

José Carlos, homem feito, filho obediente, começou a namorar uma moça chamada Eulália. Seu pai, Eustáquio, ao saber do namoro chamou-o para uma conversa:

– Meu filho, essa moça que está namorando, é de família mesmo?

– Sim meu pai. Eulália é moça de família, ingênua, quase não sai de casa.

– Tudo bem filho, então corresponda à altura e seja educado, inclusive não querendo certas liberdades com ela.

– Que tipo de liberdades ?

– Querendo beijá-la a torto e a direito por exemplo.

José fica um pouco indignado, mas se contenta, afinal, ele considera tudo o que o pai lhe diz. No dia seguinte, ao encontrar com a namorada, ele relatou a conversa, e a moça çje disse:

– Muito gentil seu pai ! Deve ser um homem admirável.

Ele que já o admirava, ficou ainda mais feliz com o comentário da futura noiva. E assim, seguiu o namoro, tranquilo, sem impaciências ou contratempos.

Um dia, porém, o médico da família dela bate à porta do futuro noivo e, sem rodeios, vai dizendo que ela acaba de sair do consultório dele e que está grávida. Atordoado, José Carlos corre

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

para casa e vai direto contar ao patriarca a terrível notícia:

– Pai, Eulália está grávida, e juro que não fui eu!

Calmo, o pai teve uma conversa longa com o filho e pergunta:

– Antes de você, Eulália teve um namorado não teve ? Tenho certeza que foi ele.

– Tens razão ! O senhor tem sempre razão.

Com isto em mente foi até à casa dele e exigiu o nome do ex namorado. Sem saber o que fazer, ela deu o nome de um ex qualquer. José conhecia-o de vista, e de nome, e foi até a casa dele, antes que o homem pudesse esboçar um gesto, deu três tiros à queima roupa. No ápice de sua raiva e vendo o pobre homem agonizar aos seus pés, vira a arma para sua própria cabeça e dá um disparo.

Mais tarde na sala da casa, havia cinco ou seis pessoas além do pai e da namorada. Quando Eustáquio chama Eulália até o corredor. Chegando lá, sem uma palavra, ele pega-a pela cintura e a beija com loucura, com gana. Quando se soltam, respirando forte, ele diz:

– Foi melhor assim. Ninguém desconfia, ótimo.

Voltaram para sala e continuaram o velório.

IMAGINE

Felipe Souza Araújo

Anos atrás conheci uma família próspera em tudo. Nada lhe faltava. Embora vivessem bem, os membros dessa família eram muito simples. Bem, nem todos. Digamos que havia um, ou melhor, uma que era diferente. Quando chegava a um lugar a ninguém cumprimentava. Não namorava. Os poucos relacionamentos que teve não deram certo, pois os rapazes declaravam que ela era louca. Ela, entretanto, dizia que eles não a satisfaziam.

Gostava muito de viajar sozinha. Na verdade nunca viajou acompanhada. Em suas viagens ia bastante a bibliotecas. Amava livros. Passava horas lendo; preferia isto a perambular nas ruas de Paris, ou a passear pelas vias marinas de Veneza. Os livros prendiam-na de tal forma que nem a Cidade Santa com seus artefatos religiosos despertou-lhe interesse. Livros! Livros era o que tanto ansiava.

Um dia, numa dessas não poucas viagens, foi ela à biblioteca da cidade onde visitava. Essa biblioteca era pequena e naquele dia estava vazia; percebeu que não havia mesas, consequentemente não tinha cadeiras. Caminhou em direção às prateleiras a fim de procurar alguma obra literária que lhe interessasse, porém encontrava somente as que já tinha lido. De fato a todos os livros que olhava uma expressão de: “este já li”, em seu rosto aparecia.

Chegou, então, ao último corredor. Andou vagarosamente por

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

ele. Trazia em seu olhar um pouco de decepção misturada a uma porção menor do que isto de esperança. Passava as mãos sobre os livros, como se os tivesse limpando.

Avistou, porém, no final da prateleira, um livro que a princípio não chamava a atenção. Aproximou-se dele para manuseá-lo. A primeira página estava em branco, da mesma forma as duas seguintes. Na quarta folha estava escrito: “Leia esta obra devagar e com atenção”. Marisa em pensamentos resmungou: “Que livro de louco”. Contudo continuou. Virou para a página seguinte.

– Finalmente começará essa história. Disse ela em voz baixa.

O início da narração dava-se com duas perguntas. “Como é a sua vida? Para o que você vive?”. A jovem mal pensou na resposta e pulou a página. “Responda à pergunta que te fiz.” Era o que ali estava escrito. Ela, então, expôs em pensamento lixeiro as questões. Ao virar a página, deparou-se com outra pergunta: “Por que você está aqui?”. A moça, mesmo sem entender nada, prosseguiu a leitura.

“Imagine, agora, que você está em uma casa com muitas pessoas morando com você e que você os ama muito. De repente você se encontra sozinha. O que faria?”.

– Possivelmente, eu procuraria livros para ler. Senão os tivesse, dormiria o dia inteiro. Retrucou Marisa.

Ela persistiu em ler a história, mesmo com a certeza de que aquela leitura não aumentaria, nem um pouco, a seus conhecimentos.

“Imagine que em um momento em que você estivesse fazendo uma dessas suas atividades, você ouvisse um barulho esquisito

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

que tirasse sua concentração, deixando-a totalmente enraivecida. Como você reagiria?”

A moça, ainda não compreendendo, começou a resmungar; porém insistiu na leitura.

“Imagine que você procurasse em todos os cantos possíveis da casa, contudo não descobrisse de onde vinha o bendito barulho. Imagine que você não conseguisse fazer absolutamente mais nada, senão em como solucionar o problema.”

“Imagine que você descobrisse, depois de um longo tempo, que todas as portas e janelas da casa estavam trancadas. E a cada momento o barulho aumentasse mais e mais, provocando uma forte dor de cabeça. Imagine que você visse uma janela com a cortina semi-aberta e que você percebesse que o som viesse daquela direção. Imagine que você se conduzisse até lá, com a certeza que viesse o barulho. De repente você desvendasse que era simplesmente...”

– Psiu. Moça, fecharemos a biblioteca em três minutos, queira retirar-se, por favor. Disse o bibliotecário.

– Posso levar o livro?

– Não. Você não leu o comunicado na entrada?

Quando Marisa saiu, observou o que dizia no comunicado:

“Não fazemos empréstimos.”

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
O PROFESSOR DE ARTES E A APRENDIZ

DE FEITICEIRA

Agata de Andrade

– Posso desenhá-la? pergunta Arthur um tanto desconcertado por fazer o pedido a Selena.

– Agora? responde ela com timidez.

– Claro!

A garota encosta na mesa que estava atrás dela e faz uma pose qualquer toda desajeitada, enquanto ele pega papel, prancheta e uma caneta azul.

As mãos do professor de artes estremeciam, não se sabe ao certo se pelo frio que fazia naquela noite, ou se pelo nervosismo de estar satisfazendo um desejo que lhe fora despertado, desde quando Selena passou a frequentar sua escola de artes.

Ele tinha 35 anos quando a conheceu, ela tinha 17. Algumas semanas depois a menina passou a fazer-lhe visitas semanais, não tinha um motivo certo em mente para fazer isso, mas gostava de estar naquela sala cheia de quadros e alunos. Selena chegava sem avisar, cumprimentava-o, sentava em uma das mesas e tentava desenhar, ou simplesmente esperava um espaço de tempo entre um aluno e outro para poder conversar com Arthur.

Após o primeiro dia que ele a desenhava, já com números de telefones compartilhados, marcavam de encontrar-se na escola para que a menina pousasse mais algumas vezes para ele. Arthur

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

não era um simples professor, podemos dizer que era também um mestre das artes. A Selena não agradava a companhia de qualquer pessoa. Quando estava com ele, mil e umas conversas sobre diversos assuntos aconteciam. Era todo um saber que a encantava. Não mais queria estar longe daquele ser que entoava palavras que lhe davam tanto deleite.

Ela era uma garota tímida e de poucas experiências na vida, devido sua tenra idade, mas gostava de compartilhar com ele algumas coisas singelas do seu mundo, como algumas fotos e músicas de bandas prediletas que levava para a escola gravadas em CD. Ele, um homem já formado, falava de filosofia, metafísica, música, religião e artes visuais. Entre uma conversa e outra, o professor trouxe uma câmera com algumas fotos de sua mulher nua e grávida de seu primeiro filho. Para ele, aquela era uma demonstração da mais pura e bela arte expressa em imagem fotográfica. Enquanto as fotos passavam, ele, já com o corpo e o rosto bem perto de Selena, tenta beijá-la, a moça vira o rosto, não corresponde.

O homem não compreende. Ela pega as coisas que lhe pertence, e ele, as chaves. Os dois vão para o carro. Arthur a leva para casa. No caminho, aquele típico silêncio ensurdecedor. Ele estaciona o carro. Como quem balbucia frases que não fazem sentido, Selena ouve palavras que não consegue raciocinar ao certo o que significam de tão grande que era sua agonia. Em um instante, ela desiste de tentar que tudo faça algum sentido e o beija, mesmo com hesitação.

– A porta está fechada! Abre a porta! Selena fala, tentando abrir o veículo desesperadamente.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

– Não, mas por que isso? Por que agora, e não antes? pergunta o professor de artes certamente atordoado.

– Você sabe por quê! Abre a porta! Por favor! Abre!

Arthur abre a porta.

– Tudo bem, conversamos depois que você estiver melhor.

A menina sai rapidamente do carro e vai desnorteada para sua casa. Era difícil para ela aceitar que estava apaixonada por um homem quase vinte anos mais velho, comprometido e com um filho a caminho. Dias depois eles se encontram novamente na escola, e como sempre, quem fala primeiro é o professor.

– Eu não penso que isso seja traição, não faço isso pensando em prejudicar ninguém, faço porque sinto algo bom por você e sinto vontade de fazê-lo. Traição para mim é agir pensando em descontar alguma coisa que o outro lhe fez, por vingança, ou por sacanagem. Eu não quero fazer nenhum mal a Marine, sei que ela não iria gostar. É uma coisa que um dia eu vou contar para ela, mas agora não é o momento, ela não iria aceitar, não agiria de maneira benéfica nem para mim e nem para ela.

– Mas eu não consigo pensar desta maneira...

Infringindo ou não as leis de boas maneiras, os encontros se tornaram permanentes. Um dia ele resolveu buscar Selena no colégio para levá-la para um passeio pela Grande São Paulo. Antes de ir para a Livraria Cultura, passaram em uma galeria onde eram expostas obras de arte diariamente. Pararam em frente a um quadro.

– Eu quero pintá-la assim! disse Arthur.

A obra mostrava uma mulher com roupas escuras caminhando em um fundo negro, detalhe para a blusa que

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

estava aberta mostrando os seios. A menina ficou sem jeito, mas não discordou. E após uma semana, acompanhado de uma bela música de fundo e um bom vinho, o quadro de Selena foi pintado pelo professor ao estilo expressionista, e mesmo com o acanhamento dela, tal como viram na galeria.

Sentindo que o relacionamento dos dois não mais fluía naturalmente, o professor resolve conversar com a garota. Ambos chegaram em um consenso de que era hora de aceitar o fim. Ela queria, mas não conseguia mais ficar se escondendo da família, dos amigos, não conseguia estar de braços abertos ao mundo que lhe fora apresentado. Ele sabia que cobrava demais de quem era apenas uma menina e não estava preparada para vivenciar certas situações. E cada um mudou de rumo sem olhar para trás.

Dois anos mais tarde, Selena deixa um presente junto a uma carta com um professor que trabalha aos finais de semana na escola de Arthur. Este foi o primeiro passo que os fizeram se aproximar novamente. Ele responde com uma carta também deixada na escola e combinam de reencontrar-se. O professor se depara com uma garota já não de tão poucas palavras e com mais coragem de assumir os próprios atos e seguir em frente. Desta vez, o romance não teve um fim propriamente dito, eles simplesmente não se veem mais, não se comunicam, e pronto.

Um tempo depois de perder o contato com Arthur, enquanto está em sua aula de piano, Selena recebe a ligação de uma mulher.

– Alô?

– Oi, Selena? É a Marine.

– Pode falar, responde Selena surpresa pela ligação daquela mulher.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

– Eu só liguei para dizer que eu sei o que aconteceu entre você e o Arthur...

A garota se assusta com as palavras de Marine e desliga o celular sem antes esperar que ela falasse algo mais. O celular toca novamente e ela o desliga. Selena volta à aula com os dedos tremendo, não conseguia mais se concentrar. A mulher de Arthur passou os dias ligando para a moça, não desistia. Ela morria de medo que a mãe atendesse o celular e ficasse sabendo de tudo o que acontecera entre ela e o professor de artes.

Selena pertencia a uma família de moral rígida quanto à postura e o comportamento das pessoas; religiosa, jamais aceitaria um erro como o dela. Tinha medo de quebrar a sua imagem tão bem construída ao longo de muitos anos. Uma vez Marine ligou para ela quando a avó da garota estava com o celular ao lado, elas estavam em uma reunião de família, Selena já ficou se remoendo ao imaginar o desastre que seria se a senhora atendesse.

E foram dias assim, a garota não atendia, a mulher continuava ligando. Para acabar com aquela situação desconcertante, Selena mandou uma mensagem para o número de celular que recebia ligações de Marine.

“Não sei por qual motivo ainda queres falar comigo, mas amanhã te ligarei às 20h40.”

A garota liga para a mulher e fica sem saber muito bem o que falar.

– Você não tem nada para me falar? diz Marine.

– Não, eu não tenho o que falar.

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

– E ainda é cínica. Como não? Você sabe o que você fez?!
aumenta a voz do outro lado do celular.

Selena não se pronunciou muito, apenas ouviu tudo o que a mulher tinha a dizer, realmente não sabia muito o que falar naquele momento. No outro dia recebeu uma mensagem com a mulher dizendo que gostaria de conhecê-la, pede para ir à casa do casal. Atordoada, perguntava-se como uma mulher em uma situação como aquela, ainda teria coragem de dizer um absurdo como aquele. Pensava: O que esta mulher quer de mim agora? Como posso confiar nela? O que eu vou encontrar quando chegar lá? Ela quer arrancar meu pescoço fora! Não é possível! Eu não vou! Não vou me arriscar desta maneira!

A moça sempre quis conhecer a mulher de Arthur, mas como poderia? Ela era a outra, certo? Trazer a amante de meu marido para conhecer minha casa e filhos? Como? Jamais. Em sã consciência de quem mora em um país cristão, ninguém faria uma coisa dessas. Tantos escândalos e assassinatos por casos de adultério, Selena não queria ser mais uma notícia estampada na capa de um jornal. Mas a mulher insistiu.

Ela manda mensagem para Arthur perguntando por que ele não a comunicou de que a esposa já estava ciente do que acontecera entre os dois. Ele responde que não esperava que Marine ligasse para a garota, e pergunta se ela virá a casa dele. Como o professor já sabia do convite de sua mulher feito para ela, Selena resolve aceitar.

Antes de sair de casa, deixou um papel com o endereço, os telefones e nomes das pessoas do lugar em que estaria, se ela demorasse mais do que o normal, os pais já saberiam onde a

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

procurar. Com o coração nas mãos e as pernas bambeando, Selena sobe as escadas do apartamento do casal. Um passo de cada vez, respirando profundamente. Ela chega ao último andar. Respira mais uma vez e bate à porta. Do outro lado aparece uma mulher com uma criança no colo e um garoto correndo de um lado para o outro.

A noite foi calma, mais tranquila impossível. A garota não sabia se deveria temer mais ou se isso era um sinal de trégua. E para apaziguar ainda mais os sentimentos turbulentos de Selena, o professor que trabalhava aos finais de semana na escola de Arthur apareceu para fazer uma visita. Conversaram, comeram, beberam, brincaram com as crianças, e tudo ocorreu como deveria, nos seus devidos lugares.

Eram duas da manhã, quando se deu conta de que o professor já havia partido, e as crianças dormiam. Arthur desceu para tirar o carro da garagem, enquanto Selena parou na porta para despedir-se de Marine. Antes que a mulher pudesse falar, a garota a puxou pela cintura e a beijou. Em um primeiro momento, a mulher corresponde ao beijo que lhe é roubado. Em seguida, sem jeito, pára. Selena a solta de seus braços e vai embora.

Logo pela manhã seguinte, Selena recebe uma mensagem:

“Bom dia. Gostei do beijo, quero mais rs”

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT
DIÁLOGO DIFERENTE ENTRE UM CASAL

NO TEMPO ANTIGO

Bruna de Assis

Sr. Afonso estava deitado em sua cama, observando pela janela de vidro cristalino de sua casa os cavaleiros da Corte que passavam em sua rua, homenageando a chegada do rei após a vitória na guerra. Percebeu que sua mulher estava montada em um dos cavalos dos cavaleiros. Loira dos olhos claros, pele macia, essa era Regina.

– Regina o que tu fazes aí entre esses homens?!

Ninguém ouviu o grito ao chamar sua mulher. Sr. Afonso levantou-se de sua cama macia, com a coxa bordada com fios que pareciam ouro, desceu a escada e caminhou até a movimentada rua. Entrou no meio da multidão, derrubou um cavaleiro do cavalo, montou e se dirigiu cavalgando até a frente onde estava sua mulher. Bravo, perguntou:

– Regina o que tu fazes aqui?!

– Ué? Estou comemorando a volta da majestade.

– Desde quando eu te dou permissão de saíres de casa e vir comemorar? –Ainda por cima montada nesse cavalo?!

– Desculpa, Sr., mas desde quando tu falas assim comigo?

– Ora, Regina, tu tenhas respeito, sou teu marido e eu quero que voltes agora para casa!

– Até parece Sr.! Eu demorei muito para conseguir montar

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

neste cavalo, e não será agora que eu irei descer.

Os dois, discutindo, e a festa continuava, até que o cavaleiro que foi derrubado por Afonso bateu em sua face e o derrubou do cavalo.

Regina não acreditou na cena que viu.

– Por que tu derrubaste meu marido?

O cavaleiro, sem dizer uma palavra, montou no cavalo e saiu.

– Não grite com o cavaleiro, Regina! Desça já daí e me explique como tu subiste neste animal e vamos para casa!

– Tu queres que eu conte? Contarei mas não irei para casa.

– Eu estava aplaudindo a chegada da Corte, e este cavalo estava solto, fazendo o maior alvoroço, eu simplesmente lancei-o, e, como agradecimento, o rei mandou me aceitar o animal de presente e cavalgar com ele.

– Pois bem então vamos para casa cavalgando...

– Sim Afonso. Vamos! – Já cavalguei demais contigo aqui, a tarde se foi e nós não percebemos. – Vamos.

Os dois voltaram montados no mesmo cavalo.

Um simples diálogo pode resolver tudo nem que dure a tarde toda.

A TÍLIA

Cadu Garcia

Mais um dia.

Tílio, o aposentado, estava em seu posto de sempre, na rua. Observava as pessoas: suas atitudes, roupas, gestos, conversas, olhares; de algumas deduzia a personalidade, refletia sobre elas e seus valores. Tentava desvendar os mistérios da alma humana.

Tinha certo repúdio por árvores e animais, mas ficava sempre numa alameda cheia de tílias, irritava-se com suas folhas secas caindo a seus pés. Era pior quando o vento as fazia roçar em seu corpo durante a queda! Não suportava quando isso acontecia, e praguejava muito!

Era um desses velhos ranzinzas, com muito assunto, mas pouca disposição para conversar. Raramente se dirigia a alguém e normalmente era para julgar, aconselhar com petulância, ou condenar: tantas vezes quis dar uma bofetada em alguma criança traquinas! Mas seu chamado sempre foi ignorado, quando muito lhe dirigiam um olhar apressado e logo desviavam, pisando nas folhas secas de tília, com aquele detestável crec-crec. Assim, estava sempre sozinho, ali para julgar qualquer transeunte, sob chuva e sol, no frio e no calor.

Não tinha noção de tempo, perdia-se nele entretido com suas observações sobre os outros; não tinha posses; não tinha mais amigos ou família, há muito não via um rosto familiar de sua época amigável e parecia fazer questão de não conhecer gente

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

nova. Era rígido consigo mesmo, não se permitia pensamentos depravados, não se deixava desviar a atenção do julgamento dos outros. Os outros: seus eternos réus.

Mas a Eternidade se manifesta fora do tempo, e não era neste campo que Tílio observava. Seu olhar crítico esqueceu-se de julgar a si mesmo e colocar-se em seu lugar, e, como ironia presenteadada como vingança pela própria Eternidade, um dia todo seu mundo e seu julgamento caíram. As dríades das tílias fizeram cair as folhas de toda a alameda naquele dia. Eternidade, princesa do além-tempo, que jamais poderia entrar nos reinos do príncipe Tempo, enviou seu carro carregado com aquilo que faria cair a torre onde se passava o julgamento de Tílio. Nele veio sua Morte, não para arrebatá-lo, mas para domar sua alma, para enforcar a Arrogância que lhe tomou e atirá-la entre o sol e a lua, fazer brilhar uma nova estrela na alameda dos loucos, dos pioneiros e dos amantes. Tílio, o príncipe rabugento daquele mundo, perder-se-ia no seu lugar de fantasias e excessos; tornar-se-ia andarilho perdido, viveria pela sorte num mundo de sombras; e, ali, de olhos vendados, encontraria de novo seu equilíbrio, ou cairia na loucura, de onde nunca voltaria.

Uma criança se aproximou com um cachorro, pequeno e tão doce. Pareciam dois seres do outro mundo, levando notícias e mensagens a um grande homem. Tílio não resmungou. Vinham em sua direção, e isso o excitou, o extasiou: enfim, companhia!

O cachorro tomou a frente, era branco e suas orelhas amarelas, só elas não eram brancas naquele animal que dançava, não corria.

Cheirou os pés de Tílio, abanava o rabo. Ele o notou!

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

Como era bom ser notado, ser percebido. Até se sentia amado, aquela alegria do cão não podia dar-lhe outra interpretação. O animal olhou para o alto, para ver Tílio inteiro! A felicidade do velho foi tanta que sentiu seu coração se derretendo até seus pés ficarem úmidos...

– Beni! Não faça xixi nas árvores! – O garoto gritou. Para o cachorro. Tílio se arrepiou. O céu estava nublado; mas o sol aparecia, baixo, perto do horizonte, caindo lentamente para se pôr, irradiando uma luz cruel e mórbida, sarcástica, mostrando a Tílio a urina do cachorro, que brilhava em seus pés.

“Não faça xixi nas árvores!” Mas o cão urinou nele! Tílio teve medo. O menino continuou seu caminho sem nem lhe pedir desculpas, o cachorro seguiu correndo pela alameda. Ele não conseguia abaixar-se para limpar os pés.

O vento do entardecer fez cair mais folhas perto dele, elas o irritaram mais, mas não resmungou, notou que as pessoas passavam por ele sem o olhar: ele sabia que costumavam observar e rir às escondidas quando alguém passava molhado por ali, como ele devia estar, mas não dele; e não era respeito, era indiferença. Não sentiam graça ou indignação; mal olhavam, aquilo lhes era natural.

Tentou pedir ajuda, mas o ignoraram.

Então começou a pensar sobre como as coisas mudaram. Lembrou-se quando era um respeitado homem em sua vizinhança, que teve família um dia, mas só tinha reminiscências. Buscou em sua memória, mas nada encontrou por toda aquela noite. Perdeu-se no tempo, de novo.

E, ao amanhecer, viu uma movimentação estranha na rua:

Contos do Primeiro Ano de Letras da USJT

bombeiros com serras para cortar árvores preparavam-se para cortar alguma tília. Ficou realmente feliz com isso, uma dessas árvores-despenca-folhas a menos para importuná-lo. Mas só cortavam árvores doentes, ele saberia reconhecer uma, mas não a encontrou. As serras foram ligadas, o perímetro de segurança montado. Começaram a cortar.

Tílio se lembrou.

Sua família vivia bem: seu filho trabalhava e sua esposa era uma boa avó, fazia doces aos fins de semana e às vezes sentia falta dele; mas viviam bem. Ele tivera um infarto há muito tempo e morrera.

Viu então como as pessoas se vestiam diferente, como o mundo era outro, e os anos se passaram. Ele renascera e era árvore. Só se deu conta disso quando morria de novo.

Só tinha uma lasca de tempo até ser tomado, novamente, pelos braços da Eternidade, entre os mortos. Apenas este momento para sentir o mundo como árvore. Sua arrogância o cegara e nunca admitiu sua condição.

O primeiro galho caiu.